



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

CAMILA DE ARAÚJO BERALDO LUDOVICE

**O PROGRAMA "CAFÉ COM O PRESIDENTE" À LUZ DA
SEMIÓTICA**



**ARARAQUARA
2011**

CAMILA DE ARAÚJO BERALDO LUDOVICE

**O PROGRAMA “CAFÉ COM O PRESIDENTE” À LUZ DA
SEMIÓTICA**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Araraquara, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

Orientadora: Profa. Dra. Renata Coelho Marchezan

**ARARAQUARA
2011**

CAMILA DE ARAÚJO BERALDO LUDOVICE

O PROGRAMA “CAFÉ COM O PRESIDENTE” À LUZ DA SEMIÓTICA

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: _____

Nome: Profa. Dra. Renata Coelho Marchezan

Instituição: Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara - UNESP

Membro Titular: _____

Nome: Profa. Dra. Edna Fernandes Nascimento

Instituição: Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara - UNESP

Membro Titular: _____

Nome: Prof. Dr. Arnaldo Cortina

Instituição: Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara - UNESP

Membro Titular: _____

Nome: Prof. Dr. Juscelino Pernambuco

Instituição: Universidade de Franca - UNIFRAN

Membro Titular: _____

Nome: Prof. Dr. Luiz Antônio Ferreira

Instituição: Pontifícia Universidade Católica - PUC

Local: Araraquara, 2011

***DEDICO** este trabalho ao meu filho, Gabriel, que com sua doçura, alegrava meus momentos de descanso e, mesmo na sua inocência, entendia meu distanciamento. Aos meus pais, Carlos e Diva, que supriram minha ausência e se dedicaram inteiramente preenchendo as lacunas deixadas por mim. Ao meu marido, Guilherme, que em todos os momentos me apoiou, me incentivou e me amou.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu força, coragem, serenidade e sempre me amparou nos momentos difíceis;

aos meus pais, pelo constante incentivo, pelas orações e por tudo que sempre fizeram por mim;

ao meu filho, que mesmo sem compreender, foi peça fundamental na finalização deste trabalho;

ao meu marido, que entendeu e aceitou meu “exílio social” e sempre esteve ao meu lado;

às minhas amigas, Lúcia, Ruth, Juliana e Marilurdes, pelo apoio, pela ajuda, pelas leituras, pela amizade;

ao Prof. Dr. Juscelino Pernambuco, pela presença carinhosa e atenciosa nos momentos difíceis de elaboração deste trabalho;

à Profa. Dra. Edna Fernandes Nascimento, pela valiosa contribuição na banca de qualificação e também em todos os momentos em que a ela me dirigi. Meus sinceros agradecimentos por toda dedicação e carinho em todas as ocasiões, desde o início da minha jornada acadêmica;

ao Prof. Dr. Arnaldo Cortina pela disponibilidade e valiosa contribuição na banca de qualificação e durante as aulas;

especialmente, e com muito carinho, à minha orientadora, Profa. Dra. Renata Marchezan, que me conduziu durante esta jornada, sempre dedicada, atenciosa, carinhosa e competente. Meus sinceros agradecimentos por acreditar em mim e me guiar sempre com paciência e comprometimento;

Enfim, a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa, meu respeito e agradecimento.

O diálogo fora difícil, com alçapões e portas falsas surgindo a cada passo, o mais pequeno deslize poderia tê-lo arrastado a uma confissão completa se não fosse estar o seu espírito atento aos múltiplos sentidos das palavras que cautelosamente ia pronunciando, sobretudo aquelas que parecem ter um sentido só, com elas é que é preciso mais cuidado. Ao contrário do que em geral se crê, sentido e significado nunca foram a mesma coisa, o significado fica-se logo por aí, é directo, literal, explícito, fechado em si mesmo, unívoco, por assim dizer, ao passo que o sentido não é capaz de permanecer quieto, ferve de sentidos segundos, terceiros e quartos, de direcções irradiantes que se vão dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista, o sentido de cada palavra parece-se com uma estrela quando se põe a projectar marés vivas pelo espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições.

José Saramago

RESUMO

Esta pesquisa propôs analisar as entrevistas dadas pelo ex-presidente Lula, ao programa de rádio “Café com o Presidente”, e verificar como o *éthos* do ator Lula foi construído nas suas respostas e que diferenças podem ser verificadas na construção de sua imagem com relação ao período eleitoral de propagandas, do ano de 2006, analisadas em nossa dissertação de mestrado. O trabalho fundamenta-se na teoria semiótica de origem francesa, desenvolvida por Algirdas Julien Greimas, que tem como objeto de estudo o sentido, mais especificamente o “parecer do sentido”. O *corpus* da análise foi selecionado levando em consideração o período anterior e posterior às eleições de 2006. O procedimento metodológico adotado consistiu em separar o *corpus*, delimitando as entrevistas do programa “Café com o Presidente” do primeiro semestre do ano de 2006 e do primeiro semestre de 2007. O *éthos* do ator Lula foi analisado juntamente com a figuratividade e a tematização de seu discurso, já que as figuras que recobrem seu discurso auxiliam na constituição de sua imagem. O gênero entrevista foi analisado separadamente, segundo os postulados teóricos do Círculo de Bakhtin. Com base nas análises foi possível comprovar que o ator Lula se constrói, nos dois momentos analisados, com um sincretismo de papéis temáticos de presidente e candidato e, por meio da alternância desses dois papéis temáticos, mostra-se como sujeito competente, para realizar a performance esperada e desejada pelo enunciatário. As análises demonstraram ainda que nos dois períodos analisados, o ator Lula, aspectualizado como presidente ou como candidato, evidencia a preocupação em construir e apresentar uma imagem de político compromissado e preocupado com seus eleitores e com o bem-estar da população brasileira. As figuras utilizadas em seu discurso retomam os temas da saúde, da educação, do esporte, do emprego, da habitação e recobrem o seu discurso de tal forma que ele seja entendido como um parecer verdadeiro pelo seu enunciador.

Palavras-chave: semiótica francesa; discurso político; *éthos*; sentido; Lula.

ABSTRACT

This research aimed at analysing the interviews given by the ex-president Lula, to the radio programme called “Café com o Presidente” (“Coffee with the President”), and verifying how the ethos of the actor Lula was built through his answers and which differences could be checked in the construction of his image in relation to the electoral advertising period, from 2006, analysed in our masters degree dissertation. Based on the French semiotics theory, developed by Algirdas Julien Greimas, which aims at studying the sense, mainly, what the sense appears to be, the analysed *corpus* was selected taking into account the period before and the period after the 2006 elections. The adopted methodological procedure consisted in separating the *corpus*, and delimitating the interviews of the programme “Café com o Presidente” (“Coffee with the President”) of the first term of 2006 and the first term of 2007. The ethos of the actor Lula was analysed together with the figurativization and thematization of his discourse, since the figures which recover his discourse help in his image constitution. The interview genre was analysed in a separate session, according to the theoretical assumptions of the Bakhtin Circle. Based on the analysis it was possible to confirm that the actor Lula is built, in both moments, with a syncretism of thematic roles of president and candidate and through the alternation of such roles, is seen as a competent subject, to achieve the waited and wanted performance by the enunciator. The analysis also demonstrated that in both periods, the actor Lula, aspectualised as president or candidate, evidences the worries in constructing and presenting the image of a politician committed and worried about his voters and the well-being of the Brazilian population. The figures used in his discourse take up again the themes of health, education, sports, work, and housing and recover his discourse in a way to be understood as a true resemblance by his enunciator.

Key words: French semiotics; political discourse; ethos; sense; Lula.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A PROPOSTA GERAL DA TEORIA SEMIÓTICA	16
1.1 A BUSCA DO “SENTIDO”	16
1.2 O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO	18
1.3 DEBREAGEM E EMBREAGEM NO DISCURSO	27
1.4 ACTANTES E ATORES	28
1.5 FIGURATIVIDADE E TEMATIZAÇÃO	33
2 O DISCURSO POLÍTICO	43
2.1 O <i>ÉTHOS</i> POLÍTICO	46
3 GÊNEROS DISCURSIVOS	54
4 ANÁLISE DO PROGRAMA “CAFÉ COM O PRESIDENTE”	61
4.1 ANÁLISE DOS PROGRAMAS “CAFÉ COM O PRESIDENTE” DO ANO DE 2006	60
4.2 ANÁLISE DOS PROGRAMAS “CAFÉ COM O PRESIDENTE” DO ANO DE 2007	83
4.3 O PRESIDENTE NAS ENTREVISTAS: ANTES E DEPOIS DAS ELEIÇÕES DE 2006	101
5 O <i>ÉTHOS</i> DO PRESIDENTE LULA NAS ENTREVISTAS E A CONSTRUÇÃO DO ATOR LULA NAS PROPAGANDAS ELEITORAIS	106
6 O PROGRAMA DE ENTREVISTAS “CAFÉ COM O PRESIDENTE”: UMA QUESTÃO DE GÊNERO?	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	142

INTRODUÇÃO

As reflexões desta tese originaram-se nas questões evidenciadas na nossa Dissertação de Mestrado em Linguística “A construção do ator Lula na campanha eleitoral de 2006: uma análise semiótica” (LUDOVICE, 2008), que teve como objetivo analisar a campanha eleitoral do então presidente Luís Inácio Lula da Silva do ano de 2006, quando ele concorria à reeleição para a presidência do Brasil. Para a composição do *corpus* de nossa dissertação foi feita uma gravação televisiva de toda campanha eleitoral tanto do primeiro quanto do segundo turno. Por se tratar de muito material, foram selecionadas algumas propagandas. As propagandas eleitorais aconteceram no período de agosto a outubro, mas o *corpus* específico do trabalho constituiu-se de seis propagandas, três do primeiro turno e três do segundo turno eleitoral, sendo que, mais especificamente foram analisadas as propagandas dos dias nove, vinte e um e vinte e oito de setembro (do primeiro turno), e as dos dias catorze, vinte e vinte e sete de outubro (do segundo turno), dentre as quais está a última de cada turno. O foco do trabalho foi a constituição do ator Lula na campanha eleitoral e como sua propaganda foi construída para gerar os efeitos de sentido produzidos e apreendidos pelos eleitores, para tentar desvendar as estratégias utilizadas pelo produtor dessa campanha para construir um Lula que transmitiu à população confiança, simpatia, competência, seriedade, comprometimento e humildade. O objetivo do trabalho foi encontrar o ‘parecer do sentido’ apreendido por meio das formas da linguagem utilizadas na campanha eleitoral e pelos discursos que a manifestaram.

Esta pesquisa que ora apresentamos propõe analisar o discurso do ex-presidente Lula no programa de rádio “Café com o Presidente” e verificar como o *éthos* do ator Lula foi construído nessas entrevistas e que diferenças demonstra na construção de sua imagem com relação ao período eleitoral de propagandas, do ano de 2006, analisadas em nossa dissertação de mestrado.

Luiz Inácio Lula da Silva foi o trigésimo quinto Presidente da República Federativa do Brasil e exerceu o cargo de 1º de janeiro de 2003 a 1º de janeiro de 2011. Lula é seu apelido desde os tempos em que era representante sindical e posteriormente foi legalmente incorporado ao seu nome para representá-lo eleitoralmente. É co-fundador e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores (PT).

O *corpus* da análise foi selecionado levando-se em consideração o período anterior e o posterior às eleições de 2006, esse critério de seleção foi utilizado para verificar se houve mudança na construção do ator Lula no momento em que ele estava nos papéis temáticos de presidente e candidato (antes do período eleitoral) e no momento em que ele assumia o papel temático apenas de presidente (após as eleições e já no segundo mandato). Mais especificamente, são analisadas as entrevistas exibidas no período de dois de janeiro até dezenove de junho de 2006, período que antecede às propagandas eleitorais (descontado o período de proibição, pois no momento em que se iniciam as campanhas eleitorais a legislação solicita a suspensão do programa, por isso ele foi interrompido por seis meses); e as entrevistas que foram ao ar logo após a posse do segundo mandato, do dia vinte e nove de janeiro ao dia vinte e cinco de junho de 2007.

O programa de entrevistas do presidente entrou no ar em 17 de novembro de 2003, com edições quinzenais, de seis minutos, produzidas pela empresa Toda Onda Comunicação Ltda. Em janeiro de 2005, a produção do programa passou a ser feita pela Radiobrás, que já era responsável por sua veiculação e distribuição. Em dezembro de 2007, a produção do programa foi assumida, nas mesmas condições, pela Diretoria de Serviços da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), criada pela Medida Provisória 398. De acordo com informações obtidas no site do Governo Federal, a ideia era fazer um programa mais dialogado e que não remetesse aos pronunciamentos dos gravados por outros presidentes.

Na descrição do programa no site da radiobrás, o “Café com o Presidente” surgiu como o desafio de criar um canal de comunicação mais dinâmico e menos formal entre o Presidente da República e a sociedade, e ficou no ar durante o primeiro e o segundo mandatos presidencial de Lula. Após a posse da presidente Dilma Rousseff, o programa foi suspenso, mas retomado um mês depois no mesmo formato e nos mesmos horários, apenas com a adequação do nome: “Café com a Presidenta”.

A partir do momento que passou a ser produzido pela EBC (Empresa Brasileira de Comunicação), com supervisão editorial da Secretaria de Comunicação Social (Secom), órgão vinculado à Presidência da República, o programa de rádio do presidente Lula, “Café com o Presidente” começou a ir ao ar sempre às segundas-feiras, em quatro horários diferentes e ser transmitido de forma gratuita pelo sinal de satélite, no mesmo canal da “Voz do Brasil”, também com a possibilidade de ser acessado na Internet, no endereço: www.radiobras.gov.br. A transmissão, nas palavras divulgadas pelo programa no site do Governo Federal, consiste em uma gravação de seis minutos, na qual o jornalista conversa com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre ações, projetos do governo e outros temas

que ele julga de interesse nacional, sempre com o objetivo de contribuir para o esclarecimento do cidadão brasileiro.

De certa forma, o presidente Lula apenas reproduz com um novo rótulo o que os seus antecessores já haviam feito. Nos anos 80, o ex-presidente José Sarney criou o programa “Conversas ao pé do rádio”, que se apresentava como um programa para prestar contas, responder perguntas, dar recados e pedir sugestões à população. O programa era divulgado em dois horários, todas as sextas-feiras.

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) também adotou um programa de rádio intitulado “Palavra do Presidente”, com estrutura semelhante, segundo sua própria formulação e abordava os mais diferentes assuntos de interesse dos seus eleitores e ouvintes em geral. O programa era transmitido todas as terças-feiras com duração de três minutos, três vezes ao dia.

O “Café com o Presidente” segue o mesmo esquema dos programas anteriores, apenas tenta parecer um pouco mais informal, próximo do diálogo, e não um pronunciamento político. Conforme informações obtidas no site da radiobrás, os assuntos são escolhidos a partir de uma análise dos acontecimentos da semana e discutidos entre a equipe de produção juntamente com o presidente; apresentam uma temática bem variada, que envolve questões sobre agricultura, economia, educação, energia, infraestrutura, política, saúde, sociedade, transportes, enfim, temas relacionados aos problemas enfrentados no dia-a-dia pelo povo brasileiro. É possível observar que Lula e sua equipe têm uma preferência por temas cotidianos e o próprio nome do programa, assim como o tom das conversas, demonstram isso.

Como em todo discurso político, no programa “Café com o Presidente”, há a tentativa de persuadir e convencer os seus eleitores e a população em geral de que o trabalho do Presidente no Governo Federal está no caminho certo. E para garantir o alcance dessa persuasão e convencimento o Presidente se vale de informações concretas, de números obtidos em pesquisas e de projetos de governo em andamento e, com uma linguagem clara, simples, fácil de entender e bastante acessível, a fim de conseguir uma melhor compreensão da informação, repassa esses dados aos ouvintes, conforme as análises que serão apresentadas no trabalho.

A linguagem do discurso político, como qualquer outro discurso, não é entendida pela semiótica como transparente, mas como o resultado de estratégias em que o enunciador tem o único ou, pelo menos, o principal objetivo de convencer o enunciatário. Verifica-se, portanto, a relevância do trabalho, pois ao considerar o discurso um jogo de

máscaras, todo ele, especialmente no campo político, deve ser analisado, ao mesmo tempo, tanto pelo que diz, como pelo que não diz.

Pode-se dizer que um dos artifícios que o presidente utiliza para conseguir a adesão de seu enunciatório são as entrevistas veiculadas pelo programa “Café com o Presidente”, pois se trata de um momento em que pode “conversar” com seus ouvintes e possíveis eleitores de uma maneira mais informal, com um tom de “conversa ao pé do ouvido” e mostrar, ou melhor, tentar convencer o cidadão sobre a importância e a relevância das suas ações governamentais.

A hipótese é que o presidente continua, mesmo depois de reeleito, com uma postura de candidato. Considera-se que Lula continua na tentativa de persuadir e seduzir seus eleitores mesmo depois de ter sido eleito e reeleito. Mesmo se tratando de gêneros diferentes (entrevista e propaganda), entendemos que é possível mostrar que o programa “parece” uma entrevista, mas funciona como propaganda.

Para analisar o *corpus* acima descrito, buscamos as contribuições teóricas da semiótica greimasiana, cujo objeto de estudo é o sentido, mais especificamente o “parecer do sentido”. Esse “parecer do sentido” ou “efeito de sentido” pode ser apreendido por meio das formas da linguagem e mais especificamente pelos discursos que a manifestam. A semiótica francesa, desenvolvida por Algirdas Julien Greimas e seus discípulos tem raízes na teoria da linguagem com uma filiação aos postulados estruturais e à concepção de língua como instituição social de Saussure.

Recorre-se também à teoria dos gêneros discursivos, idealizada por Bakhtin, visto que o presente trabalho analisa o programa que se mostra, na aparência, como um programa de entrevistas e, na essência, como uma propaganda da imagem construída do ator Lula. Como se sabe os gêneros discursivos não são fixos, podem se modificar, se sobrepor e se complementar de acordo com a situação comunicativa.

Lula é um político que conseguiu conquistar a massa popular, certamente, não só, mas também com estratégias retóricas apropriadas, que causam estranheza a parte do meio intelectual, que se mostra avesso à sua figura, dada à sua pouca escolarização. O trabalho pretende mostrar, com o amparo da teoria Semiótica, como acontece esse fenômeno, ou seja, como Lula consegue manter o povo ao seu lado, estabelecendo uma relação de confiança e de cumplicidade, pois ele é eleito, reeleito e faz seu sucessor. A escolha das figuras, a alternância de papéis temáticos, o contrato de veridicção, as modalizações do discurso, entre outros, são aspectos analisados com auxílio teórico. Eles mostram a formação da imagem do então presidente apresentada ao público e compõem o seu *étos*.

Pretendemos aplicar a proposta teórica da Semiótica para explicar os possíveis efeitos do uso dos programas intitulados “Café com o Presidente” na manutenção dos altos índices de popularidade obtidos pelo ex-presidente Lula.

O procedimento metodológico adotado consistiu em separar o *corpus*, delimitando as entrevistas do programa “Café com o Presidente” do primeiro semestre do ano de 2006 e do primeiro semestre de 2007, analisá-las com o suporte da teoria semiótica francesa, destacando o percurso gerativo dos sentidos, e, principalmente, as questões de debreagem e embreagem discursiva, a construção dos atores, bem como as questões relativas ao discurso político, visto que, como dissemos, o *corpus* em análise faz parte desse campo específico. O *éthos* do ator Lula é analisado juntamente com a figurativização e a tematização de seu discurso, já que as figuras que recobrem seu discurso auxiliam na constituição de sua imagem. O gênero entrevista com teor de propaganda foi analisado separadamente, segundo os postulados teóricos do Círculo de Bakhtin.

Para alcançar os objetivos anteriormente expostos, o trabalho é dividido em duas partes: na primeira parte apresenta-se o suporte teórico da tese em uma seção composta pela apresentação da teoria semiótica padrão e questões metodológicas pertinentes para a tese; uma seção sobre o discurso político e outra sobre o gênero discursivo. Na segunda parte são apresentadas três seções de análise: uma delas subdividida e composta com as análises dos programas de 2006, de 2007 e uma subseção que expõe as diferenças e/ou semelhanças dos dois períodos analisados. Outra seção apresenta a análise do *éthos* do presidente partindo das questões analisadas na seção anterior, juntamente com o estudo das figuras e dos temas presentes no discurso do ator Lula, e a última seção expõe as análises sobre o gênero em questão e suas implicações.

Na primeira seção, a apresentação geral das propostas da semiótica explana os princípios da teoria semiótica, seus fundadores e seu método de estudo. É apresentado e discutido o percurso gerativo dos sentidos, as questões teóricas sobre a debreagem enunciativa, a debreagem enunciativa e a embreagem, fundamento essencial para construção do *éthos* do sujeito enunciativo, o conceito de ator e o de figurativização e tematização.

Na segunda seção, o discurso político é conceituado na perspectiva de alguns autores atuais que analisam o tema, bem como na perspectiva semiótica que entende o texto argumentativo, característica chave do discurso político, como um programa de manipulação.

A terceira seção destinar-se à apresentação teórica dos gêneros discursivos na perspectiva de Bakhtin e seu Círculo de estudos, e toda a problemática envolvida na análise e na classificação dos gêneros.

Na quarta seção, que inicia a segunda parte do trabalho, são expostas as análises das entrevistas selecionadas no *corpus* com a abordagem da teoria semiótica e do discurso político. As análises são divididas por ano: 2006 e 2007 e, na sequência, é feita uma análise comparativa a fim de verificar as divergências e semelhanças no discurso expresso nas entrevistas no período anterior e no período posterior às eleições de 2006.

A quinta seção inicia-se com a apresentação dos resultados obtidos na nossa Dissertação de Mestrado (LUDOVICE, 2008) que servem de embasamento para comprovar a construção da imagem do ator Lula. São analisadas também as figuras encontradas nas entrevistas veiculadas pelo programa “Café com o Presidente” e a retomada de temas por meio dessas figuras. Essas questões sobre figurativização e tematização contribuem para demonstrar como o presidente se mostra para o enunciatário e como é construído o *éthos* do ator Lula no programa em tese.

A sexta seção apresenta as análises do gênero discursivo entrevista considerando a mobilidade dos gêneros, que são caracterizados pelo conteúdo temático, pela estrutura composicional e pelo estilo. Na concepção de Bakhtin existe um vínculo muito estreito entre discurso e enunciado; então, os programas em questão são analisados levando-se em conta sua esfera de comunicação.

1 A PROPOSTA GERAL DA TEORIA SEMIÓTICA

Greimas propõe uma leitura do cotidiano e das suas fraturas com o propósito de neles entreabrir novas possibilidades de significação. Quem de nós não almeja o advir de um outro sentido?

1.1 A BUSCA DO “SENTIDO”

O centro das preocupações da semiótica é os modos de significar, principalmente a comunicação entre sujeitos e objetos de valor, como se fossem um encontro de onde aparecem múltiplas significações.

O encontro entre sujeito e objeto, sua conjunção, sua disjunção e todas as fusões e separações entre ambos produzem efeitos de sentidos distintos e variados que vão se mostrando por meio das análises, sentidos que surgem pela imanência dos textos e se colocam à mostra.

Greimas, em sua obra “Da imperfeição” (2002), chama a atenção para a relevância do cotidiano humano e para a construção de seus sentidos e valores. Nessa construção do parecer, a figuratividade tem um papel importante; é ela que compõe a concretização final do parecer. Moldurado pelas concepções de Greimas, o parecer vai se mostrar sempre imperfeito pela própria condição de imperfeição do ser humano. “Todo parecer é imperfeito; oculta o ser; é a partir dele que se constroem um querer-ser e um dever-ser, o que já é um desvio do sentido. Somente o parecer, enquanto o que pode ser – a possibilidade-, é, vivível” (GREIMAS, 2002, p. 19).

Para Greimas (1975, p. 7), é muito difícil falar do sentido e dizer algo significativo sobre ele, pois “[...] para fazê-lo convenientemente, o único meio seria construir-se uma linguagem que não significasse nada: estabelecer-se-ia assim uma distância objetivante que permitiria construir discursos desprovidos de sentido sobre discursos significativos”. A dificuldade se encontra exatamente na tarefa de trabalhar com a expressão “desprovido de sentido”, pois nem “a expressão ‘desprovido de sentido’ não é desprovida de sentido: ela está inclusive na origem das filosofias do absurdo” (Greimas, 1975, p. 7 – grifo do autor).

O procedimento mais sensato seria estabelecer uma forma de retomar o sentido das palavras e os efeitos que as combinações delas produzem nas pessoas, uma vez que o sentido é dado pelas pessoas que analisam, seja um quadro, um poema ou um texto. Segundo Greimas tem sempre um ‘nós’ por trás do sentido, “Eis aqui o nós erigido em instância suprema do sentido: é ele que comanda o filtro cultural de nossa percepção do mundo, é ele também que seleciona e ordena as epistemes que ‘se implicam’ nos objetos particulares” (1975, p. 8 – grifo do autor).

Não se deve falar de um sentido ou do sentido presente, mas de possibilidades de sentido, ou seja, daqueles que são possíveis. Essa dificuldade não pode ser enfrentada afirmando-se, simplesmente, que as palavras não têm sentido.

O trabalho de busca pela explicação do sentido é árdua, complicada e, de acordo com Greimas (1975, p. 12), “é através de uma via estreita, entre duas competências indiscutíveis – a filosófica e a lógico-matemática -, que o estudioso de semiótica é obrigado a conduzir sua pesquisa sobre o sentido”. Isso não quer dizer que será necessário fundar uma nova ciência para estudar o sentido e menos ainda desenvolver um meta-discurso sobre ele. É necessário apenas dispor de conceitos epistemológicos suficientes que permitam ao pesquisador fazer as adequações necessárias e controlar o seu método.

Segundo Greimas (1975, p. 12), “O homem vive num mundo significativo”. Para ele, o problema do sentido não se coloca, o sentido é colocado, impõe-se como uma evidência, como um “sentimento de compreensão” absolutamente natural, mas o próprio Greimas não concorda com isso e chega a afirmar que “o falar metalinguístico do homem é apenas uma série de mentiras, e a comunicação apenas uma sequência de mal entendidos” (1975, p. 13). A interrogação sobre o sentido é sempre metalinguagem e não seria possível em um universo em que a linguagem fosse pura denotação. “A significação é portanto apenas esta transposição de um nível de linguagem a outro, de uma linguagem a uma linguagem diferente, e o sentido é apenas esta possibilidade de transcodificação” (GREIMAS, 1975, p. 13).

O sentido pode ser explicado por uma transformação desse sentido e uma conseqüente produção de sentido gerada por meio dele, ou seja,

A produção de sentido só tem sentido se for a transformação do sentido dado; a produção de sentido é, por conseguinte, em si mesma, uma formação significativa, indiferente aos conteúdos que transforma. O sentido, enquanto forma do sentido, pode ser definido então como a possibilidade de transformação do sentido (GREIMAS, 1975, p. 15).

Nessa tarefa de encontrar e de definir o sentido pode-se deparar com ambiguidades e dificuldades que permeiam o processo, pois não é possível encontrar apenas uma ou a definição para o sentido, e de acordo com Greimas (1975, p. 15),

O sentido portanto não significa apenas o que as palavras querem nos dizer, ele é também uma direção, ou seja, na linguagem dos filósofos, uma intencionalidade e uma finalidade. Traduzido para a linguagem linguística, o sentido se identifica com o processo de atualização orientado que, como todo processo semiótico, é pressuposto por – e pressupõe – um sistema ou um programa, virtual ou realizado.

É difícil conhecer a natureza do sentido, mas é possível saber onde ele mais se manifesta e como se transforma. Dessa forma, deixa-se, cada vez mais, de considerá-lo de maneira linear e plana nas significações nos textos e discursos, pois percebe-se que há uma possibilidade não utópica de encontrar suas manifestações, suas transformações e, segundo Greimas (1975, p. 17), apenas uma semiótica de formas como a linguagem permitirá falar do sentido, “porque a forma semiótica é exatamente o sentido do sentido”.

1.2 O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

Este trabalho fundamenta suas análises na teoria semiótica greimasiana, cujo objeto de estudo é o sentido, mais especificamente o “parecer do sentido”. Esse “parecer do sentido” ou “efeito de sentido” pode ser apreendido por meio das formas da linguagem e mais especificamente pelos discursos que a manifestam. De acordo com Bertrand (2003, p. 14), a semiótica greimasiana “tem suas raízes na teoria da linguagem, mostrando assim sua filiação a Saussure, seus postulados estruturais e sua concepção da língua como instituição social.”

Nessa concepção de semiótica, o conceito de signo desaparece. Não se trata mais de descrever o signo e sim a significação, e seu objeto é a compreensão das estruturas significantes que modelam o discurso social e o discurso individual. A semiótica deixa de priorizar o elemento, o signo, e passa a se interessar pelo processo não de constituição da unidade, mas da significação como um todo, que se manifesta por meio de textos.

A semiótica procura conciliar as análises ditas “interna” e “externa” do texto para explicar “o que o texto diz” e “como o diz”. O texto, de acordo com Barros (2005, p. 6), pode ser explicado como duas formas que se complementam,

A primeira concepção de texto, entendido como objeto de significação, faz com que seu estudo se confunda com o exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como um ‘todo de sentido’. A esse tipo de descrição tem-se atribuído o nome de análise interna ou estrutural do texto.

Outras teorias têm procurado examinar o texto como objeto de comunicação entre dois sujeitos, ou seja, uma análise externa do texto em que este

Encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade e determinado por formações ideológicas específicas. Nesse caso, o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido (Barros, 2005, p. 7-8).

Ao deixar de privilegiar o signo, a semiótica se desvincula da semiologia, que considera a linguagem como um sistema de signos. Para a semiótica, “a produção de sentido deve ser o objeto de uma análise estrutural que tem por horizonte a organização que o homem social faz de sua experiência. A semiótica está mais próxima da antropologia do que da teoria da informação” (FLOCH, 2001, p. 11).

Para a semiótica, o texto é definido como uma relação entre o plano de expressão e o plano de conteúdo. O plano de conteúdo está relacionado ao significado do texto, ou seja, “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. O plano de conteúdo pode ser definido como “o plano onde a significação nasce das variações diferenciais graças as quais cada cultura, para pensar o mundo, ordena e encadeia idéias e discurso” (FLOCH, 2001, p. 9). O plano de expressão refere-se à manifestação do conteúdo em um sistema de significação verbal, não verbal ou sincrético. Nas palavras de Floch (2001, p. 9), “é o plano onde as qualidades sensíveis que possui uma linguagem para se manifestar são selecionadas e articuladas entre elas por variações diferenciais.”

De acordo com Floch,

É necessário, certamente, estudar os signos, pois é nos signos que se efetua a reunião dos dois planos da linguagem; mas, para chegar à compreensão da linguagem como sistema, é preciso ir além ou aquém dos signos, separar as suas duas faces para ver em que cada uma é uma realização a partir das possibilidades oferecidas pelo jogo das variações diferenciais que constitui cada plano (2001, p. 10).

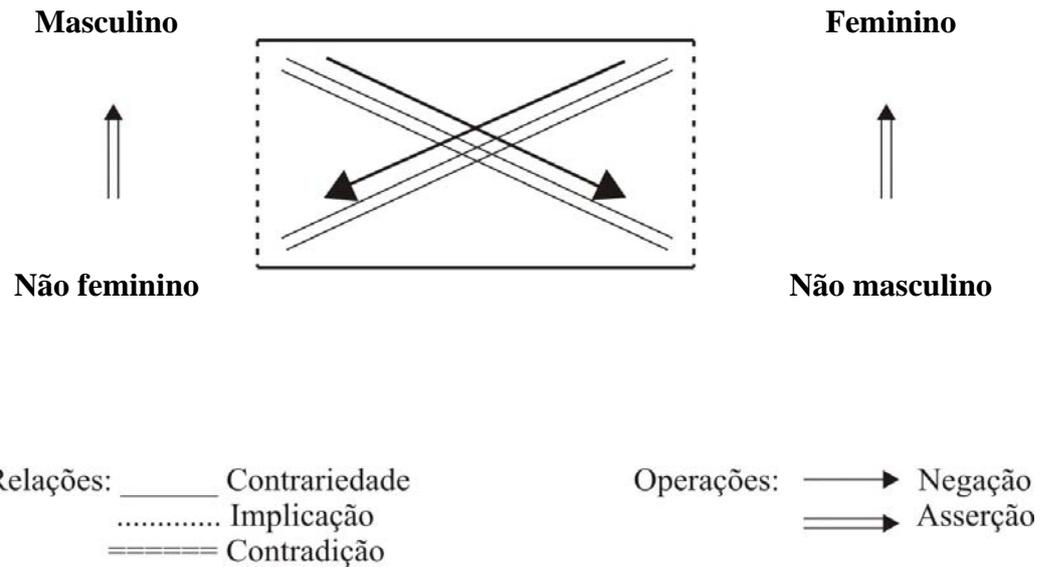
Para reconstruir o sentido do texto, a semiótica concebe seu plano de conteúdo sob a forma de um percurso gerativo de sentido, em três etapas: a parte mais simples e

abstrata, chamada de nível fundamental ou das estruturas fundamentais, em que se dá a significação como uma oposição semântica mínima; a segunda etapa, chamada de nível narrativo ou das estruturas narrativas, em que a narrativa é organizada do ponto de vista de um sujeito, e o terceiro nível, o discursivo ou das estruturas discursivas, em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

O percurso gerativo da significação pode ser explicado como “uma representação dinâmica da produção de sentido; é a disposição ordenada das etapas sucessivas pelas quais passa a significação para se enriquecer e, de simples e abstrata, tornar-se complexa e concreta (FLOCH, 2001, p. 15).

Inicia-se o percurso gerativo da significação pelo nível fundamental, que procura explicar os níveis mais abstratos da produção, do funcionamento e interpretação do discurso. Para isso, é necessário verificar as oposições que estão na base da construção textual. Aplicando-se uma operação de negação a cada um dos contrários, obtêm-se dois elementos contraditórios. Nas palavras de Floch (2001, p. 19), “essa relação de contradição traduz uma visão estática: de um ponto de vista dinâmico, ela corresponde a uma operação de negação. A contradição é caracterizada pela impossibilidade de ver seus dois termos coexistir”.

Seguindo o esquema de Floch (2001, p. 19), após a produção dos contraditórios (operação de negação), coloca-se um dos dois contraditórios em oposição ao contrário, a partir do qual ele foi projetado e aparece, então, o outro contrário como pressuposto não recíproco. Essas relações são chamadas de complementaridade e são apresentadas como uma implicação. A partir das relações acima citadas é possível construir o quadrado semiótico da seguinte forma, para as categorias masculino e feminino:



Para Floch (2001, p. 21), “o quadrado responde à exigência estrutural, saussuriana, de que na língua, ou no sistema de significação, por minimal que seja, só existem diferenças: os quatro termos são intersecções, resultados das relações”.

E ainda de acordo com Floch (2001, p. 19),

O quadrado semiótico é uma representação visual das relações que entretêm os traços distintivos constitutivos de uma dada categoria semântica, de uma determinada estrutura. Para construí-lo, a semiótica explora uma aquisição essencial da lingüística estrutural: o reconhecimento da existência de dois tipos de relações de oposição em jogo das linguagens, a relação privativa e a relação qualitativa, ou, dito de outro modo, a contradição e a contrariedade.

Sob a superfície, onde se situam as estruturas textuais, estão duas camadas: uma mais profunda, as estruturas semio-narrativas; e outra mais próxima, as estruturas discursivas.

A narratividade, é a segunda etapa do percurso gerativo de sentido e, conforme Floch (2001, p. 22), pode ser explicada como,

o encadeamento ordenado das situações e das ações (dos estados e das transformações) que atravessa tanto as frases quanto os parágrafos, tanto os planos quanto as sequências; é a versão dinamizada e humanizada daquilo que se passa no nível profundo: as relações aí se tornam faltas ou perdas, aquisições ou ganhos; as transformações tornam-se performances; e os operadores dessas performances tornam-se sujeitos.

Segundo Fiorin (1992, p. 21), “a narratividade é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes”, ou seja, “ocorre uma narrativa mínima, quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final”. A narratividade corresponde à organização do enunciado antes que ele seja assumido pela enunciação.

Os estados são definidos como a relação de um sujeito com um objeto. Para a semiótica, a narrativa pode ser concebida como uma circulação de objetos que é designada como programa narrativo, ou seja, a unidade elementar, o mínimo para que exista uma narrativa, apenas o fazer-ser pode constituir uma narrativa. A partir daí, começam as transformações (aquisições ou privações) com os objetos ou com os sujeitos.

A forma como uma narrativa se organiza, independentemente de suas variantes e adaptações, é representada por um esquema narrativo e um modelo actancial.

O esquema narrativo pode ser considerado como um modelo de referência que representa a organização que subjaz à narrativa, articulada em torno da performance do sujeito e da competência desse sujeito. Segundo Floch,

o sujeito não cumpre sua performance e não adquire sua competência, senão em função de um contrato prévio, o qual ele poderá preencher ou romper. Simetricamente, o sujeito, uma vez realizada a performance, pode ser o objeto de uma sanção positiva ou negativa, em função da conformidade ou da não conformidade entre sua performance e o contrato (2001, p. 23).

O modelo actancial constitui uma organização relacional das personagens definidas por sua própria participação no esquema narrativo. Para Floch (2001, p. 25),

A semiótica atingiu uma etapa decisiva de seu desenvolvimento ao aplicar à análise da competência dos actantes a noção de modalidade. A performance é considerada como um fazer, a competência é concebida como a combinação de um querer fazer, de um dever fazer, de um saber fazer e de um poder fazer prévios.

De acordo com Greimas e Courtés (2008, p. 314), “a partir da definição tradicional de modalidade, entendida como ‘o que modifica o predicado’ de um enunciado, pode-se conceber a modalidade como a produção de um enunciado dito modal que sobredetermina um enunciado descritivo”, ou seja, concebe-se: o fazer modalizando o ser (performance, ato), o ser modalizando o fazer (competência), o ser modalizando o ser (modalidades veridictórias), e o fazer modalizando o fazer (modalidades factitivas). “Nessa perspectiva, o predicado modal pode ser definido, primeiro, somente por sua função táxica, por seu alcance transitivo, suscetível de atingir um outro enunciado como objeto” (GREIMAS e COURTÉS, 2008, p. 314). Na organização semiótica dos

discursos, os verbos modais ‘querer’, ‘dever’, ‘poder’ e ‘saber’ são capazes de modalizar tanto o ser quanto o fazer.

Quando as estruturas narrativas são assumidas pelo sujeito da enunciação, elas são convertidas em estruturas discursivas, a terceira etapa do percurso gerativo de sentido. O discurso nada mais é, portanto, que a narrativa “enriquecida” pelas opções do sujeito da enunciação.

Segundo Barros (2005, p. 53),

O nível discursivo é o patamar mais superficial do percurso, o mais próximo da manifestação textual. Pela própria definição do percurso gerativo, as estruturas discursivas são mais específicas, mas também mais complexas e ‘enriquecidas’ semanticamente, que as estruturas narrativas e as fundamentais.

A especificidade e a complexidade das organizações discursivas são explicadas pelo exame da sintaxe e da semântica do discurso.

Segundo Greimas e Courtés (2008, p. 473), a sintaxe discursiva é explicada em linhas gerais como a forma de procedimentos que entram em jogo, no nível da instância da enunciação, no momento de produção do discurso:

esses procedimentos, a que demos o nome de discursivização, conduzem, graças aos mecanismos de debreagem e embreagem, à constituição de unidades discursivas, cujas tipologias e relações mútuas deverão constituir objeto de pesquisas aprofundadas. Distinguimos três subcomponentes na discursivização: a actorialização, a temporalização e a espacialização, os quais, enquanto procedimentos, permitem inscrever as estruturas narrativas em coordenadas espaço-temporais e investir os actantes em atores discursivos.

Já a semântica discursiva aproveita essas questões da actorialização, temporalização e espacialização e, paralelamente, aplica novos investimentos que causam uma reorganização sintagmática, investindo figuras e temas,

dir-se-á, então, que um percurso narrativo dado pode ser convertido, no momento da discursivização, quer em um percurso temático, quer, numa etapa ulterior, num percurso figurativo, e distinguir-se-ão assim – levados em conta os dois procedimentos que são o da tematização e o da figurativização – duas grandes classes de discurso: discursos não-figurativos (ou abstratos) e discursos figurativos (GREIMAS e COURTÉS, 2008, p. 435).

Conforme Floch (2001, p. 26), “colocar em discurso é, pois, criar, a partir dessa instância e por uma operação de debreagem, um universo fictício, utópico, para, em seguida, reatá-lo, por embreagem, à mesma instância, com a intenção, entre outras, de fazer crer em sua realidade”. A debreagem e a embreagem¹ produzem o dispositivo de atores e fornecem o enquadramento espacial e temporal em que são investidos os actantes e os percursos narrativos.

Colocar em discurso é também, por investimentos semânticos mais complexos e articulados, transformar um percurso narrativo abstrato em um percurso temático e em um percurso figurativo. A partir das análises dos percursos figurativos e temáticos, é possível extraírem-se os papéis temáticos. Na definição do *Dicionário de Semiótica*, de Greimas e Courtés (2008, p. 496) “entende-se por papel temático a representação, sob forma actancial, de um tema ou de um percurso temático (o percurso ‘pescar’, por exemplo, pode ser condensado ou resumido pelo papel ‘pescador’)”.

No nível discursivo, as estruturas narrativas transformam-se em estruturas discursivas e são assumidas pelo sujeito da enunciação. O sujeito da enunciação transforma a narrativa em discurso, atribuindo definições de pessoa, tempo, espaço e figuras.

A análise discursiva detém-se mais ou menos sobre os mesmos elementos que a análise narrativa, mas retoma alguns aspectos, tais como, as projeções de enunciação, os recursos de persuasão e a cobertura figurativa dos conteúdos narrativos.

A enunciação caracteriza-se, em primeira definição, como a instância de mediação entre as estruturas narrativas e discursivas. Pode, nas diversas concepções linguísticas e semióticas, ser reconstruída a partir sobretudo das ‘marcas’ que espalha no discurso. É nas estruturas discursivas que a enunciação mais se revela e onde mais facilmente se apreendem os valores sobre os quais ou para os quais o texto foi construído. Analisar o discurso é, portanto, determinar, ao menos em parte, as condições de produção do texto (BARROS, 2005, p.53).

Ainda segundo Barros (2005, p. 55),

A semiótica examina as relações entre enunciação e discurso sob a forma das diferentes projeções da enunciação com as quais o discurso se fabrica. A enunciação projeta, para fora de si, os actantes e as coordenadas espaço-temporais do discurso, que não se confundem com o sujeito, o espaço e o tempo da enunciação. Essa operação denomina-se desembreagem e nela são utilizadas as categorias de pessoa, do espaço e do tempo.

¹ Outros termos são utilizados para o mesmo fenômeno: debreagem enunciva e debreagem enunciativa, na obra de Fiorin (1992); e desembreagem enunciva e desembreagem enunciativa, na obra de Barros (2005)

Pode-se dizer, dessa forma, que o sujeito da enunciação escolhe como fazer projeções do discurso e leva em conta os efeitos de sentido que pretende produzir. Os mecanismos discursivos têm a finalidade de criar ilusão de verdade, pois todo discurso procura persuadir seu destinatário de que é verdadeiro.

Alguns textos tentam fingir objetividade e, de acordo com Barros (2005, p. 55),

existem, como bem se sabe, recursos que permitem ‘fingir’ essa objetividade, que permitem fabricar a ilusão de distanciamento, pois a enunciação, de todo modo, está lá, filtrando por seus valores e fins tudo o que é dito no discurso. O principal procedimento é o de produzir o discurso em terceira pessoa, no tempo de ‘então’ e no espaço do ‘lá’. Esse procedimento denomina-se desembreagem enunciativa e opõe-se à desembreagem enunciativa, em primeira pessoa (grifo do autor).

A desembreagem enunciativa em terceira pessoa é frequentemente utilizada para tornar o discurso objetivo, assim como a desembreagem enunciativa é muito utilizada para produzir o efeito contrário.

A transmissão das mensagens sempre foi uma preocupação das teorias da comunicação e se tornou, também, uma preocupação da semiótica. Segundo Greimas e Courtés (1979, p. 485), “a teoria saussuriana forçou a semiótica a inscrever entre suas preocupações, não o problema da verdade, mas o do dizer-verdadeiro, da veridicção”.

O dizer verdadeiro é interpretado no interior do discurso, primeiramente, como uma leitura das marcas de veridicção e são essas marcas que classificam o discurso enunciado. Mas para existir essa veridicção presente no discurso é necessária uma coordenação entre as instâncias do enunciador e do enunciatário, pois de acordo com Greimas e Courtés (1979, p. 486):

O crer-verdadeiro do enunciador não basta, supomos, à transmissão da verdade: o enunciador pode dizer quanto quiser, a respeito do objeto de saber que está comunicando, que ‘sabe’, que está ‘seguro, que é ‘evidente’; nem por isso pode ele assegurar-se de ser acreditado pelo enunciatário: um crer-verdadeiro deve ser instalado nas duas extremidades do canal da comunicação, e é esse equilíbrio, mais ou menos estável, esse entendimento tácito entre dois cúmplices mais ou menos conscientes que nós denominamos contrato de veridicção (grifo do autor).

Pode-se dizer, então, que o contrato de veridicção é estabelecido entre enunciador e enunciatário e há, conseqüentemente, um entendimento entre eles, conforme se verifica em Greimas (1979, p. 486):

Vê-se, entretanto, que o bom funcionamento desse contrato depende, em definitivo, da instância do enunciatário, para quem toda mensagem recebida, seja qual for seu modo veridictório, apresenta-se como uma manifestação a partir da qual ele é chamado a atribuir este ou aquele estatuto ao nível da imanência (a decidir sobre o seu *ser* ou o seu *não-ser*).

Assim, é necessário que o discurso produza um efeito de sentido de ‘verdade’ para o enunciatário, e que esse efeito de sentido seja o mesmo para enunciador e enunciatário, para haver o contrato de veridicção e um exercício persuasivo, conforme pode-se verificar em Greimas e Courtés (1979, p. 487):

A ‘verdade’, para ser dita e assumida, tem de deslocar-se em direção às instâncias do enunciador e do enunciatário. Não mais se imagina que o enunciador produza discursos verdadeiros, mas discursos que produzem um efeito de sentido de ‘verdade’: desse ponto de vista, a produção da verdade corresponde ao exercício de um *fazer parecer verdadeiro* que se pode chamar, sem nenhuma nuance pejorativa, de fazer persuasivo (grifo do autor).

O fazer persuasivo do enunciador tem o objetivo de conseguir convencer o enunciatário de que seu discurso é verdadeiro ou, pelo menos, que simula a verdade. Isso pode ser confirmado nas palavras de Greimas e Courtés (1979, p. 487):

Exercido pelo enunciador, o fazer persuasivo só tem uma finalidade: conseguir a adesão do enunciatário, o que está condicionado pelo fazer interpretativo que este exerce, por sua vez: pelo mesmo motivo, a construção do simulacro de verdade, tarefa essencial do enunciador, está igualmente ligada tanto a seu próprio universo axiológico quanto ao do enunciatário e, sobretudo, à representação que o enunciador se faz deste último universo.

Percebe-se, então, que para a verdade do enunciador ser aceita como verdade, é necessário que o enunciatário aceite o discurso como verdadeiro, sendo que essa aceitação só acontece quando há um contrato de veridicção pré-estabelecido entre os dois. Esse contrato, construído pelo próprio texto, permite que o fazer-parecer-verdadeiro do enunciador seja aceito pelo enunciatário como um crer-verdadeiro. Assim, constrói-se um simulacro da verdade.

1.3 DEBREAGEM E EMBREAGEM NO DISCURSO

Para se instaurar nos textos pessoas, tempos e espaços, tem-se a debreagem e embreagem como mecanismo básico. A debreagem enunciativa projeta no enunciado o eu-aqui-agora da enunciação, isto é, marca no interior do enunciado os actantes enunciativos (eu /tu), os espaços enunciativos (aqui, aí) e os tempos da enunciação (presente, pretérito perfeito, futuro do presente). Já a debreagem enunciativa é construída com o ele, alhures e então, em que os actantes, os espaços e os tempos da enunciação são ocultados; nesse caso o enunciado é construído com os actantes do enunciado (3ª pessoa), os espaços do enunciado (os não relacionados ao aqui) e os tempos do enunciado (pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito, futuro do pretérito). Dessa forma, como afirma Fiorin (2004, p. 118) “a enunciação deixa marcas no enunciado e, com elas, pode-se reconstruir o ato enunciativo. Este não é da ordem do inefável, mas é tão material quanto o enunciado, na medida em que ele se enuncia”. Assim, é possível distinguir nos textos a enunciação enunciada e o enunciado enunciado. A enunciação enunciada pode ser definida como o conjunto dos elementos linguísticos que indica pessoas, espaços e tempos e também todos os pontos de vista sob responsabilidade do eu, revelados de alguma forma no texto. “O enunciado enunciado é o produto da enunciação despido das marcas enunciativas” (FIORIN, 2004, p. 118).

Já a embreagem, “é o efeito de retorno à enunciação, produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado” (FIORIN, 2005, p. 48). A embreagem concerne às três categorias de enunciação, então, tem-se a embreagem actancial, a embreagem espacial e a embreagem temporal. A embreagem actancial, de maior relevância para este trabalho, neutraliza a categoria de pessoa, mas é importante ressaltar que toda embreagem pressupõe uma debreagem anterior. Para Greimas e Courtés (2008, p.162), “Ao contrário do que se passa no momento da debreagem, a embreagem produz uma desreferencialização do enunciado que ela afeta.”

De acordo com Greimas e Courtés (2008, p. 166), a enunciação é a “instância linguística logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas)”. Essa afirmação pode parecer um truísmo, pois se existe um dito, há um dizer que o produziu; e isso implica a necessidade de construir duas instâncias: o eu pressuposto e o eu projetado no interior do enunciado. Na teoria, essas duas instâncias não são confundidas, pois “a do eu pressuposto é a do enunciator e a do eu projetado no interior do

enunciado é a do narrador. Como a cada eu corresponde um tu, há um pressuposto, o enunciatário, e um tu projetado no interior do enunciado, o narratário. O enunciatário e o enunciatário são o autor e o leitor” (FIORIN, 2004, p. 119), sendo, na verdade, conforme preceitos semióticos, simulacros, isto é, não representam o autor e o leitor reais, mas sim uma imagem deles construída no e pelo texto.

Fiorin (2005, p. 54), afirma que:

todos esses mecanismos produzem efeitos de sentido no discurso. Não é indiferente o narrador projetar-se no enunciado ou alhear-se dele; simular uma concomitância dos fatos narrados com o momento da enunciação ou apresentá-los como anteriores ou posteriores a ele; presentificar o pretérito; enunciar um eu sob a forma de ele, etc.

Por isso, pessoa, espaço e tempo são responsáveis por transformar a língua em discurso.

O eu e o tu podem ser considerados actantes da enunciação, pois ocupam posições na cena enunciativa. Nos textos, essas posições são concretizadas e os actantes tornam-se atores da enunciação. “O ator é uma concretização temático-figurativa do actante” (FIORIN, 2004, p. 119). E para verificar o ator da enunciação, é preciso ver como a sua imagem se constrói. De certa forma, essa imagem produzida pelo ator da enunciação, independente de ser verdadeira ou não, é o seu *éthos*.

1.4 ACTANTES E ATORES

Greimas (1977, p. 179), em seu artigo intitulado “Os atuantes², os atores e as figuras”, procura estabelecer, primeiramente, uma diferença entre “[...] os atuantes que decorrem de uma sintaxe narrativa e os atores reconhecíveis nos discursos particulares em que se encontram manifestados”. Esta distinção continua sendo considerada pertinente, pois permite separar os dois níveis autônomos em que é possível situar a reflexão sobre a narratividade. Mas essa definição não deixou de apresentar muitas dificuldades, pois a relação de ator e atuante não é tão simples “[...] porque se um atuante podia ser manifestado no discurso por vários atores, o inverso era igualmente possível; um só ator podia ser o sincretismo de vários atuantes” (GREIMAS, 1977, p. 179).

² Atuantes e actantes têm o mesmo significado e passaram, posteriormente, a serem traduzidos como actantes.

A estrutura atuacional (mais comumente traduzida em obras posteriores como actancial) aparece como uma possibilidade de explicar a organização do imaginário humano.

Outras categorias entram em jogo para diversificar a estrutura atuacional, ao lado das disjunções estruturais que descrevem a dramatização da narração e das disjunções sintáticas que, enquanto projeções do fazer humano virtual, permitem dar a representação de seu desenvolvimento (GREIMAS, 1977, p. 182).

A definição de actante na semiótica foi várias vezes estabelecida e redefinida, por se tratar de um conceito central e ao mesmo tempo polêmico. Greimas (1977) reconhece três pares de categorias actanciais, em que cada termo é definido por sua relação opositiva com outro termo do mesmo nível. Esse conjunto de modelo é bem conhecido e encontrado em *Sémantique Structurale*:

1. Sujeito – Objeto
2. Destinador – Destinatário
3. Adjuvante – Oponente

Esse modelo actancial pode ser explicado nas palavras de Bertrand (2003, p. 288),

Um actante Destinador, actante soberano, fonte e garantia de valores, transmite-os, por intermédio de um actante Objeto, a um actante Destinatário: é a categoria da comunicação. O Sujeito tem por missão conquistar esse Objeto, ‘entrar em conjunção’ com ele: é a categoria da busca. Nesse fazer, o Sujeito é contrariado pelo Oponente e apoiado pelo actante Adjuvante: é a categoria polêmico-contratual.

Para Bertrand (2003, p. 288), “os diferentes tipos de actantes são produtos da práxis cultural dos discursos narrativos”.

Com o passar do tempo, a semiótica foi adotando uma segunda fórmula de dispositivo actancial. Nesta nova fórmula, ela se apresenta como um sistema mais depurado, mais abstrato e geral; e se reduz a três posições relacionais: “a do sujeito (em relação com seus objetos valorizados), a do destinador (em relação com o sujeito-destinatário que ele manipula e sanciona levando em conta os valores investidos nos objetos), a do objeto (mediação entre o destinador e o sujeito)” (BERTRAND, 2003, p. 289).

Encontra-se um segundo dispositivo, paralelo, simétrico e inverso ao modelo centrado no sujeito, o do anti-sujeito, que estabelece uma relação de oposição com o sujeito e se pauta por valores inscritos na esfera de antidestinador.

Essa relação entre o sujeito e o objeto constitui uma estrutura elementar denominada programa narrativo, que constitui uma cadeia de transformação dos enunciados básicos: os enunciados de estado e os enunciados de fazer.

Os enunciados de fazer têm a função de transformar os estados, e os enunciados de estado se fundamentam nos predicados de ‘ser’ e ‘ter’. De acordo com Bertrand (2003, p. 291), “a narrativa mínima se baseia assim na transformação de um ‘estado de coisas’, pela privação ou pela aquisição, que resultam de um predicado de ação”.

Esse mecanismo de transformação pode ser compreendido da seguinte forma: “dois tipos opostos de enunciados de estado, definidores da relação que o sujeito mantém com os objetos visados: ou ele está na posse das qualidades e dos valores inscritos nesses objetos ou não” (BERTRAND, 2003, p. 291).

Essa dupla relação elementar pode ser definida através do conceito semiótico de junção. Conjunção é quando o sujeito está conjunto com o objeto valor, possui o objeto valor; e disjunção quando o sujeito está disjunto, ou seja, não possui o objeto valor. O programa narrativo permite a operação sintática que promove a transformação de um enunciado de estado em outro enunciado de estado, por meio da mediação de um enunciado de fazer. Resumindo,

o programa narrativo é uma função (um fazer) pela qual um sujeito de fazer (S1) faz com que um sujeito de estado (S2) se torne disjunto de um objeto ao qual estava conjunto, ou vice-versa. Os dois actantes-sujeitos (de fazer e de estado) podem ser manifestados por dois atores distintos, ou por um só e mesmo ator (BERTRAND, 2003, p. 292).

As primeiras definições de actantes eram limitadas e conseguiam apenas identificar e definir uma posição actancial pela relação que ela mantinha com uma outra posição. Visto dessa forma, o papel actancial se confundia com uma personagem e era simples e rígido demais, pois um mesmo ator pode no decorrer de uma narrativa, inscrever-se em diferentes percursos: destinador, sujeito, anti-sujeito e assim por diante.

De acordo com Greimas e Courtés (2008, p. 44), “[...] o ator é uma unidade lexical, de tipo nominal, que, inscrita no discurso, pode receber, no momento de sua manifestação, investimentos de sintaxe narrativa de superfície e de semântica discursiva”. A partir do conteúdo semântico próprio aparece como uma figura autônoma do universo semiótico e pode tanto ser individual como coletivo, figurativo como não-figurativo e pode, também, receber um ou vários papéis temáticos diferentes.

Ainda de acordo com Greimas e Courtés (2008, p. 45), para definir mais precisamente o termo, pode-se dizer que ator

é o lugar de convergência e de investimento dos dois componentes, sintático e semântico. Para ser chamado de ator um lexema deve ser portador de pelo menos um papel actancial e de no mínimo um papel temático. Acrescentemos que o ator não é somente lugar de investimento desses papéis, mas, também, de suas transformações, consistindo o discurso, essencialmente, em um jogo de aquisições e de perdas sucessivas de valores.

De acordo com Bertrand (2003, p. 307):

A distinção entre actante e ator pode agora ser precisada: o actante é uma pura figura sintática, existe apenas nos programas que o colocam em jogo; o ator – que outros denominam personagem – é uma figura mais complexa, porque é constituída ao mesmo tempo de componentes semânticos e de componentes sintáticos: um ou vários papéis actanciais. De fato uma ‘personagem’ numa narrativa, que será apenas nomeada, mas não entrará em nenhum programa de ação, será um puro elemento descritivo. Privada do papel actancial, ela não constituirá um ator da narrativa.

Para Floch (2001, p. 25), “a semiótica atingiu uma etapa decisiva de seu desenvolvimento ao aplicar à análise da competência dos actantes a noção de modalidade”. Conforme já apresentamos a “performance é considerada como um fazer, a competência é concebida como a combinação de um querer fazer, de um dever fazer, de um saber fazer e de um poder fazer prévios” (FLOCH, 2001, p. 25).

De acordo com a explicação de Bertrand (2003, p. 308),

A semiótica, dedicando-se apenas aos predicados modais que se manifestam na superfície do texto, situa a modalidade em um nível mais geral e abstrato: ela fala em ‘valores modais’. Assim, o /saber/ ou o /poder fazer/ de um sujeito podem ser expressos por predicados de ‘saber’ e de ‘poder’, mas igualmente por atores ou objetos figurativos, que vão dotar o sujeito da competência correspondente.

A modalidade pode ser explicada na citação de Bertrand (2003, p. 311) “é denominado modal um predicado que modifica outro predicado. O predicado modal opõe-se, portanto, em bloco ao predicado descritivo. Assim, ‘eu canto’ é um predicado descritivo, e em ‘eu quero, eu sei, eu posso cantar’, os três predicados que determinam ‘cantar’ são predicados modais”.

Os verbos modais podem ser seguidos de um verbo no infinitivo, esse critério simples, seria na lingüística uma forma de identificá-los. Considera-se modalidade “tudo o que marca a relação que o sujeito da enunciação mantém com seu enunciado” (BERTRAND, 2003, p. 311).

Na semiótica, as relações modais foram definidas de forma um pouco diferente; “a semiótica encara a modalidade não mais apenas na superfície dos enunciados produzidos, mas em um nível mais abstrato, o da gramática actancial” (BERTRAND, 2003, p. 312). Dessa forma, os sujeitos e os predicados que interessam não são apenas os sujeitos da fala, mas os próprios actantes. E as modalidades não se restringem mais às manifestações dos verbos modais ‘querer’, ‘poder’, mas aos valores modais inseridos por qualquer tipo de enunciado. Silva (1995, p.70), afirma que é possível distinguir dois tipos de relações actanciais: “as intencionais, que sustentam as transformações narrativas, e as existenciais, que sustentam as relações juntivas entre sujeito e objeto no enunciado de estado”.

Para Fontanille (2007, p. 147),

Os actantes são forças e papéis necessários à realização de um processo. As personagens de uma intriga, os sintagmas nominais de uma frase, os atores e papéis de uma peça de teatro são suas realizações concretas. A ambição de uma teoria actancial é fornecer uma representação geral dos actantes necessários à instauração de um processo, independentemente de sua realização particular.

Assim, os actantes representam papéis de uma forma geral, sendo que, para realizar um processo, eles podem desempenhar diversos papéis, dependendo, principalmente, da ação das modalidades que lhe possam ser atribuídas.

Ainda de acordo com Fontanille (2007, p. 147), atores e actantes podem ser distinguidos de duas maneiras.

Em primeiro lugar, pelo princípio que orienta seu reconhecimento: reconhece-se um ator pela presença de um certo número de propriedades figurativas, cuja associação permanece mais ou menos estável, enquanto seus papéis se modificam. Em contrapartida, reconhece-se um actante pela estabilidade do papel que lhe é atribuído em relação a um tipo de predicado, independentemente das modificações de sua descrição figurativa. Em segundo lugar, e conseqüentemente, a um ator podem corresponder vários actantes e, do mesmo modo, a um actante podem corresponder vários atores.

A noção de actante é bastante abstrata e para ser bem entendida deve ser distinguida de noções tradicionais de personagem, protagonista, herói, ator ou papel.

Todas essas noções partem da idéia de que algumas entidades textuais representam seres humanos ou seres animados e que elas têm uma função na intriga narrativa ou ocupam um lugar em uma cena. A partir desse pano de fundo comum, as diferentes noções variam de acordo com a importância do lugar ou da função que designam e de acordo com a importância que se atribui seja para a sua função de representação de um ser humano, seja para sua participação na intriga (FONTANILLE, 2007, p. 148).

Portanto, as semelhanças entre essas noções pressupõem uma existência textual indiscutível de representações. “Em contrapartida, o actante deve ser concebido segundo uma perspectiva de que nada, no texto, está antecipadamente estabelecido: tudo está por ser construído, especialmente a identidade das figuras antropomorfas que nele parecem se manifestar” (FONTANILLE, 2007, p. 149). Por isso, para saber a função de uma personagem é preciso definir o esquema da intriga, como ela vai se desenrolar e quais funções terá.

1.5 FIGURATIVIDADE E TEMATIZAÇÃO

De acordo com Bertrand,

O conceito semiótico de figuratividade foi estendido a todas as linguagens, tanto verbais quanto não-verbais, para designar esta propriedade que elas têm em comum de produzir e restituir parcialmente significações análogas às de nossas experiências perceptivas mais concretas. A figuratividade permite assim, localizar no discurso esse efeito de sentido particular que consiste em tornar sensível a realidade sensível: uma de suas formas é a mimesis. [...] O conceito de figuratividade está enraizado mais profundamente na teoria do sentido, e permite, por isso mesmo, considerar de maneira mais ampla os fenômenos semânticos e as realizações culturais que se ligam aos processos de figurativização (2003, p. 154).

Para Bertrand (2003, p. 154), “tal categoria descritiva é oriunda da teoria estética, que opõe, como todos sabem, a arte figurativa e a arte ‘não figurativa’ ou ‘abstrata’. Sugere espontaneamente a semelhança, a representação, a imitação do mundo pela disposição das formas numa superfície”. Na semiótica, o conceito de figuratividade se estende a todas as linguagens, verbais ou não verbais, e consegue designar a propriedade que elas têm em comum para produzir significações semelhantes às experiências mais concretas. Por meio da

figuratividade, é possível localizar no discurso o efeito de sentido particular que consiste em tornar sensível a realidade sensível.

A figuratividade na semiótica é extremamente rica e recebeu diversos significados que não podem ser descartados. Bertrand (2003, p. 156) cita cinco definições de figuratividade e suas evoluções de acordo com os diferentes autores:

A primeira definição é de Greimas e Courtés, (1979) do *Dicionário de Semiótica*:

O qualificativo figurativo é empregado somente com relação a um conteúdo dado quando este tem um correspondente no nível da expressão da semiótica natural. Nesse sentido, no quadro do percurso gerativo do discurso, a semântica discursiva inclui como componente temático (ou abstrato), um componente figurativo.

A segunda definição é apenas de Courtés (1979):

qualificaremos de figurativo todo significado, todo conteúdo de uma língua natural e, de maneira mais abrangente, de qualquer sistema de representação, que tenha um correspondente no plano do significante do mundo natural, da realidade. Logo, será considerado figurativo, [...] tudo que se liga à percepção do mundo exterior.

A terceira definição é do próprio Bertrand (2003):

a figuratividade se define como todo conteúdo de um sistema de representação, verbal, visual, auditivo ou misto, que entra em correlação com uma figura significativa do mundo percebido[...]. As formas de adequação do mundo natural e das manifestações discursivas das linguagens naturais constituem o objeto da semiótica figurativa.

A quarta definição é também de Greimas (1975) em “Semiótica figurativa e semiótica plástica”: “o crivo de leitura, de natureza semântica, solicita o significante planar e, assumindo feixes de traços visuais, de densidade variável, aos quais constituem em formantes figurativos, dota-os de significados, transformando assim as figuras visuais em signos-objeto [...]”.

Por fim, a última definição de Greimas (1985):

a figuratividade não é mera ornamentação das coisas, é essa tela do parecer cuja virtude consiste em entreabrir, em deixar entrever, em razão de sua imperfeição ou por culpa dela, como que uma possibilidade de além-sentido. Os humores do sujeito reencontram, então, a imanência do sensível.

De modo geral, a figuratividade mostra de alguma forma a aproximação, a semelhança e representação do mundo em uma superfície textual. Como explicitado anteriormente, pode ser aplicada a textos verbais, não-verbais ou sincréticos e consegue produzir e reavivar significações análogas às nossas experiências perceptivas mais concretas. A figuratividade mostra a aparência do mundo sensível. Para Bertrand (2003, p. 159),

o mundo natural, do ‘senso comum’, na medida em que é logo de saída instruído pela percepção, constitui em si mesmo um universo significante, ou seja, uma semiótica. Ver não é apenas identificar objetos no mundo, é simultaneamente apreender relações entre tais objetos, para construir significações.

Esse mundo visível, ou “mundo natural”, comporta um plano de expressão e um plano de conteúdo. “A relação entre esses dois planos, que se pressupõem reciprocamente, constitui precisamente a semiose” (BERTRAND, 2003, p. 163). A semiose pode também ser entendida como a função semiótica e trata-se de uma reformulação, feita por Hjelmslev, da dicotomia saussuriana entre significante e significado. E sua contribuição consiste no fato de que toda linguagem se articula em dois planos, o da expressão e o do conteúdo, e ambos podem, ainda, ser analisados em termos de uma ‘substância’ e uma ‘forma’, seguindo o seguinte esquema:

S E M I O S E	Plano de expressão	Substância da expressão
		Forma da expressão
	Plano do conteúdo	Forma do conteúdo
		Substância do conteúdo

A partir do momento em que, por exemplo, o leitor faz surgir o mundo ao ler da forma como o percebe e experimenta dele em sua experiência vivida, reconhece um traço central desse tipo de texto: a iconicidade, ou seja, uma forma de manifestação da figuratividade. Segundo Bertrand (2003, p. 208),

Essa iconicidade, portanto, nada mais é do que uma forma dentre outras possíveis de explorar componentes figurativos da expressão linguística. Ao

inserir-la como um termo polar no interior de uma categoria, o que faz a semiótica é opô-la então à polaridade contrária, a da abstração, que também manipula, mas de maneira completamente outra, as disponibilidades primeiras da língua.

A figuratividade pode ser concebida como uma propriedade semântica fundamental da linguagem e proporciona manifestações graduais, dependendo do uso que o discurso faz dela. “Os elementos figurativos, embora presentes, estão de alguma forma suspensos” (BERTRAND, 2003, p. 209). Para ser compreendido, o figurativo precisa ser assumido por um tema que dá sentido e valor às figuras, ou seja, a isotopia temática dá sustentação à isotopia figurativa.

De acordo com Greimas e Courtés, (1979, p. 187)

Sendo a figurativização caracterizada pela especificação e a particularização do discurso abstrato, enquanto apreendido em suas estruturas profundas, a introdução de antropônimos, topônimos e de cronônimos (que correspondem, respectivamente, no plano da sintaxe discursiva, aos três procedimentos constitutivos da discursivização: actorialização, espacialização e temporalização) que se podem inventariar como indo dos genéricos aos específicos, tal introdução confere ao texto, segundo se supõe, o grau desejável de reprodução do real.

É na elasticidade semântica da figuratividade que se baseia a distinção entre figurativo e temático. Na definição de Bertrand (2003, p. 213), “a tematização consiste em dotar uma sequência figurativa de significações mais abstratas que têm por função alicerçar os seus elementos e uni-los, indicar sua orientação e finalidade, ou inseri-los num campo de valores cognitivos ou passionais”.

Para que o figurativo possa ser compreendido é necessário que seja assumido por um tema, que dá valor e sentido às figuras. “A descrição de uma isotopia figurativa visa na maioria das vezes ao estabelecimento da isotopia temática que a fundamente, se esta não estiver textualizada” (BERTRAND, 2003, p. 213). Essa significação de segundo nível pode se apresentar, por exemplo, por meio de um termo abstrato ou pode ser desenvolvida por meio de uma unidade discursiva agregada à significação figurativa da narrativa.

A significação temática pode também ser indicada por expressões com função de conectar duas isotopias de leitura. Esses conectores são fixos e funcionam quando a significação abstrata é ilustrada por uma figura. Essa significação pode também permanecer implícita para ser interpretada livremente ou porque é muito evidente.

Para Bertrand (2003, p. 215),

Certos discursos parecem se instituir sobre isotopias exclusivamente figurativas, como o manual do proprietário ou a receita culinária. Mas, também nesses casos, uma tematização poderia facilmente ser reconhecida, sem excluir outros desenvolvimentos temáticos, na ordem dos valores estéticos, gustativos, etc, passíveis de serem introduzidos nesse tipo de discurso. Inversamente, os discursos científico, filosófico, teórico, etc, parecem arrolar exclusivamente isotopias temáticas. A análise poderia então examinar os modos de inserção da figuratividade no discurso argumentativo, não somente por meio de ilustrações concretas, porém mais profundamente por meio das figuras analógicas que buscam tornar sensível aquilo que é por natureza exterior e inacessível à percepção.

A significação figurativa, como foi visto, ultrapassa os significados e compreende significações mais abstratas. Por isso que, às vezes, utiliza-se o termo ‘raciocínio figurativo’. Pode-se defini-la como uma argumentação que funciona por analogia direta. Segundo Bertrand (2003), a parábola pode ser considerada um exemplo de racionalidade figurativa, pois a argumentação presente nesse tipo de texto é concreta e sensível, ocorre com uma adesão dos ouvintes sem necessariamente passar pelo raciocínio lógico. A verdade presente no discurso da parábola não pode ser entendida no seu sentido racional, deve ser incorporada pelos ouvintes que a assumem e a assimilam.

A extensão figurativa da linguagem consegue denunciar ilusões de verdade e de desejos. De acordo com Bertrand (2003, p. 217), “enraizada na experiência corporal, a figuratividade espacial rege assim de forma extraordinariamente extensa as representações axiológicas, sejam elas valores éticos, morais, racionais, socioculturais, físicos ou outros”.

Isso acontece muito com conceitos abstratos, e a verdade fica condicionada a uma “legislação da linguagem”, que força a passagem do particular ao geral e transforma a irreduzibilidade das impressões em generalizações, como se fosse “um compósito de correlações humanas poética e retoricamente amplificadas, transpostas, ornamentadas, e que, ao cabo de muito uso, apresentam-se aos olhos de um povo como canônicas e obrigatórias” (BERTRAND, 2003, p. 218).

Assim, ao contrário do que se pensa, o nível figurativo não fica na superficialidade e sim, se veste de uma abstração fictícia.

A figuratividade não pode ser assimilada à ‘representação’ mimética, que é somente uma de suas realizações possíveis. A figurativização do discurso é, mais exatamente, um processo gradual sustentado de um lado pela iconização, que garante a semelhança com as figuras do mundo sensível e, de outro, pela abstração, que delas se afasta” (BERTRAND, 2003, p. 231-grifo do autor).

A partir da figuratividade instalada no discurso, pode-se encontrar um conceito fundamental em semiótica, o de isotopia. A isotopia, de acordo com Floch (2001, p. 28), “é um conceito fundamental, na medida em que ele permite entender como o prolongamento de uma mesma base conceitual garante a homogeneidade de uma narrativa, apesar da diversidade figurativa dos atores e das ações”.

Na definição de Greimas e Courtés do *Dicionário de Semiótica* (2008, p. 275),

A. J. Greimas tomou ao domínio da físico-química o termo isotopia e o transferiu para a análise semântica, conferindo-lhe uma significação específica, levando em consideração seu novo campo de aplicação. De caráter operatório, o conceito de isotopia designou inicialmente a iteratividade, no decorrer de uma cadeia sintagmática, de classemas que garantem ao discurso-enunciado a homogeneidade.

Nessa concepção, considera-se que o sintagma que reúne pelo menos duas figuras sêmicas pode ser considerado como contexto para permitir uma isotopia. É possível distinguir uma isotopia gramatical com recorrências de categorias sintáticas, e uma isotopia semântica, que possibilita uma leitura uniforme do discurso.

Em um segundo momento, a concepção de isotopia foi ampliada e segundo Greimas e Courtés (2008, p. 246), “em lugar de designar unicamente a iteratividade de classemas, ele se define como a recorrência de categorias sêmicas, quer sejam estas temáticas ou figurativas.” Dessa forma, é possível separar a isotopia figurativa, que sustenta a configuração discursiva, e a isotopia temática, que se situa em um nível mais profundo.

De acordo com Greimas e Courtés (2008, p. 247), “enquanto um enunciado que rege um outro enunciado (de fazer ou de estado), a modalidade define um plano isotópico que enquadra unidades de ordem hierarquicamente inferior sobre as quais ela incide”. Dessa forma, o jogo do ser e do parecer das modalidades veridictórias especificam um plano isotópico interno ao discurso.

Até agora se tratou da abordagem estrutural da figuratividade cuja definição semântica é baseada na correspondência desdobrada em isotopias discursivas e figuras do plano de expressão do mundo natural, e figuras do plano de conteúdo de uma linguagem que afetam as categorias espaciais, temporais e actoriais. De acordo com Bertrand (2003, p. 234), “essa correspondência se realizava no âmbito de um contrato fiduciário de veridicção: o crer compartilhado. Tal contrato enunciativo fixava a habilitação dos valores figurativos e enunciava-lhes o regime de circulação”.

Dessa forma, havia uma distinção entre as operações de iconização que enquadram um “efeito de real”, e, das tematizações, que faziam uma reformulação do conceito abstrato das isotopias figurativas. Segundo Bertrand,

esse patamar modal subjacente do /crer verdadeiro/, que sustenta por meio do contrato enunciativo o reconhecimento comum de um ‘mundo’ na leitura, situava-se no plano de fundo da análise, como um imperceptível horizonte. Ele passa a ocupar agora, na segunda abordagem da figuratividade, a frente do palco (2003, p. 235).

Essa modalidade acrescenta o espaço fiduciário que assegura a variação e a junção entre os diferentes níveis de interpretação permitidos pelas isotopias figurativas. Quando se reconhece a modalidade central e fundadora do crer explicitam-se de forma mais ampla as fontes da significação figurativa. “A apreensão da figuratividade dos textos já não se volta para posteridade dos efeitos de sentido produzidos e sua estruturação; agora, ela está dirigida para o nascedouro da figurativização” (BERTRAND, 2003, p.235).

Essa função se compara com as operações de reconhecimento e de identificação dos objetos na percepção. Com esse parecer, define-se um espaço semiótico próprio, e por isso mesmo, problemático, em que se realiza a articulação entre o ato sensível e a discursivização de figuras que comprovam sua presença na linguagem. “Sujeito e objeto, por esse ato, solidarizam-se e soldam-se, confiantes na realidade e verdade do mundo sensível, ou então, pelo contrário, desprendem-se e dessolidarizam-se, como demonstram as ilusões da sensibilidade ou as alucinações” (BERTRAND, 2003, p. 236).

Assim, percebe-se que o lugar de articulação da figuratividade fica um pouco deslocado. Doravante esse conceito foi desprendido da “representação” e se juntou mais ao ato sensorial, integrando, assim, uma abertura para outras virtualidades do que as aceitas pelo visível e inteligível. “Ela leva o olhar para os modos de ‘contato’ pelos quais o sujeito vem aderir à substância do conteúdo, para o próprio lugar das percepções, ao mesmo tempo legadas pelo uso, depositadas na linguagem e simuladas nos discursos” (BERTRAND, 2003, p. 238).

Não se pode considerar que houve, por isso, uma ruptura entre as duas concepções. Mas é possível considerar que houve um deslocamento que proporcionou a retirada das consequências do modelo fundador da semiótica. Essa nova abordagem de figuratividade apenas concebe um novo espaço de investigação que parece essencial, pois seu conhecimento estaria ligado ao cognitivo e a uma antropologia do sensível. Para Bertrand (2003, p. 239), “já que o /crer/ se encontra no centro de tal reflexão sobre o figurativo,

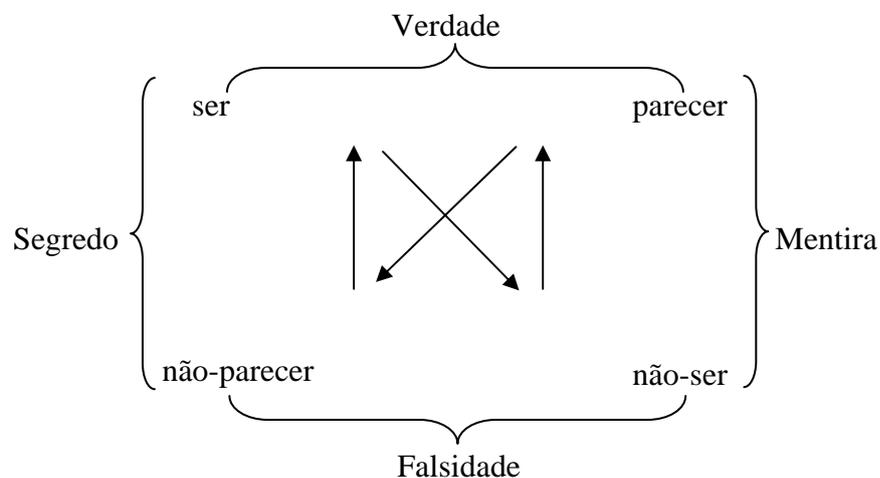
precisamos tomar mais um desvio e mostrar como a semiótica trata a questão da verdade e da crença partilhada: é a problemática da veridicção que comanda os jogos do parecer do sentido”.

A questão da veridicção está totalmente presente na semiótica e faz parte dos postulados fundamentais sobre sentido. E dentro desse conceito, considera-se que o sentido se apresenta sempre, tanto na percepção quanto na leitura, sob o ponto de vista do parecer. “Quer o parecer seja apreendido como uma ‘promessa’ de ser, quer como mera estratégia de persuasão, a veridicção vem tomar o lugar de uma problemática da verdade, estabelecida como valor ontológico ou – o que, no caso, dá no mesmo – como valor referencial” (BERTRAND, 2003, p. 240).

A veridicção consegue instalar uma separação entre a produção e a interpretação dos valores de verdade, uma separação entre o que parece e o que supõe ser na cena discursiva, “faz dos valores de verdade o objeto de um jogo de linguagem” (BERTRAND, 2003, p. 240). A veridicção pode ser considerada como uma oposição entre o ser e o parecer.

O quadrado da veridicção se apresenta como uma combinação dos valores de ser e parecer, se de suas negações: a combinação define os termos de “segunda geração”. Assim, quando há coincidência do parecer e do ser num universo de discurso, há “verdade”; a coincidência do parecer e do não-ser define a “mentira”; a do não-parecer e do ser define o “segredo”; enfim, a coincidência do não-parecer e do não-ser define a “falsidade” (BERTRAND, 2003, p. 241).

Eis o quadrado que Greimas (2008, p. 367) utiliza no *Dicionário de Semiótica* para exemplificar:



Esse modelo, embora coloque várias questões em dúvida, funda o contrato de veridicção, as condições de confiança que determinam o compartilhamento de crenças entre os sujeitos no interior do discurso. A crença ou fidúcia que são partilhadas estão no fundamento da concepção da enunciação e da interação na semiótica. Na linguagem, essa crença se apoia primeiramente nos valores figurativos vindos da percepção.

De acordo com Bertrand (2003, p. 252), “a primeira ordem fiduciária é de cunho intersubjetivo. Enuncia as condições para um assentimento compartilhado sobre os modos de realização discursiva da figuratividade”. Ela tem como objetivo os valores realizados que o tecido figurativo carrega, pode ser considerada do crer “doxológico”.

A segunda ordem fiduciária “é de cunho ‘intra-subjetivo’ e enuncia as condições para a adesão do sujeito da percepção ao parecer sensível” (BERTRAND, 2003, p. 252). Esse tipo de variedade fiduciária ocupa o lugar das valências perceptivas. Dessa forma, é o crer dóxico que sobredetermina crer doxológico.

“A semiótica integrou há um bom tempo as categorias, provenientes da psicologia da percepção, de exteroceptividade (o mundo exterior), interoceptividade (o mundo interior) e proprioceptividade (a interface entre ambas: a ressonância do sensível)” (BERTRAND, 2003, p. 259). Assim, o conceito de figuratividade foi introduzido e aos poucos foi substituindo as propriedades exteroceptivas, causando a mudança de figuras de expressão do mundo natural em figuras de conteúdo de línguas naturais; para outras categorias que não permitem essa mudança ocorreu a substituição do conceito de abstração para o de interoceptividade.

Segundo Bertrand (2003, p. 259), “o conceito de timia (= reação sensível do sujeito corporal em seu meio), com sua dupla polaridade euforia/disforia, veio dar conta, na qualidade de classema, da incorporação do sensível, substituindo então a proprioceptividade”. A semiótica figurativa, ao tentar explicar a “representação” e as impressões referenciais, era exteroceptiva; ao discutir os vínculos entre figurativo e abstrato, estava associando o figurativo à dimensão interoceptiva. Já os desenvolvimentos mais atuais da investigação sobre a figuratividade são voltados para a dimensão proprioceptiva e também para questões relacionadas à fenomenologia.

Bertrand explica esse processo expondo que:

O texto é uma verdadeira fábula da proprioceptividade, sugerindo-nos seu esquema. Ao desnudar o processo de incorporação do sensível, como se o soletrasse, ele ilustra a necessidade, por um lado, de conferir à tensão de um estatuto semântico (é papel desempenhado pelo conceito de valência e pelas

correlações que o definem) e, por outro lado, de melhor definir as ligações entre a emergência do sentido na sensorialidade, sua estabilização no figurativo e a estereotipização deste último no axiológico. Ao longo dessa trama, o sujeito que ‘vê’ e ‘sente’ descobre seu espaço, e se descobre por meio dele. (2003, p. 260)

Por meio dos atuais desenvolvimentos da reflexão sobre a figuratividade é possível analisar as estreitas relações entre a dimensão figurativa do discurso e a atividade de percepção. “A adesão, na linguagem, se apoia sobre os valores figurativos da percepção, que o discurso social transforma em valores axiológicos” (BERTRAND, 2003, p. 260).

2 O DISCURSO POLÍTICO

Todo parecer é imperfeito e a imperfeição, nossa condição humana.

Greimas

O discurso político é argumentativo e tem o objetivo de persuadir, toma como ponto de partida os ideais do bem comum, alicerçado por pontos de vista do enunciador ou enunciatóres que representa, e por informações compartilhadas que traduzem valores sociais, políticos, religiosos e outros. Na maioria das vezes, apresenta-se como uma fala coletiva que procura sobrepor-se em nome de interesses da comunidade.

Argumentar é expressar uma convicção, um ponto de vista, que é desenvolvido e explicado de forma a persuadir o enunciatário. Por isso, o discurso político tenta construir um raciocínio coerente e convincente, para influenciar o outro, levando-o a pensar, agir e concordar com os objetivos do enunciador.

Na concepção de Osakabe (1999, p. 93), “o ato de argumentar constitui uma espécie de operação que visa fazer com que o ouvinte não apenas se inteire da imagem que o locutor faz do referente, mas principalmente que o ouvinte aceite essa imagem”. O enunciatóres, não necessariamente, conhece inteiramente a imagem de seu enunciatário ou concorda com ela, mas aceita o discurso produzido, ou melhor, a imagem que esse discurso produz.

“Se o ato de discursar constitui um ato de argumentar, ele deve revelar em sua totalidade as marcas desse ato” (OSAKABE, 1999, p. 109), ou seja, o discurso que tem o objetivo de argumentar depende das imagens mútuas que se pressupõem, a do enunciatóres e a do enunciatário.

Osakabe (1999, p. 110) divide o ato de argumentar em três atos distintos que guardam entre si uma relação próxima à do tipo implicativo: “um ato de *promover* o ouvinte para um lugar de decisão na estrutura política; um ato de *envolvê-lo* de forma tal a anular a possibilidade da crítica; e um ato de *engajar* o ouvinte numa mesma posição ou mesma tarefa política.” Por economia verbal ele denomina os atos como *promoção*, *envolvimento* e *engajamento* e acredita que esse conjunto se justifica na relação com um fim determinado que o locutor visa obter no ouvinte.

No contexto da semiótica Landowski (1992, p. 206) também analisa o discurso político. Para ele, é difícil determinar o que faz um discurso ser considerado político, mas afirma que dois critérios podem ser considerados: “A especificidade do discurso político pode, primeiro, ser buscada em sua semântica. Será, então, considerado político o discurso que fala “de política” – a supor, evidentemente, que consigamos nos entender sobre as palavras.” Esse critério é complexo, pois como ele mesmo afirma, tem-se que entender o que significa a palavra “político”.

Outra forma podem ser os critérios sintáticos, explicados como um processo de argumentação que leva à persuasão, ou seja,

[...] todo “fazer” discursivo cuja efetuação vise, ou simplesmente acarrete, algum *efeito de poder*, entendendo, com isso, a transformação das competências modais das partes integrantes da comunicação e, por conseguinte, a transformação das condições de realização de seus respectivos programas de ação (LANDOWSKI, 1992, p, 206-grifo do autor).

Para que haja argumentação é preciso existir também a adesão, Perelman (2005, p, 16) explica que:

Para que haja argumentação, é mister que, num dado momento, realize-se uma comunidade efetiva dos espíritos. É mister que se esteja de acordo, antes de mais nada e em princípio, sobre a formação dessa comunidade intelectual e, depois, sobre o fato de se debater uma questão determinada.

Então, o mínimo necessário para a argumentação é a existência de uma linguagem em comum, de uma técnica que estabeleça a comunicação. E apenas isso não basta, é importante também que o enunciatório seja delimitado e bem construído, pois de acordo com Perelman (2005, p. 22)

A argumentação efetiva tem de conceber o auditório presumido tão próximo quanto o possível da realidade. Uma imagem inadequada do auditório, resultante da ignorância ou de um concurso imprevisto de circunstâncias, pode ter as mais desagradáveis consequências. Uma argumentação considerada persuasiva pode vir a ter um efeito revulsivo sobre um auditório para o qual as razões pró são, de fato, razões contra.

Assim, o conhecimento daqueles que se pretende atingir é uma condição prévia para a argumentação eficaz. Cada tipo de auditório caracteriza-se por opiniões dominantes, por convicções e premissas às quais o orador, que objetiva persuadir, tem que se adaptar.

Quando o objetivo é alcançar um resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção é apenas uma primeira fase que leva à ação. Quando o objetivo é atingir o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir.

Perelman (2005, p. 30) esclarece, resumidamente, da seguinte forma: “Propomo-nos chamar persuasiva a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar convincente àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional.”

Para Abreu (2001, p. 25), “convencer é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando”. O ato de convencer é construir algo no campo das ideias e fazer o outro pensar como nós. Já persuadir, de acordo com esse mesmo autor (2001, p. 25), “é saber gerenciar relação, é falar à emoção do outro. [...] Quando persuadimos alguém, esse alguém realiza algo que desejamos que ele realize.”

Na teoria semiótica a questão da argumentação pode ser associada à questão da manipulação que, de acordo com Greimas e Courtés (2008, p. 269),

Caracteriza-se como uma ação do homem sobre outros homens, visando a fazê-los executar um programa dado: no primeiro caso, trata-se de um ‘fazer-ser’, no segundo, de um ‘fazer-fazer’; essas duas formas de atividade, das quais uma se inscreve, em grande parte, na dimensão pragmática e a outra na dimensão cognitiva, correspondem assim a estruturas modais de tipo factitivo.

Pode-se entender a manipulação quando um sujeito age sobre o outro para tentar convencê-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa. “A manipulação joga com a persuasão, articulando assim o fazer persuasivo do destinador e o fazer interpretativo do destinatário” (Greimas e Courtés, 2008, p. 270).

Ainda de acordo com Greimas e Courtés (2008, p. 270),

A manipulação é sustentada por uma estrutura contratual e ao mesmo tempo por uma estrutura modal. Trata-se, com efeito, de uma comunicação (destinada a saber-fazer) na qual o destinador-manipulador impele o destinatário-manipulado a uma posição de falta de liberdade (não poder não fazer), a ponto de ser este obrigado a aceitar o contrato proposto. Assim, o que está em jogo, à primeira vista, é a transformação da competência modal do destinatário-sujeito.

O fazer persuasivo do manipulador pode se apoiar em duas dimensões: na dimensão pragmática, o manipulador propõe ao manipulado objetos positivos ou negativos;

na dimensão cognitiva, o manipulador faz com que o manipulado saiba o que ele pensa da sua competência modal por meio de juízos positivos ou negativos.

Na definição de Greimas e Courtés (1979, p. 270),

Quando se trata de uma manipulação segundo o saber, o manipulado é levado a exercer correlativamente um fazer interpretativo e a escolher necessariamente entre duas imagens de sua competência: positiva no caso da sedução, negativa na provocação. Quando se trata da manipulação segundo o poder, o manipulado é levado a optar entre dois objetos-valor: positivo, na tentação, negativo, na intimidação.

Portanto, na persuasão pelo poder encontra-se a tentação (valor positivo) e a intimidação (valor negativo); na persuasão pelo saber tem-se a provocação (com valor negativo) e a sedução (com valor positivo).

2.1 O *ÉTHOS* POLÍTICO

Para Fiorin (2004), a imagem produzida pelo ator da enunciação, independentemente da veracidade ou não, constitui seu *éthos*. Conforme o autor (2004, p. 120),

o *éthos* não se explicita no enunciado, mas na enunciação. [...] O *éthos* explicita-se na enunciação enunciada, ou seja, nas marcas da enunciação deixadas no enunciado. Portanto, a análise do *éthos* do enunciador, nada tem de psicologismo que, muitas vezes, pretende infiltrar-se nos estudos discursivos. Trata-se de apreender um sujeito construído pelo discurso e não uma subjetividade que seria a fonte de onde emanaria o enunciado, de um psiquismo responsável pelo discurso (2004, p. 120).

Quando se fala em *éthos* do enunciador, fala-se em ator e não em actante da enunciação. De acordo com Fiorin (2004a, p. 122), “não há qualquer dificuldade para determinar o que se poderia chamar o *éthos* do interlocutor, já que este é uma personagem construída na obra, com todas suas características físicas e psíquicas. O problema é distinguir o caráter do enunciador e o do narrador”. Fiorin (2004a, p. 123), seguindo as pistas deixadas por Greimas, faz uma distinção: “[...] o enunciador tomado como ator da enunciação se define

pelo todo de sua obra. Quando analisamos uma obra singular, podemos definir os traços do narrador, quando estudamos a obra inteira de um autor é que podemos apreender o *éthos* do enunciador”. Pode-se, então, encontrar uma identidade ou diferença entre o caráter do enunciador e do narrador em uma obra.

Em termos semióticos, é por meio do discurso do enunciador e da adesão do enunciatário que se constrói o sentido e sua aceitação ou não aceitação. É pelo discurso que se encontra a possibilidade de persuadir, de demonstrar a verdade ou o parecer da verdade, de acordo com o assunto e o enunciatário. E para conseguir a persuasão, o caráter moral do enunciador importa muito.

É possível dizer que o *éthos* está diretamente ligado à questão da adesão do enunciatário ao discurso. O enunciatário não adere ao discurso apenas porque ele é apresentado como um conjunto de ideias que expressam seus possíveis interesses, mas, sim, porque se identifica com o sujeito da enunciação.

De acordo com Fiorin (2008, p. 143), as marcas do *éthos* do enunciador podem ser encontradas na materialidade discursiva da totalidade, ou seja,

em qualquer elemento composicional do discurso ou do texto: na escolha do assunto, na construção das personagens, nos gêneros escolhidos, no nível de linguagem usado, no ritmo, na figurativização, na escolha dos temas, nas isotopias, etc.

O discurso não é apenas um conteúdo, mas também um modo de dizer, que constrói os sujeitos da enunciação; e ao construir um enunciador, constrói também o enunciatário.

Fiorin (2004, p. 137-138) afirma:

Os atores da enunciação, imagens do enunciador e do enunciatário constituem simulacros do autor e do leitor criados pelo texto. São esses simulacros que determinam todas as escolhas enunciativas, conscientes ou inconscientes, que produzem os discursos.

Para entender as opções enunciativas de um discurso e compreender a sua eficácia é preciso apreender também as imagens do enunciador e do enunciatário criados no discurso, ou seja, é preciso apreender o seu *éthe*.

Aristóteles, em seus estudos sobre a Retórica, afirma que para o discurso ser tomado como verdadeiro é preciso que ele deixe suas marcas, suas provas de verdade. Para ele,

Entre as provas fornecidas pelo discurso, distinguem-se três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, nas disposições que se criaram no ouvinte; outras, no próprio discurso, pelo que ele demonstra ou parece demonstrar. Obtém-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança (ARISTÓTELES, 1964, p. 34).

Charaudeau (2006, p. 16), nos estudos sobre o discurso político, relata que:

Todo ato de linguagem emana de um sujeito que apenas pode definir-se em relação ao outro, segundo um princípio de alteridade. Nessa relação, o sujeito não cessa de trazer o outro para si, segundo um princípio de influência, para que esse outro pense, diga ou aja segundo a intenção daquele.

É possível afirmar que o ato de linguagem está ligado a uma ação entre as relações de força que os sujeitos mantêm entre si, relações essas que constroem o vínculo social.

Ressalte-se que essa questão já fora tratada por Bakhtin, ao afirmar que o enunciado é definido a partir de uma comunicação discursiva e, conseqüentemente, pela alternância dos sujeitos do discurso. Segundo Bakhtin (2003, p. 275), “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro”. E essa alternância de sujeitos não é somente, mas é também a alternância simples que presenciamos no diálogo real do cotidiano, com as várias réplicas que criam limites precisos nos enunciados em diversos campos da atividade de comunicação. Para Bakhtin (2003, p. 276),

[...] essas relações só são possíveis entre enunciações de diferentes sujeitos do discurso, pressupõem outros (em relação ao falante) membros da comunicação discursiva. Essas relações entre enunciações plenas não se prestam à gramaticalização, uma vez que, reiteramos, não são possíveis entre unidades da língua, e isso tanto no sistema da língua quanto no interior do enunciado.

Nesse aspecto dialógico do discurso, as ideias de Charaudeau (2006, p. 19) convergem com a citação anterior ao afirmar que

todos os grandes políticos disseram, ou deram a entender, que a arte política reside em uma boa gestão das paixões coletivas, isto é, em um ‘sentir com os outros’ que, é preciso acrescentar, os torna cegos quanto às suas próprias opiniões e motivações pessoais.

Da mesma forma que um enunciado qualquer, por mais inocente que pareça, pode ter um sentido político assim que a situação o autorizar, também um enunciado aparentemente político pode, de acordo com a situação, servir apenas de pretexto para dizer outra coisa que não é política. Então, como afirma Charaudeau (2006, p. 40), “não é, portanto, o discurso que é político, mas a situação de comunicação que assim o torna. Não é o conteúdo do discurso que assim o faz, mas é a situação que o politiza.” O discurso político concerne mais diretamente aos atores que participam da cena de comunicação política e que têm o desafio de influenciar as opiniões para obter adesões, rejeições ou consensos.

O povo vota em um político em razão de sua imagem e de algumas frases de efeito e não necessariamente em razão de seu programa político, “entretanto, o comportamento das massas depende daquilo que as reúne sob grandes denominadores comuns: discursos simples portadores de mitos, de símbolos ou de imaginários que encontram eco em suas crenças; imagens fortes suscetíveis de provocar uma adesão pulsional” (CHARAUDEAU, 2006, p. 78). Por isso, o político tenta construir para si a imagem de um benfeitor, com capacidade para unir a condição humana da realidade social a um invisível ideal social.

Para Charaudeau (2006, p. 79), “o político encontra-se em uma dupla posição, pois, por um lado, deve convencer todos da pertinência de seu projeto político e, por outro, deve fazer o maior número de cidadãos aderirem a esses valores.” Então, o político constrói para si uma dupla identidade discursiva; uma que corresponde ao conceito político; outra que corresponde à prática política.

“O político, em sua singularidade, fala para todos como portador de valores transcendentais: ele é a voz de todos na sua voz, ao mesmo tempo em que se dirige a todos como se fosse apenas o porta-voz de um Terceiro, enunciador de um ideal social” (CHARAUDEAU, 2006, p. 80). Dessa forma, ele estabelece uma espécie de pacto de aliança expresso por um “Nós”. Mas para essa aliança funcionar, é preciso que o político inspire confiança, admiração e saiba aderir a uma imagem de representante que se encontra no imaginário coletivo dos possíveis eleitores.

De acordo com Charaudeau (2006, p. 82),

[...] as estratégias discursivas empregadas pelo político para atrair a simpatia do público dependem de vários fatores: de sua própria identidade social, da maneira como ele percebe a opinião pública e do caminho que ele faz para chegar até ela, da posição dos outros atores políticos quer sejam parceiros ou adversários, enfim, do que ele julgar necessário defender ou atacar: as pessoas, as idéias ou as ações.

O político pode perceber a opinião pública como sendo favorável, desfavorável ou incerta, e os seus discursos ajustar-se-ão a esses tipos de público com a ciência de que eles poderão, ainda, se sobrepor uns aos outros e gerar efeitos contrários. E deve também fazer uso de todas as estratégias disponíveis para fazer com que o maior número de cidadãos, possíveis eleitores, apoiem suas ideias, seu programa, a sua política e a sua pessoa.

“Em todo ato de discurso, o propósito é aquilo que se fala, o projeto que se tem em mente ao tomar a palavra; o que é, afinal, proposto” (CHARAUDEAU, 2006, p. 187). Mas o sujeito político que fala não é totalmente livre para tematizar seu discurso; ele depende, de certa forma, da situação de comunicação na qual se fala. “O objeto de busca da ação política é um ‘bem soberano’ que une essas duas instâncias em um pacto de reconhecimento de um ‘ideal social’ que é preciso querer atingir e para cuja obtenção é preciso darem-se os meios” (CHARAUDEAU, 2006, p. 189). Portanto, a tarefa do discurso político, pode-se dizer, é determinar, de acordo com seu propósito, o ideal dos fins como busca universal das sociedades.

No entanto, a pluralidade humana é o fundamento da política, visto que os indivíduos que vivem em um mesmo território são diferentes e nem sempre possuem objetivos em comum. Consoante Charaudeau (2006, p. 190), “o discurso político pretende ser, em seu propósito, um discurso de verdade que diz qual é o sistema de valores em nome do qual se deve estabelecer o elo social que une essa diversidade”. Por outro lado, a verdade relaciona-se com o discurso, mas não pode ser vista apenas como discurso, visto que é sempre representada por meio da linguagem, então é a linguagem que funda e configura os sistemas de valor ao mesmo tempo.

Para Charaudeau (2006, p. 91),

o discurso político – mas ele não é o único – realiza a encenação seguindo o cenário clássico dos contos populares e das narrativas de aventura: uma situação inicial que descreve o mal, a determinação de sua causa, a reparação desse mal pela invenção do herói natural ou sobrenatural.

Geralmente, o discurso político (que pretende obter a adesão do eleitor) insiste nos fatos dos quais o cidadão é vítima, em uma desordem social, no mal do adversário e propõe uma solução salvadora que deve sustentá-lo. “Isso mostra a que ponto a construção da imagem de si (o *éthos*) é importante no discurso político” (CHARAUDEAU, 2006, p. 91).

Dessa forma, o discurso político incita mais do que argumenta. Trata-se mais de procurar transformar e reforçar opiniões impregnadas de emoção, diante de uma construção identitária de atores políticos do que estabelecer uma verdade racional. “O político coloca sua própria pessoa para alimentar o desejo de identificação do cidadão, que assim participa por procuração da realização de um projeto político” (CHARAUDEAU, 2006, p. 94).

A organização do discurso político depende de considerações feitas anteriormente sobre as condições do enunciatário, segundo Osakabe (1999, p 109), “depende das imagens mútuas que se pressupõem fazer locutor e ouvinte; depende das imagens que se pressupõem fazer locutor e ouvinte sobre o referente; depende, em último lugar, dos atos de linguagem que o locutor realiza no momento de discurso”.

Ao dirigir-se às massas, o político deve colocar em evidência os valores que podem ser partilhados e, principalmente, compreendidos por todos, visto que o conjunto de pessoas é heterogêneo e díspar. Mas, de acordo com Charaudeau (2006, p. 98), “simplificar não é fácil e comporta um risco. O mundo é complexo, o universo do pensamento é complexo, o processo de construção das opiniões é complexo, simplificar é, portanto, tentar reduzir essa complexidade à sua expressão mais simples.” E o risco é grande, pois a simplificação pode levar a uma verdade falsa, uma verdade improvável ou a uma contraverdade.

“Todo político sabe que lhe é impossível dizer tudo a todo momento e dizer todas as coisas exatamente como ele as pensa ou as percebe, pois não é preciso que suas palavras entrem sua ação” (CHARAUDEAU, 2006, p, 105). A ação política é desenvolvida no tempo e no momento em que o político pronuncia suas promessas e ele não sabe se terá condições de executar as propostas ou se terá obstáculos. Por isso, é preciso que ele jogue com estratégias discursivas que pareçam vagas e não muito explícitas, mas que não atrapalhem, ao mesmo tempo, sua credibilidade. Pode-se dizer, de acordo com Charaudeau (2006), que o político tem que parecer dizer a verdade.

Segundo a teoria semiótica a verdade é interpretada no interior do discurso, primeiramente, como uma leitura das marcas de veridicção e são essas marcas que classificam o discurso enunciado como verdadeiro ou não. Mas para existir essa veridicção presente no discurso é necessária uma coordenação entre as instâncias do enunciador e do enunciatário, conforme postulam Greimas e Courtés (2008, p. 530):

O crer-verdadeiro do enunciador não basta, supomos, à transmissão da verdade: o enunciador pode dizer quanto quiser, a respeito do objeto de saber que está comunicando, que ‘sabe’, que está ‘seguro, que é ‘evidente’; nem por isso pode ele assegurar-se de ser acreditado pelo enunciatário: um crer-verdadeiro deve ser instalado nas duas extremidades do canal da comunicação, e é esse equilíbrio, mais ou menos estável, esse entendimento tácito entre dois cúmplices mais ou menos conscientes que nós denominamos contrato de veridicção .

Percebe-se, então, que para haver esse contrato de veridicção é também necessário que haja um contrato entre enunciador e enunciatário e um entendimento entre eles, segundo Greimas e Courtés (2008, p. 486):

Vê-se, entretanto, que o bom funcionamento desse contrato depende, em definitivo, da instância do enunciatário, para quem toda mensagem recebida, seja qual for seu modo veridictório, apresenta-se como uma manifestação a partir da qual ele é chamado a atribuir este ou aquele estatuto ao nível da imanência (a decidir sobre o seu *ser* ou o seu *não-ser*).

Assim, não basta que no discurso haja marcas de veridicção, é necessário muito mais que isso; é necessário que o discurso produza um efeito de sentido de ‘verdade’ para o enunciatário, e que esse efeito de sentido seja o mesmo para enunciador e enunciatário, para haver o contrato de veridicção e um exercício persuasivo, pois como afirmam Greimas e Courtés (2008, p. 487):

A ‘verdade’, para ser dita e assumida, tem de deslocar-se em direção às instâncias do enunciador e do enunciatário. Não mais se imagina que o enunciador produza discursos verdadeiros, mas discursos que produzem um efeito de sentido de ‘verdade’: desse ponto de vista, a produção da verdade corresponde ao exercício de um *fazer parecer verdadeiro* que se pode chamar, sem nenhuma nuance pejorativa, de fazer persuasivo (grifo do autor).

O fazer persuasivo do enunciador tem o objetivo de conseguir convencer o enunciatário de que seu discurso é verdadeiro ou, pelo menos, que simula a verdade. Isso pode ser confirmado nas palavras de Greimas e Courtés (2008, p. 487):

Exercido pelo enunciador, o fazer persuasivo só tem uma finalidade: conseguir a adesão do enunciatário, o que está condicionado pelo fazer interpretativo que este exerce, por sua vez: pelo mesmo motivo, a construção do simulacro de verdade, tarefa essencial do enunciador, está igualmente ligada tanto a seu próprio universo axiológico quanto ao do enunciatário e, sobretudo, à representação que o enunciador se faz deste último universo.

Percebe-se, portanto, que, para a verdade do enunciador ser aceita como verdade, é necessário que o enunciatário receba o discurso como verdadeiro, e isso só acontece quando há um contrato de veridicção pré-estabelecido entre os dois. Esse contrato permite que o fazer-parecer-verdadeiro do enunciador seja aceito pelo enunciatário como um crer-verdadeiro. Assim, constrói-se um simulacro da verdade. Na realidade, essas estratégias que o político utiliza são para fortalecer o seu discurso e seu vínculo com o enunciatário, seu possível eleitor.

O discurso político caracteriza-se pela forma de dizer o que pretende, o que objetiva, mas sem deixar transparecer o que realmente almeja. A linguagem do discurso político, mesmo que seja simples e didática não atinge seu objetivo de maneira imediata, ela é ardil, utiliza várias artimanhas para atingir seu enunciatário. É como se o discurso político falasse pelo avesso, por meio de máscaras, que escondem seu propósito maior de convencimento e persuasão.

3 GÊNEROS DISCURSIVOS

A linguagem participa na vida através dos enunciados concretos que a realizam, assim como a vida participa da vida através dos enunciados.

M. Bakhtin

O filósofo da linguagem, M. Bakhtin, centrou seus estudos nos aspectos políticos da linguagem. Também se dedicou ao estudo da literatura, sobretudo ao romance. O seu nome aparece sempre associado ao chamado Círculo de Bakhtin, do qual fazem parte P. Medvedev e V. N. Voloshinov e também a outros integrantes do Círculo. De Bakhtin e o do Círculo interessam-nos, neste trabalho, os estudos sobre os gêneros discursivos, tendo em vista que focalizamos o gênero discursivo entrevista no campo político.

Bakhtin afirma o caráter dialógico da linguagem, por isso em seus textos teóricos, destaca-se o diálogo. Segundo o filósofo, a língua, em seu uso concreto e real, tem a propriedade de ser dialógica. Bakhtin/Voloshinov (1981, p 3) afirma que a “enunciação está na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; ela, por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida para o discurso verbal, ela dá a qualquer coisa linguisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único”.

O enunciado é extremamente importante quando se trata de manifestação da linguagem, pois é por meio dele que a língua se concretiza e, conforme Bakhtin (2003, p. 265), “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. O enunciado é um núcleo problemático de importância excepcional”.

Nas reflexões bakhtinianas, a comunicação é a essência da linguagem, que tem um caráter dialógico. A teoria de Bakhtin traz um termo bem simples e do cotidiano para reviver o reconhecimento da reciprocidade eu e o outro presente nos enunciados em geral, e essa reciprocidade compreende o diálogo. Ao se considerar o diálogo dessa forma, é possível reconhecer e estender o conceito para a linguagem em geral e reconhecer que qualquer manifestação da linguagem é constituída de maneira dialógica, numa alternância de vozes. Segundo Marchezan (2006, p. 117), “É claro – e produtivo, conforme se quer enfatizar aqui – o convite à aplicação do diálogo para a compreensão da linguagem verbal como um todo, de modo a considerá-la sempre como um acontecimento entre sujeitos”. O diálogo de Bakhtin

reúne em seu conceito a reflexão sobre sujeito, tempo e espaço e, ao mesmo tempo, conserva e releva a constituição histórica, social e cultural, que é explorada por meio do conceito de cronótopo.

Bakhtin, em suas reflexões, entende que os diálogos sociais não são repetidos de maneira absoluta e também não são completamente novos, pois retomam às marcas históricas e sociais de determinada cultura e sociedade.

Nesse contexto teórico, a palavra diálogo pode causar confusão, pois não é o diálogo do senso comum, entendido nos tipos de estrutura gramatical ou com o sentido de acordo, de consenso.

Marchezan (2006, p, 123) explica:

A palavra diálogo, ao contrário, é bem entendida, no contexto bakhtiniano, como reação da palavra a palavra de outrem, como ponto de tensão entre o eu e o outro, entre círculos de valores, entre forças sociais. A essa perspectiva, não interessa a palavra passiva e solitária, mas a palavra na atuação complexa e heterogênea dos sujeitos sociais, vinculada a situações, a falas passadas e antecipadas.

O diálogo fundamenta a linguagem em ato e funciona como uma réplica social. O estudo dialógico do texto requer um esforço para compreendê-lo como um organismo vivo e atuante e, também, vivenciá-lo. Depois, examinar o texto de fora, com a visão do cronótopo e sem confundir os seus posicionamentos. A relação dialógica não coincide com a relação existente entre as réplicas de um diálogo real, por ser mais extensa, mais variada e mais complexa. Dois enunciados, separados um do outro, podem revelar uma relação dialógica mediante uma confrontação do sentido, desde que haja alguma convergência do sentido, ou seja, uma réplica social. Os diálogos são, assim, sociais e não se repetem de maneira absoluta, nem são completamente novos, reiteram marcas históricas e sociais que caracterizam uma dada cultura, numa dada sociedade.

O diálogo pode ser considerado como o conceito fomentador e organizador da reflexão, como a unidade de base necessária e primordial, requerida por Bakhtin, para a classificação dos gêneros.

A teoria clássica dos gêneros definia as formas poéticas em termos de classificação. Aristóteles, na Poética, classificava os gêneros de acordo com a voz, assim, poesia de primeira voz era a representação da lírica; poesia de segunda voz era a representação da épica e poesia de terceira voz, a do drama. Antes de Aristóteles, Platão fazia

também um tipo de classificação de acordo com os juízos de valor. Para ele, ao gênero sério pertenciam a epopeia e a tragédia e ao burlesco, a comédia e a sátira.

Mas a emergência da prosa pediu outras formas de análise e os estudos que Bakhtin desenvolveu sobre os gêneros discursivos consideram não a classificação binária das espécies, mas o dialogismo do processo comunicativo que está inserido no campo dessa emergência.

Bakhtin propôs uma abertura conceitual que permitisse a análise das várias formas de manifestação da linguagem e não apenas da retórica. Com essa abertura, é possível considerar as várias formações discursivas no campo da comunicação. Assim, ele possibilitou situar o universo das interações dialógicas constituído por diferentes realizações discursivas. E quando passa a valorizar o estudo dos gêneros, o dialogismo descobre uma forma para analisar e estudar o hibridismo, a heteroglossia e a pluralidade dos sistemas de signos na cultura.

Bakhtin (2003, p. 262) afirma:

A riqueza e diversidade dos gêneros discursivos são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

E justamente por surgirem na manifestação da prosa, os gêneros discursivos podem incluir todo tipo de diálogos cotidianos como: enunciações da vida pública, institucional, artística, científica e filosófica. E por isso mesmo os gêneros não têm como ser estudados de maneira tão sistematizada.

Bakhtin distingue os gêneros discursivos primários (simples), da comunicação cotidiana, dos gêneros discursivos secundários (complexos), da comunicação produzida a partir de códigos culturais elaborados. Essa distinção dimensiona as esferas de uso da linguagem como um processo dialógico-interativo, por isso os gêneros não são fixos, mas podem se complementar e se modificar. Segundo Bakhtin (2003, p. 264)

a diferença entre os gêneros primário e secundário (ideológicos) é extremamente grande e essencial, e é por isso mesmo que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades; apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado; a orientação unilateral centrada nos gêneros primários redundaria fatalmente de vulgarização de todo o problema.

Bakhtin estabelece um vínculo muito estreito entre discurso e enunciado, e mostra a necessidade de analisar o discurso no contexto enunciativo da comunicação e não apenas como estrutura linguística. Para o filósofo, enunciado e discurso pressupõem uma dinâmica dialógica de troca entre sujeitos discursivos no processo da comunicação, tanto num diálogo cotidiano, como num gênero secundário, e mesmo que o discurso tenha um caráter inconcluso e inacabado, o enunciado é definido como uma manifestação com “acabamento”, do contrário, não pode receber suas réplicas.

De acordo com Bakhtin, o contexto comunicativo é de suma importância para a assimilação do repertório que se pretende utilizar em uma determinada mensagem, pois os gêneros discursivos são formas comunicativas e como tais não são adquiridos em manuais, mas em processos interativos: a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua.

Dependendo do conhecimento dessas formas discursivas é que poderá ser verificada a liberdade de uso dos gêneros e isso depende de uma postura do usuário da língua nos processos comunicativos. Os gêneros fazem parte de uma cadeia que une e dinamiza as relações entre pessoas, sistemas de linguagem e, também, entre interlocutor e receptor.

O gênero não deve ser pensado fora da dimensão de espaço e tempo, pois as suas formas de representação são justamente orientadas pelo espaço e pelo tempo. “Essa é outra coordenada importante da teoria dialógica dos gêneros apresentada por Bakhtin em sua revisão da teoria dos gêneros da *Poética* de Aristóteles, em nome das relações espaço-temporais das representações e da interatividade discursiva animadas em seu interior” (MACHADO, 2007, p. 158). Dessa forma, Bakhtin tenta mostrar que os gêneros adquirem uma existência cultural a partir de seus estudos sobre cronótopo. E, na teoria do dialogismo, o gênero se insere numa cultura em que tanto a experiência como a representação são manifestações marcadas pela temporalidade.

Bakhtin define gênero de uma forma bem simples e esclarecedora: “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (2003, p. 262). Os gêneros discursivos são construídos de forma histórica e social e se determinam a partir de características temáticas, composicionais e estilísticas. De acordo com Bakhtin (2003, p. 261),

os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da

linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação.

A riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos são incalculáveis, pois a possibilidade de comunicação humana é que diversifica as possibilidades de repertório dos gêneros. “Pode parecer que a heterogeneidade dos gêneros discursivos é tão grande que não há nem pode haver um plano único para o seu estudo” (BAKHTIN, 2003, p. 262).

O gênero não deve ser desassociado do estilo, pois serve para a identificação deste. De acordo com Bakhtin (2003, p. 265), “Todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso.”

A heterogeneidade dos gêneros é grande e, associada ao estilo, se torna maior ainda, pois a escolha do vocabulário, das construções e adequações linguísticas juntamente com a forma do conteúdo define um modo de ver. E neste modo de ver encontra-se presente um simulacro de uma enunciação, ou seja, um parecer verdadeiro suposto pelo próprio estilo. E, sendo a enunciação uma instância linguística sempre pressuposta pelo enunciado, Discini (2004, p. 12) afirma que na “ênfase ao modo de dizer está um ponto de apoio para um conceito de estilo que vise à relação entre enunciado, o texto, e enunciação, o eu construído pelo próprio texto inteiro”.

Na maioria das vezes, o estilo depende do propósito do autor que elege determinada forma de expressão e essa escolha direciona o estilo,

é a posição do analista, que busca encontrar nas expressões da expressividade as marcas de um estilo, colhidas em pontos de determinado enunciado. Mantém-se a dicotomia conteúdo linguístico vs. conteúdo estilístico, para a qual o uso da língua, que ultrapassa um plano considerado intelectual, ou se desvia desse plano, é que constitui o estilo (DISCINI, 2004, p.16).

Assim, o estilo deve ser tratado como um fenômeno do conteúdo mais expressão e não se restringe aos fenômenos da textualização.

Não mais deverá interessar a manifestação textual em si mesma, nem tampouco amostras de sintagmas expressivos, colhidos aqui, lá e acolá, num e noutro texto, como particularidades idiossincráticas, átomos considerados determinantes de um estilo. Não mais deverá interessar a psicologia de um escritor, para entender um estilo, mas as astúcias de uma enunciação que

monta um simulacro e, por meio da expressão escolhida, constrói uma voz própria, com um tom definido, que, por sua vez, implica um modo de habitar o espaço social (DISCINI, 2004, p. 27).

O estilo pode ser considerado como um efeito individual, mas apreendido por meio de uma totalidade de discursos, pois, “estilo é recorrência de traços de conteúdo e de expressão, que produz um efeito de sentido de individualidade” (DISCINI, 2004, p. 31). O conceito de Bakhtin confirma a afirmação ao dizer que “em diferentes gêneros podem revelar-se diferentes camadas e aspectos de uma personalidade individual, o estilo individual pode encontrar-se em diversas relações de reciprocidade com a língua nacional” (2003, p. 266).

Discini (2004, p. 67) afirma que o estilo é homogêneo e heterogêneo em sua totalidade. É homogêneo, pois pressupõe uma semelhança de procedimentos na construção de sentido e, assim, constrói o ator da enunciação. É heterogêneo porque pressupõe uma relação dialógica entre a totalidade, como “um desdobramento do diálogo do discurso com as formações ideológicas de uma cultura”.

Segundo Bakhtin (2003, p. 267), a separação da relação entre estilos e gêneros é nociva para a análise, pois “as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissolúvelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso”.

“Os enunciados e seus tipos, isto é, seus gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 268). O enunciado é definido a partir de uma comunicação discursiva e, conseqüentemente, pela alternância dos sujeitos do discurso. De acordo com Bakhtin (2003, p. 275), “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro”. Essa alternância de sujeitos, não é somente, mas é também a alternância simples que presenciamos no diálogo real do cotidiano, com as várias réplicas que criam limites precisos nos enunciados em diversos campos da atividade de comunicação. Para Bakhtin (2003, p. 276),

essas relações só são possíveis entre enunciações de diferentes sujeitos do discurso, pressupõem outros (em relação ao falante) membros da comunicação discursiva. Essas relações entre enunciações plenas não se prestam à gramaticalização, uma vez que, reiteramos, não são possíveis entre unidades da língua, e isso tanto no sistema da língua quanto no interior do enunciado.

4 ANÁLISE DO PROGRAMA “CAFÉ COM O PRESIDENTE”

Ações? O que eu vi, sempre, é que toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo.

Guimarães Rosa

Nesta seção, apresentam-se as análises do programa radiofônico “Café com o Presidente”, do ano de 2006, em que Lula era candidato à reeleição, e de 2007, quando ele já estava no exercício do segundo mandato presidencial, com vistas a verificar possíveis diferenças entre os discursos nas duas diferentes situações do ator Lula.

4.1 ANÁLISE DOS PROGRAMAS “CAFÉ COM O PRESIDENTE” DO ANO DE 2006

Esta seção visa a analisar as entrevistas do ano de 2006, mais especificamente de janeiro a junho, para depois verificar se o então presidente Lula muda o tom dos seus discursos devido às eleições ocorridas no mesmo ano. Por se tratar de ano de eleições para presidente, o programa “Café com o Presidente” teve sua exibição suspensa no segundo semestre em atendimento à legislação brasileira. A decisão de suspender o programa partiu do Governo Federal, embora o Tribunal Superior Eleitoral já tivesse recebido pedido dos partidos adversários para o seu cancelamento durante o período eleitoral. Mas é possível perceber, desde o início das análises do *corpus* (janeiro de 2006), que o presidente aproveita cada espaço do programa, para fazer campanha, mesmo que de forma indireta.

No primeiro programa do ano, no dia 02 de janeiro, o presidente inicia suas respostas à entrevista com um tom otimista e esperançoso e trata de temas que o auxiliam nessa postura. Por meio do mecanismo da debreagem enunciativa, constata-se aqui a instauração de um tempo referenciado, figurativizado pela data “02 de janeiro”, e de um ator revestido do papel temático de presidente-candidato, que se expressa ora na primeira pessoa do singular, momento em que dirige seus votos de felicidades pelo início do novo ano ao povo brasileiro; ora na primeira pessoa do plural, quando, possivelmente está incluindo em

sua fala o jornalista, seu partido, sua equipe de governo. O ator Lula é aspectualizado pelo otimismo e une dois papéis temáticos, de presidente e de candidato, para felicitar seus ouvintes: “Eu queria aproveitar este primeiro programa do ano de 2006 para desejar ao povo brasileiro um feliz, um extraordinário 2006. Por isso, Spensy, vamos fazer um programa com a esperança renovada e com muita coisa afirmativa para o povo brasileiro.”

O tema principal do programa nesse dia, conforme apresentação do entrevistador, é a educação e os vários convênios assinados, na semana anterior, para levar centros universitários ao interior do país. Tal tema é tratado com bastante importância pelo presidente-candidato, pois é uma questão que faz parte dos assuntos discutidos em um discurso político. Na resposta, Lula utiliza um raciocínio coerente, convincente e baseado na verdade dos fatos de seu programa de governo. Novamente é empregada a debreagem enunciativa no plural, assumindo sua postura de presidente e colocando-se junto com a equipe de governo :

O que nós estamos fazendo são três coisas extremamente importantes. Primeiro, o projeto de reforma universitária, que está em fase de elaboração pelo Ministério da Educação e vai ser enviado ao Congresso Nacional como proposta da sociedade civil brasileira, que elaborou o projeto. A segunda, é que nós estamos transformando cinco faculdades existentes em universidades federais, e estamos criando quatro universidades novas. Depois, estamos fazendo 32 extensões, ou seja, estamos levando cursos para o interior do Brasil inteiro para que os adolescentes das cidades menores tenham a oportunidade de fazer um curso universitário mais próximo da sua cidade, da sua casa.

O presidente faz questão de sempre reafirmar que a educação é prioridade em seu governo e de salientar que os investimentos nessa área não podem ser chamados de gastos, há uma preocupação com a ação e a transformação do país. Constata-se que o ator Lula se comporta como presidente, mas demonstra sua postura de candidato. Para demonstrar seu apreço pelo tema, faz uso da debreagem enunciativa na primeira pessoa do singular, deixando transparecer um tom bem pessoal e subjetivo, e quando se refere à equipe de governo como um todo, alterna para debreagem enunciativa no plural. O emprego também de figura de linguagem hipérbole em uma gradação ascendente é perceptível:

A palavra de ordem que eu dei ao governo é que é proibido, daqui para a frente, qualquer centavo que nós colocarmos na educação, falar em gasto. Nós estaremos fazendo investimento. Gasto é quando a gente gasta em cadeia. Na minha cabeça, quanto mais dinheiro para a educação, quanto mais jovem na escola, quanto mais criança na creche, quanto mais jovem na universidade, mais o Brasil terá a possibilidade de vencer todos os seus

obstáculos. É com essa expectativa que eu entro o ano de 2006.

A expectativa a que se refere é interpretada como campanha eleitoral, uma vez que, desde o início do ano, os eleitores, ou melhor, os brasileiros em geral, já estão em clima de eleição, sendo este, portanto, o momento perfeito para expor suas ideias e projetos para um possível segundo mandato. Tem-se aqui, pelas palavras do enunciador, a nítida percepção de que Lula investe-se como sujeito competente (quer, sabe e pode fazer), qualificado para a performance de continuar presidente por mais um período. Ao assumir o papel temático de candidato, buscando atingir o enunciário – seu virtual eleitor – reveste seu discurso de figuras como “escola”, “universidade”, “jovem”. Neste ponto, constrói-se temática e figurativamente como ator aspectualizado pelo progresso educacional. Diante de tal fato, verifica-se que todo seu discurso tem como objetivo construir uma imagem política visando à adesão de seu enunciário. Importante ressaltar que essa é uma característica essencial do discurso político, que argumenta objetivando convencer o seu possível eleitor.

No segundo programa do ano de 2006, dia 09 de janeiro, o tema continua sendo educação, mas agora voltado um pouco mais para a educação infantil, o presidente faz questão de salientar sua preocupação com as crianças, sobretudo, com as mais pobres do país. Nesse momento, ocorre a debragem enunciativa e o tratamento dado ao Brasil é de autonomia, ou seja, de um país que caminha por si mesmo, mas por trás do país está, logicamente, a figura do presidente em exercício. Percebe-se, portanto, que o ator vai se construindo, revelando um traço constante de presidente preocupado com o futuro das crianças e de candidato que quer continuar desenvolvendo projetos em prol desses benefícios, o que fica evidente no trecho a seguir:

Olha, a prioridade para o Brasil, sobretudo para as crianças brasileiras, é a aprovação do Fundeb, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica, que vai cuidar das crianças desde a creche até o ensino médio, garantindo que as crianças mais pobres que hoje entram na escola com 7 anos possam entrar na creche, possam ter pré-escola e escola. Ou seja, quando começar o ensino fundamental, que esta criança já tenha formação para poder evoluir na escola.

No decorrer da entrevista, a preocupação do enunciador projetado no texto, simulacro do presidente, continua sendo com os mais pobres e a classe dos professores, segundo ele mesmo, um pouco desprivilegiada nos últimos tempos. Constata-se, novamente o uso da debragem enunciativa: “vai favorecer as pessoas dos estados mais pobres da Federação. Vai ter que contratar e melhorar a vida dos professores brasileiros e isso vai ser um passo

gigantesco para o futuro do nosso país.” A continuação da entrevista aborda outro tema: as pequenas e microempresas, e novamente Lula evidencia o seu foco nas minorias, ou melhor, nas maiorias desfavorecidas e mostra-se como um ator candidato, na dimensão do fazer e como ator presidente, na dimensão do saber, ou seja, como presidente ele sabe o que precisa ser feito e como candidato garante que o fará após as eleições:

[...] porque as micro e pequenas empresas são responsáveis por mais de 60% dos empregos gerados no Brasil e nós queremos fazer com que a Lei possa facilitar a criação de uma empresa, o funcionamento de uma empresa, porque fazendo assim nós estaremos garantindo que haja mais oferta de empregos, mais salários, mais consumo e mais crescimento da economia brasileira.

E o tom de campanha continua em debreagem enunciativa no plural, pois o presidente faz questão de mostrar os projetos que estão em andamento, como estão dando certo e sempre evidencia que seu governo sabe como resolver os problemas, sendo que, na maioria das vezes, deixa também sua opinião pessoal e otimista: “O Congresso saberá fazer os ajustes que tem que fazer e aprovar uma bela lei para que as micro e pequenas empresas saiam do sufoco e possam se desenvolver e possam até crescer, porque é esse o objetivo de todos nós: crescer na vida, fazer com que as coisas melhorem.” O ator Lula, investido nos dois papéis temáticos, de presidente e de candidato, mesmo implicitamente, deixa seu recado de campanha eleitoral, sempre afirmando e reafirmando que o Brasil construiu, no seu mandato, bases sólidas, ações sérias e benéficas para a sociedade, e como sempre, seu tom é otimista e esperançoso. Para isso faz uso da debreagem enunciativa no singular, assumindo seus dois papéis temáticos e unindo a dimensão pragmática, de candidato que pode fazer, e a dimensão cognitiva, de presidente que sabe fazer. Quando utiliza a primeira pessoa do singular, evidencia-se a persuasão, pois mostra um “eu” regido pela emoção e não pela razão. Os dois papéis temáticos também auxiliam na construção do discurso veridictório, já que o fazer persuasivo do ator Lula faz parecer verdadeiro o seu discurso:

Eu tenho dito todo dia, neste começo de ano, Luiz, que 2006 será o ano do Brasil porque todas as coisas que tinham que ser feitas para preparar um crescimento duradouro, um novo ciclo de crescimento da indústria nacional, da agricultura nacional, das exportações brasileiras, do crescimento da economia, já foram feitas. Agora é a gente colher aquilo que foi plantado e eu estou convencido de que o governo, os trabalhadores e os empresários, juntos, nós iremos, definitivamente, consolidar o Brasil enquanto um país de economia sólida, estável e forte. Muito obrigado a você, Luiz, e obrigado aos nossos ouvintes.

O programa do dia 16 de janeiro de 2006 foi formatado como uma edição especial, pois teve uma duração maior que a de outros dias devido ao tema tratado: as obras nas rodovias do país, tema sempre presente nas campanhas eleitorais e de extrema importância para o cidadão brasileiro, conforme comentário do próprio jornalista: “Em geral, a nossa conversa com o presidente Lula tem seis minutos de duração. Mas hoje, como falamos sobre as obras que o governo está fazendo em estradas de vários pontos do país, abrimos um espaço maior para o Programa.” Em sua fala, o presidente evidencia o início de obras que estão sendo esperadas há anos e que agora estão sendo realizadas. Utiliza a primeira pessoa do plural juntando-se a sua equipe de governo e ao próprio partido, que prometeu anteriormente, mas só agora pôde cumprir:

Essa obra é uma promessa feita para o Nordeste há muitos e muitos anos. É uma obra extremamente importante porque é um corredor turístico para o turista que queira percorrer o Nordeste. Ele vai ter uma rodovia duplicada, moderna, em que ele vai poder viajar com muita tranquilidade. Nós, na verdade, queríamos dar início a essa obra em março de 2005. O momento para iniciar as obras é providencial, tanto que muitas delas serão realizadas pelo exército, para garantia de realização e conclusão.

O uso da debreagem enunciativa no plural explicita que o governo de Lula está trabalhando em prol do país, gerando crescimento e melhorias. Mais uma vez, o ator presidente-candidato demonstra preocupação com o povo brasileiro, seu possível eleitor, ressaltando, por meio do ‘nós’ que seus planos de governo contemplam os problemas mais sérios do país e que sua equipe está empenhada em resolvê-los:

Veja, porque não queríamos ficar esperando a briga entre as empresas. A obra toda tem 336 quilômetros de extensão, nós estamos dando para o Exército fazer 142 quilômetros. Essa obra vai custar R\$ 1,5 bilhão e a parte do Exército vai ficar em R\$ 520 milhões. Ele vai fazer um trecho importante da obra na Paraíba, um trecho importante da obra em Pernambuco, um trecho importante da obra no Rio Grande do Norte, enquanto nós vamos resolvendo o problema dos outros trechos, das empresas que estão em disputa judicial. Se não resolver, nós vamos dar tudo para o Exército porque o que nós queremos é garantir que as pessoas tenham facilidade para transitar no nosso país.

O assunto continua sendo a inauguração de novas pontes e estradas pelo país. O enunciador estabelece um contrato de veridicção com seu enunciatário e afirma sempre a necessidade dessas obras e ressalta suas ações políticas por meio da debreagem enunciativa no plural: “Isso vai gerar um desenvolvimento extraordinário em toda a região e nós estamos

fazendo essa ponte porque é uma necessidade.” Com tantas obras emergenciais em andamento justamente nessa época, surgem a crítica da oposição e as suspeitas das obras serem eleitoreiras. A pergunta do entrevistador sobre essa questão faz parte da entrevista e a trata como acusação; incluem no programa a voz da oposição para, então, respondê-la, combatê-la. Percebe-se também, mais uma vez, a postura que o jornalista assume de auxiliar o presidente durante o programa, pois mesmo questionando-o a respeito de algumas acusações, o entrevistador não é incisivo, e quando obtém uma resposta vaga, não insiste no questionamento, não incita: “Eu queria saber como está o andamento do projeto e como é que o senhor vê algumas acusações, dizendo que essa obra é eleitoreira?” A resposta de Lula é evasiva e apenas evidencia a necessidade das obras e a possibilidade momentânea de executá-las, evidenciando uma característica própria do discurso político, que tenta aproveitar o conhecimento prévio daqueles que se pretende atingir. O discurso do presidente também demonstra a modalização dos dois papéis temáticos, do candidato que pode fazer e do presidente que sabe fazer. O “nós” é muitas vezes repetido e não se refere apenas a sua equipe de governo, mas ao partido como um todo e à ideologia que o PT representa: “Quando nós tomamos posse, nós pegamos praticamente 37 mil quilômetros totalmente deteriorados, nós não tivemos dinheiro no ano de 2003, muito pouco, nós tivemos apenas 2 bilhões e 500 em 2004, e somente em 2005 é que nós tivemos 6 bilhões de reais empenhados.” E continua a tentativa de defesa alegando que as obras deveriam ter sido feitas quinze anos atrás, mas que independentemente de qualquer coisa, é obrigação do governo fazer, em qualquer época que seja. Na resposta, o presidente alterna o uso da debreagem enunciativa no plural e no singular:

Portanto, somente agora é que nós temos os recursos para fazer aquilo que deveria ter sido feito dez, 15 anos atrás, ou no meu primeiro ano de governo. Como a gente não teve o dinheiro, e era preciso juntar dinheiro para fazer isso, bem... Agora nós estamos fazendo aquilo que é obrigação do governo fazer.

No decorrer da entrevista, o ator Lula continua se defendendo sobre a questão das obras eleitoreiras e diz sempre estar do lado do povo e apoiar suas causas. Nessa tentativa utiliza muitas vezes exemplos simples buscando tornar acessível seu discurso, fazendo, para isso, uso da debreagem enunciativa no plural, assumindo sua postura de presidente, que não trabalha sozinho, que tem uma equipe de governo; e da debreagem enunciativa no singular, quando se assume de maneira mais pessoal e subjetiva. Essa alternância “eu”, representando a pessoa física, o cidadão e o “nós”, representando o presidente, o PT, pode remeter ao sujeito cognitivo e ao sujeito pragmático, ou seja, ao sujeito que conhece os problemas, sabe do que a

população precisa e ao sujeito que sabe e pode fazer, pois é o presidente da república :

E o que nós estamos fazendo? Estamos tentando pegar aquelas coisas emergenciais e estamos fazendo um ‘tapa-buraco’. Nós sabemos que é uma questão emergencial. É como se um cidadão tomasse um tiro, fosse ferido. Qual é a primeira atitude que o médico toma quando o cidadão está perdendo muito sangue? É estancar o sangue, depois leva para a cirurgia, para fazer o tratamento adequado. Nós estamos fazendo esse estancamento inicial para depois fazer a cirurgia definitiva, que é a restauração. Por isso eu estou convencido de que alguns que estão fazendo críticas – eu tenho acompanhado pela imprensa, tenho visto na televisão, no rádio, e o povo compreende – ou seja, se nós não fizéssemos eles estariam criticando que nós não tínhamos feito. Nós estamos fazendo, e eles estão criticando que nós estamos fazendo. Entre não fazer e ser criticado, e fazer e ser criticado, eu prefiro fazer.

E reafirma que sempre está ao lado do povo, diretamente, por meio de uma debreagem enunciativa no singular, assumindo-se como povo, ou melhor, como candidato que se preocupa com o povo, que sabe dos problemas do povo, ou seja, sujeito cognitivo: “Ora, entre a briga partidária e o povo, eu vou ficar com o povo.” E o tom de campanha eleitoral continua quando ele se justifica com os caminhoneiros e motoristas, seus possíveis eleitores, alternando o uso da debreagem enunciativa no singular, mostrando-se como sujeito cognitivo, para se assumir de maneira individualizada e subjetiva e da debreagem enunciativa, assumindo-se como sujeito pragmático, o presidente que resolve os problemas, que faz, ressaltando também a coletividade de seu governo: “portanto, quero dizer aos caminhoneiros do Brasil, quero dizer aos motoristas que percorrem as estradas brasileiras: estejam certos de que se nós não fizemos antes foi porque não pudemos fazer antes. E estamos fazendo agora porque agora temos dinheiro para fazer.”

O compromisso que ele diz ter para com o povo brasileiro é sempre reafirmado; basta ter uma oportunidade, como comprova o comentário a seguir, feito no intervalo de uma de suas respostas no programa do dia 23 de janeiro de 2006, momento em que, para dar um caráter mais pessoal, o presidente faz uso da debreagem enunciativa no singular, exaltando a figura do ‘eu’ e mostrando que não apenas parece um candidato comprometido com o país, mas que é um presidente responsável e empenhado em fazer: “mesmo chegando aqui no domingo à noite e cansado, eu não poderia faltar com o compromisso que o nosso programa tem com o povo brasileiro, que escuta o programa pelo rádio.” Nesse mesmo programa é possível perceber também a preocupação que o presidente demonstra com os mais pobres, as necessidades e esperanças dessas pessoas. O candidato em questão fala como se conhecesse os problemas da classe mais baixa, mostrando-se solidário e

complacente com esses problemas, manifestando-se novamente aqui a característica do discurso político que utiliza o conhecimento prévio daqueles que se pretende atingir. Sua proximidade pessoal é ressaltada com o uso da debreagem enunciativa no singular que manifesta a dimensão cognitiva do discurso, pois instaura um saber (sabe dos problemas enfrentados pelo povo), como no exemplo a seguir, em que fala sobre a reforma agrária que está sendo feita no país durante seu governo:

É um projeto extraordinário porque é um ciclo completo, ou seja, as pessoas produzem, as pessoas industrializam e as pessoas comercializam os seus produtos, é tudo o que as pessoas desejam na vida. A alegria das pessoas estampada no rosto, das crianças, das mães, dos pais era uma coisa fantástica e, portanto, eu voltei do Acre muito feliz, muito feliz porque esse projeto é a confirmação, é a certeza de que a reforma agrária pode ser feita de forma muito mais civilizada, muito mais moderna do que historicamente o Brasil conhece.

E as boas notícias continuam no programa do dia 30 de janeiro, quando o presidente anuncia um aumento do salário mínimo para o ano corrente, exaltando a notícia e sua importância para o povo brasileiro. Vale ressaltar que nesse programa ocorre uma debreagem enunciativa por meio da qual o presidente dialoga com o entrevistador simulacro do jornalista Luiz Fará Monteiro, que retornava das férias: “Luiz, primeiro, quero cumprimentar os nossos ouvintes e dizer ao povo brasileiro que a semana passada foi uma semana promissora para o povo brasileiro e para o Brasil. O salário mínimo foi anunciado para 350 reais, antecipando do dia 1º de maio para o dia 1º de abril.”

A preocupação com o povo, bem como um discurso que tenta transparecer que o presidente entende as necessidades e as dificuldades do povo brasileiro ficam evidentes na resposta que dá ao ser questionado sobre a quantia do salário mínimo e se esta é suficiente para o trabalhador brasileiro. O ator Lula estabelece um contrato de veridicção com seu enunciatário e o faz crer que é verdadeiro o seu discurso na tentativa de, pelo fazer persuasivo, conseguir a adesão do enunciatário. Para isso utiliza a debreagem enunciativa no plural, assumindo-se como presidente e referindo-se a si mesmo juntamente com a equipe que o acompanha:

Obviamente que o salário mínimo nunca será o ideal, porque ele é o mínimo. Todos nós trabalhamos para que o trabalhador possa ganhar o salário máximo e não o salário mínimo. Entretanto, nós estabelecemos um salário mínimo que permita ao trabalhador brasileiro aumentar um pouco o seu poder de compra. E combinamos isso com o controle rígido da inflação.”

É comum, nos seus discursos, o presidente aumentar a importância de suas ações governamentais e enaltecer suas obras, como na resposta que dá sobre a negociação para o aumento do salário mínimo feita com os sindicalistas. Nesse momento, individualiza sua resposta assumindo o discurso em uma debreagem enunciativa no singular, com o uso do ‘eu’, deixando transparecer suas ideias pessoais, o que ajuda também na construção de sua imagem como político e que, de certa forma, o aproxima de seu enunciatário, que reconhece seu passado e sua história de vida: “Esse é um fato novo importante, eu diria, histórico para o Brasil. O movimento sindical brasileiro nunca foi convidado para discutir o salário mínimo com quem quer que seja, em qualquer momento da história do Brasil.”

Como nos discursos políticos em geral, as ações governamentais durante seu mandato são sempre consideradas boas e produtivas, como se tudo corresse muito bem e sem problema nenhum, pois esse é o objetivo do discurso político, argumentar, expressar uma convicção, um ponto de vista e conseguir a adesão do enunciatário. Nesses momentos, também faz uso da debreagem enunciativa no singular: “Então, eu acho que as coisas estão andando. Estão andando e estão andando bem, e eu acho que tudo isso só acontece porque o povo brasileiro soube, nos momentos certos, fazer pressão, soube exigir, soube reivindicar, e o nosso papel no governo é atender.” Percebe-se nesta fala que o enunciador chama a atenção do enunciatário para a conscientização de que ele, sujeito pragmático revestido do papel temático “povo” faz pressão, reivindica; mas na verdade, por trás dessa pretensa valorização da ação popular, está seu verdadeiro propósito, que é reiterar o seu papel, como presidente, de sujeito realizador, capaz de atender as necessidades do povo. As figuras “andando bem”, “nosso papel”, “governo”, “atender” compõem um percurso figurativo da construção de um ator engajado com as necessidades do povo e envolvido no compromisso de atendê-las.

No programa do dia 06 de fevereiro de 2006 o tema é a produção do biodiesel e suas consequências para o Brasil, principalmente para o pequeno produtor brasileiro, que mais uma vez é tido como a preocupação do governo Lula. Essa característica comprova que o ator Lula assume a postura de presidente, quer parecer presidente mas age como candidato:

A vantagem do biodiesel, além de ser uma coisa produzida pelo trabalhador brasileiro, plantada pelo trabalhador brasileiro, colhida pelo trabalhador, moída pelo trabalhador e transformada em combustível pelo trabalhador brasileiro, é a ajuda substancial que ele vai dar ao pequeno trabalhador brasileiro, ao assentado dos trabalhadores sem-terra, aos trabalhadores assalariados do campo.”

O presidente, além de exaltar o povo brasileiro, também engrandece o país, destacando suas riquezas naturais e como essas riquezas podem ser aproveitadas em prol dos brasileiros. Pelo mecanismo da debreagem enunciativa, o ator Lula coloca o país com uma autonomia muito grande, como se fosse autossuficiente e aspectualiza-se como um sujeito que sabe fazer e faz o que precisa ser feito: “O Brasil pode, o Brasil tem condições, tem terra, o Brasil tem trabalhadores, o Brasil tem sol, o Brasil tem água, ou seja, o Brasil tem tudo que é preciso para a agricultura produzir.”

O programa do dia 13 de fevereiro foi transmitido diretamente da África e teve como tema a viagem pelo continente africano. O presidente conta um pouco sobre sua visita a lugares históricos relacionados com o Brasil, com um tom bem pessoal e subjetivo, fazendo uso da debreagem enunciativa no singular, apresentando-se como pessoa física, cidadão:

Mas, sobretudo, tive a oportunidade de conhecer os descendentes da família Silva, pessoas que retornaram do Brasil com o sobrenome Silva. Tem um grupo que cuida da relação com o Brasil, que cuida de guardar as memórias do Brasil, visitei um museu, foi uma coisa extremamente importante.

Além dessas abordagens, fala sobre os acordos políticos que fez com o país visitado e não perde a oportunidade de esclarecer que o Brasil está mais avançado, no quesito saúde, do que o país africano e que pretende ajudar no que for possível o combate à AIDS; sempre exaltando as condições que o país tem. Nesses momentos utiliza a debreagem enunciativa no plural, referindo-se também a sua equipe de governo e a debreagem enunciativa para tratar o país de maneira mais distanciada:

Também fizemos acordos na área do esporte e na área da saúde, sobretudo na área da saúde, para cuidar da Aids. O Brasil tem um dos melhores programas de combate à Aids e naquilo que o Brasil puder ajudar, não apenas com remédio, mas organizar, com transferência de conhecimento, nós vamos fazer porque nós achamos que é obrigação de um país que pode ajudar os países que podem menos que nós.

Percebe-se aqui que a preocupação do governo é a de parecer preocupado não apenas com o pobre brasileiro, mas com outros países também pobres e para reafirmar isso, o presidente faz uso da debreagem enunciativa no singular, causando a impressão de proximidade e demonstrando o sujeito cognitivo que sabe como resolver os problemas: “Eu fiz questão de dizer também que o Programa do Biodiesel é um programa para ajudar os países pobres.”

Como sempre, o presidente destaca que uma das suas prioridades é a questão da educação e que acompanha de perto as obras para que elas saiam como ele quer. O uso da debreagem enunciativa em primeira pessoa confirma essa postura, como se pode verificar no trecho de uma das respostas do programa do dia 20 de fevereiro: “E por que vamos fazer essa visita? Na verdade, eu vou fiscalizar para saber se as obras estão andando como eu quero que andem.” O trecho a seguir comprova o fato de que o presidente continua fazendo campanha eleitoral, mesmo em suas atribuições governamentais. Isso fica evidente quando ele comenta sobre como devem ser as ações de um governante em exercício fazendo questão de, mais uma vez, evidenciar o compromisso e a seriedade que tem para com o povo brasileiro, seus possíveis eleitores. Para gerar o efeito de sentido pretendido e conseguir a adesão de seus ouvintes e eleitores, alterna em seu discurso o uso da debreagem enunciativa e da debreagem enunciativa no singular e no plural e também da embreagem que desreferencializa e generaliza a expressão “um governante”:

Então, um governante tem que visitar para ver se está acontecendo aquilo que ele decidiu fazer porque muitas vezes a gente decide e as coisas demoram mais que o previsto. Eu quero acompanhar de perto, eu quero fiscalizar de perto porque educação de qualidade é um compromisso do meu governo, é um compromisso do Brasil para com o seu povo e, sobretudo, é a certeza absoluta que nós temos que somente através da educação de qualidade o Brasil vai se transformar em um país de padrão de primeiro mundo.

O presidente destaca constantemente a sua preocupação com a educação, o que se verifica, em seu discurso marcadamente político, baseado na verdade, tentando influenciar o outro, levando-o a pensar de acordo com seus preceitos, há um querer-dever-fazer, conforme a afirmação a seguir: “Educação a gente não fala, a gente faz, e nós estamos fazendo aquilo que entendemos que o Brasil precisa.”

Novamente é reafirmada sua preocupação com os mais pobres, principalmente com as crianças de famílias de baixa renda, que antes não tinham condições de cursar a pré-escola e, a partir daquele momento, teriam, já que mudanças na educação infantil pública iriam acontecer. Evidencia-se dessa forma o sujeito cognitivo, que sabe fazer e o sujeito pragmático, que está fazendo o que precisar ser feito para melhorar a condição de vida do povo brasileiro. Sempre de maneira otimista, o presidente explica didaticamente como essas mudanças beneficiarão as crianças brasileiras:

Significa que a partir de agora, de forma paulatina, as crianças vão entrar na escola a partir dos seis anos de idade, porque antes funcionava assim: quem

tem um pouco mais de recurso coloca o seu filho em uma pré-escola e, quando ele vai entrar no ensino fundamental, a criança já está preparada. Uma criança pobre, de família pobre que não tem condições de colocar a criança na pré-escola, essa criança entra com um ano defasado em relação àquela que fez a pré-escola. Então o Fundeb vai permitir que a gente cuide da criança do dia que nasce até o ensino médio, dando ao povo brasileiro um padrão de educação que todo mundo dá, que o mundo desenvolvido deu, e por isso se transformou em mundo desenvolvido.

No programa do dia 27 de fevereiro, que antecede o carnaval, o presidente aproveita o momento para estabelecer um contrato de veridicção com seu enunciatório ao dizer que esse feriado é merecido pelo brasileiro que trabalha tanto e expõe sua opinião pessoal utilizando a debreagem enunciativa em primeira pessoa do singular, recurso que o aproxima mais de seu enunciatório:

Então, eu acho que as pessoas têm que saber, são quatro dias de festa, de brincadeira, de muita folia, outros preferem descansar, outros preferem outro tipo de lazer. Mas, de toda forma, acho que o brasileiro merece o Carnaval que tem. Acho que o povo brasileiro tem o direito de se divertir.

E, utilizando o slogan da campanha contra a AIDS, aconselha o enunciatório, aproximando-se ainda mais dele, alternando seu discurso com a debreagem enunciativa no singular e no plural, e mostrando-se ora como pessoa individualizada ora como povo brasileiro:

Por isso, eu quero dizer ao povo brasileiro que Deus nos abençoe e que o Carnaval seja um Carnaval tranquilo, cheio de alegria, cheio de disposição para dançar, mas, ao mesmo tempo, cheio de responsabilidade, não podemos perder a responsabilidade. Por isso eu queria dizer: cuidem-se, cuidem-se porque será melhor para todos nós.

Já o quadro apresentado no dia 06 de março tem o tema da casa própria e os planos de governo que estão facilitando a aquisição do imóvel. Antes mesmo de responder a pergunta do entrevistador, o presidente fala um pouco desse tema afirmando que a casa própria é um sonho do brasileiro e, de certa forma, dá a entender que compartilha desse sonho. O ator Lula, por meio do fazer persuasivo tenta conseguir a adesão de seu enunciatório fazendo-o crer no efeito de verdade de seu discurso. Seu tom é informativo e até didático, e o uso da debreagem enunciativa no singular deixa seu discurso mais pessoal e próximo de seu enunciatório:

Luiz, antes de falar do Fundo Social, eu acho importante falarmos um pouco sobre o sonho do brasileiro. Todo brasileiro sonha em ter uma casa própria porque a casa própria é, mais ou menos, como se fosse um passarinho quando constrói o seu ninho. Ele quer tranquilidade para criar os seus filhos até eles aprenderem a voar.

Esse sonho parece ser compartilhado porque Lula conta trechos de sua vida e se identifica com o pobre, mostra-se como sujeito cognitivo que sabe dos problemas e compartilha as aflições, conforme a própria construção da resposta e dos exemplos por ele citados, ocorrendo aqui a debreagem enunciativa no singular, que o individualiza:

Eu digo isso sabe por que, Luiz? Porque eu tiro por minha própria experiência. Em 1969, eu comprei a minha primeira casinha no Parque Bristol, em São Paulo. Depois fui comprando material à prestação e construí um quarto e cozinha. Aluguei para o meu cunhado aquele quarto e cozinha e ainda levei o meu irmão para morar dentro da minha casa, num quarto, porque pobre é solidário por natureza, a gente se ajuda.

Mais uma vez o presidente, na dimensão cognitiva, mostra-se como um ser humano solidário, que conhece e se identifica com os problemas alheios, o que se pode constatar no programa de 08 de março. Nesse dia, a entrevista começa com o fato de o presidente ter mandado uma carta de estímulo e conselhos para o jogador de futebol Ronaldo. No decorrer do esclarecimento que ele faz acerca do ocorrido, o procedimento da debreagem enunciativa no singular se reitera, conforme se verifica no trecho seguinte:

Eu, independentemente de ser Presidente, eu sou um ser humano que tem sentimento, e eu sei o que é passar por momentos adversos. Portanto, eu mandei essa carta exatamente nesse momento. Quando a pessoa está bem, quando a pessoa está no auge, ninguém precisa de apoio, o apoio vem de graça. Quando as pessoas estão vivendo momentos adversos é que a gente tem que mostrar que é companheiro. E eu gosto do Ronaldinho, acho que ele é um menino extraordinário, representa muito, e eu resolvi mandar essa carta quase como se fosse um pai dando conselho a um filho.

Nesse mesmo programa o presidente explica também o conteúdo da carta enviada ao presidente da FIFA, pedindo que providências sejam tomadas contra a prática do racismo no futebol, não apenas com os jogadores brasileiros mas de todo o mundo. Como a carta tem um teor bem pessoal, o discurso de Lula é construído por uma debreagem enunciativa em primeira pessoa, ele mesmo afirma que não pode se separar, como torcedor e como político, mas deixa claro que enviou a carta como torcedor de futebol, ou seja, como pessoa física, cidadão brasileiro. Mesmo com caráter bem subjetivo, o discurso do presidente

deixa transparecer uma crítica e um combate ao racismo:

E eu, então, mandei essa carta. Mandei essa carta como torcedor de futebol, não mandei como presidente da República, não. Eu não posso me separar, mas eu mandei como torcedor de futebol, como amante do futebol desde menino, que é inadmissível a gente ligar a televisão para ver um jogo e ver uma cena dessas.

Percebe-se, neste trecho, que o ator Lula se sobressai no papel temático de torcedor apaixonado, revelando-se como sujeito passional, amante do futebol e contrário a posturas preconceituosas. É válido ressaltar que, ao longo dos programas, observa-se a sua constante preocupação de mostrar-se como sujeito cognitivo: interroga situações, avalia, discute valores; e de sujeito pragmático: constrói, realiza, faz. Mas, simultaneamente, ele apresenta também um percurso patêmico, centrado no ser: sente entusiasmo, amor, revolta, ansiedade e outros sentimentos que se manifestam em várias entrevistas. E assim, o ator Lula vai se construindo nestas três dimensões, o que provoca um efeito de sentido positivo, de governante consciente dos problemas do país, realizador, sensível às necessidades do povo.

O programa do dia 20 de março tem novamente o tema da educação e do esporte, e o presidente leva um convidado para tratar do assunto, o então ministro do esporte Agnelo Queiroz. Novamente a preocupação do governo parece ser a criança e seu desenvolvimento, assuntos tipicamente discutidos em discursos políticos, pois atingem o enunciatório foco e ativa neles o conhecimento prévio sobre o assunto. Nesse momento o ator Lula assume o papel temático de presidente, que realiza ações em prol do brasileiro:

Luiz, o programa de hoje vai ser um pouco diferente. Hoje, nós temos um convidado especial, o nosso ministro do Esporte, Agnelo Queiroz, que é o responsável pela criação do programa Segundo Tempo, um programa que atende hoje mais de um milhão de crianças que fazem atividades esportivas de manhã ou de tarde; se estiver na escola de manhã, faz à tarde, e se estiver de tarde na escola, faz de manhã.

No dia 27 de março o programa tratou do tema da saúde e os benefícios que o governo criou para facilitar a compra de alguns medicamentos. Utilizando a debragem enunciativa no plural, Lula esclarece quais são os objetivos e em que consiste esse plano governamental, novamente evidenciando seu papel temático de presidente e, na dimensão pragmática, de sujeito competente, que faz:

O que nós fizemos agora? Além das 121 farmácias que temos, agora

fizemos um convênio, um acordo com as redes de farmácias que existem no Brasil hoje e elas vão passar a vender um determinado tipo de remédio para hipertensão e um determinado tipo de remédio para diabetes, ou seja, esse remédio vai custar menos para o povo. O povo vai economizar 90% do valor do remédio.

De maneira bem didática, o presidente explica em que consiste o programa Farmácia Popular, como ele vai atender o povo brasileiro e os benefícios que trouxe. Percebe-se, em suas explicações, o mecanismo da *debreagem enunciativa* e da *debreagem enunciativa* no plural:

O governo. Vou dar um exemplo. Se o remédio custar 10 reais, o cidadão que for comprar vai pagar um real e, a diferença, o governo vai pagar. E por que estamos fazendo isso? Porque nós não queremos que o Brasil continue sendo um país em que as pessoas vão ao médico, saem com a receita, não têm dinheiro para comprar, guardam a receita e muitas vezes até morrem sem poder comprar o remédio. E esse Programa nosso, agora, vale para qualquer pessoa, qualquer cidadão brasileiro. Qualquer homem ou mulher que entrar em uma farmácia e tiver Farmácia Popular, ninguém vai perguntar quanto ele ganha de salário, ninguém vai perguntar a origem social dele. Se tiver o selo “Farmácia Popular”, ele vai comprar o remédio para hipertensão e para diabetes.

O programa favorece, na realidade, todos os brasileiros, independente de poder aquisitivo, mas o presidente faz questão de deixar claro que o objetivo principal é ajudar o mais necessitado a comprar o medicamento, assim, evidencia-se como sujeito cognitivo, que conhece os problemas a serem resolvidos e sujeito pragmático, que resolve esses problemas: “Mas o objetivo principal é colocar o remédio mais barato a serviço de quem precisa do remédio.”

Lula aproveita o programa também para responder sutilmente as críticas da oposição e, de certa forma, fazer campanha a favor de seu governo, pois geralmente as respostas contrariam a oposição, mas, como estratégia do discurso político, expressa convicção e um ponto de vista, como no exemplo a seguir, em que o presidente responde uma questão sobre o aumento do salário mínimo, no programa do dia 03 de abril, alternando o uso da *debreagem enunciativa* no singular e no plural: “Portanto, eu acho que contrariando aqueles que diziam, e que dizem ainda, que é preciso crescer para distribuir, nós estamos provando que é possível distribuir para crescer. Nós invertemos: ao invés de ficar esperando crescer para distribuir, nós estamos distribuindo para crescer.” E continua demonstrando sua preocupação e solidariedade com o povo brasileiro: “Esse é um ganho extraordinário, porque significa que a pessoa está levando para casa mais comida, portanto, seus filhos vão ter mais

sustança para sobreviver dignamente neste país.” O presidente candidato também se mostra preocupado em fazer justiça ao trabalhador, diz se importar com essas questões: “cobrar mais de quem ganha mais e favorecer aquelas pessoas que ganham menos, porque não é justo que um trabalhador, por fazer uma hora-extra a mais no final do mês, tenha que pagar Imposto de Renda daquele trabalho que ele suou para ganhar.”

No programa do dia 10 de abril, ao tratar sobre questões da agricultura, o entrevistador pergunta ao presidente sobre a questão da gripe aviária ao que o entrevistado, assumindo o papel temático de presidente, responde instantaneamente e demonstrando muita segurança sobre o preparo do Brasil para resolver esse problema, caso ele aconteça no país. Ao utilizar a debreagem enunciativa no plural, o presidente, sujeito cognitivo, destaca que o país, em seu mandato está preparado para enfrentar esse tipo de problema: “E, se chegar, nós estamos preparados para enfrentar a situação”. E acrescenta: “Temos capacidade de produzir vacina, estamos com um processo muito forte de fiscalização em portos e aeroportos. Ou seja, o governo não está esperando a doença chegar para cuidar, nós estamos preparados.”

No dia 17 de abril, o programa versa sobre a votação orçamentária e as respostas do presidente, em debreagem enunciativa no plural, tentam sempre demonstrar a preocupação do seu governo em resolver os problemas do brasileiro, ou seja, na dimensão pragmática, o presidente se mostra preparado para resolver os problemas e mostra que está fazendo, que está realizando ações em seu governo:

Quando nós aumentamos o salário do aposentado 1,8% acima da inflação é porque nós achamos que durante muitos anos os aposentados foram marginalizados. Quando nós aumentamos o salário mínimo um pouco mais é porque nós entendemos que é preciso melhorar o nível do salário mínimo. Ora, tem gente que acha que isso é ganância. Veja, na verdade, isso não é gasto, isso é investimento no ser humano, é investimento nos brasileiros, é tão importante quanto qualquer outro investimento.

E ao falar sobre a disputa eleitoral, assume o papel temático de presidente na aparência, mas na essência é o candidato. Ele se mostra otimista e despreocupado, afirmando que o Brasil terá tranquilidade nas eleições e que os anos seguintes serão promissores. Em seu discurso, alterna a debreagem enunciativa no singular e no plural:

Então, eu estou tranquilo de que as coisas vão ser muito boas para o Brasil nos próximos anos, serão muito boas este ano, apesar da disputa eleitoral que vai ter. A disputa eleitoral sempre é mais tensa, sempre cria um clima mais nervoso na sociedade, mas como nós temos no Brasil eleição a cada dois anos, todo mundo já está acostumado com isso, ninguém perde uma

noite de sono por causa de uma disputa eleitoral.

É válido salientar que a mudança do singular para o plural marca um propósito. Por trás dessa alteração do “eu” para o “nós”, está o sujeito da enunciação buscando aproximar-se mais do enunciatário, seu virtual eleitor, colocando em evidência que ele, presidente, pensa e sente como o povo.

O programa de 24 de abril tratou da visita do presidente à plataforma P-50, no dia em que a Petrobrás anunciou a autossuficiência na produção de petróleo. O ator Lula se mostrou bastante animado e orgulhoso com a notícia e com a visita e se igualou aos brasileiros, fazendo uso da debreagem enunciativa no singular, assumindo-se de forma mais pessoal e individualizada, mas alternando momentos de debreagem enunciativa no plural, colocando-se como o brasileiro em geral e afirmando seu orgulho, sua satisfação. Alternou em sua resposta o uso do “eu” e do “nós”, do papel temático de candidato e de presidente e estabeleceu com seu enunciatário o contrato de veridicção por meio do discurso que transparecia um crer-verdadeiro, um fazer persuasivo:

Eu acredito que a Petrobrás seja motivo de orgulho porque, ao longo desses 50 anos, ela vem se aperfeiçoando, ela vem formando profissionais. A Petrobrás é uma empresa de formação e produção de conhecimento porque poucas empresas no mundo têm o grau de competência do seu pessoal como tem a Petrobras. E agora, muito mais orgulho porque a autossuficiência significa que nós agora somos donos do nosso nariz.

Lula também aproveita o tema para mostrar, sutilmente, que em seu governo o país progrediu e se igualou aos países desenvolvidos. Tal fato pode ser observado na continuidade da resposta, em que ele exalta a importância do Brasil ter se igualado a países de primeiro mundo, dos trabalhadores brasileiros serem reconhecidos como os trabalhadores do mundo inteiro. Ele não diz claramente que isso é um mérito conquistado em seu governo, mas estabelece um contrato de veridicção que dá a entender que credita a si e ao seu governo a autoria, utilizando a debreagem enunciativa no plural em discurso: “É muito importante você poder se igualar a todo e qualquer país do mundo, você ver seus trabalhadores se igualarem a qualquer trabalhador do mundo. Então, isso é motivo de orgulho para nós.” E afirma que não mais se desperdiçarão chances, conforme ocorreu no passado, em governos anteriores ao seu, ao contrário, serão aproveitadas para ajudar o Brasil a crescer e a se desenvolver. Nesse momento utiliza a debreagem enunciativa no singular e a debreagem enunciativa e assume-se como sujeito cognitivo, que sabe, que acredita, que acha e instala, em seu discurso, esse saber:

Eu acredito que o Brasil que jogou fora a chance do século XIX, o Brasil que não aproveitou a chance do século XX, o Brasil não desperdiçará o século XXI. Nós vamos nos transformar numa grande potência econômica. Essa grande potência econômica passa por sermos uma potência no campo da energia.

O programa seguinte foi no dia 1º de maio e comemorava o dia do trabalhador. Ao ser perguntado sobre o que iria fazer no dia referido, o presidente respondeu informando o que fazia tradicionalmente; e na referência a si mesmo, de forma individualizada, faz uso da debreagem enunciativa no singular, mas quando se iguala aos brasileiros em geral, ocorre a debreagem enunciativa no plural:

Olhe, faz 23 anos que eu participo do 1º de maio aqui, na Igreja Matriz de São Bernardo do Campo. Eu acho que nós temos muito para comemorar nesse dia 1º de maio. Lógico que não tudo que a gente gostaria, mas nesses últimos 30 anos eu acho que em poucos momentos os trabalhadores tiveram tanto o que comemorar.”

E continuou listando os itens que o seu governo proporcionou para o trabalhador brasileiro comemorar neste dia, ou seja, evidenciou seu fazer cognitivo, pois operou uma transformação na vida do brasileiro e estabeleceu uma relação de conjunção com objetos de valor que antes o povo não possuía. Como está se referindo ao governo como um todo, faz uso da debreagem enunciativa no plural:

Nós tivemos um aumento no salário mínimo, nós tivemos um aumento para os aposentados, nós tivemos um reajuste na tabela do Imposto de Renda, nós temos acordos salariais acima da inflação, nós temos um crescimento de emprego constante há 39 meses, a massa salarial está crescendo, a economia está indo bem, as exportações continuam crescendo.”

Relembrou também o que fazia antes de ser presidente, quando ia para as ruas reclamar e reivindicar e afirmou que neste ano seria diferente, o motivo era de comemoração e principalmente, seu papel temático também é outro, ora de presidente, ora de candidato, mas não é mais povo. Como neste momento está se referindo não só às suas opiniões pessoais, mas também a si mesmo enquanto brasileiro trabalhador (no passado), emprega em seu discurso a debreagem enunciativa no singular e no plural, respectivamente: “Então, eu acho que vai ser um 1º de maio melhor do que aquele 1º de maio que eu participava, onde nós só íamos para a praça para reclamar os prejuízos que tínhamos tido. Desta vez, nós vamos poder comemorar algumas vitórias.”

O presidente Lula faz questão de se mostrar solidário não apenas com o Brasil, mas também com os outros países pobres, como a Bolívia por exemplo. No programa do dia 08 de maio, ao ser questionado sobre a reação brasileira ao saber da decisão da Bolívia de nacionalizar o gás, o presidente mostrou-se, na sua fala, bem solidário com o país, como sujeito cognitivo. Em seu discurso alterna a debreagem enunciativa no singular e no plural e a debreagem enunciva:

Eu estou certo, estou tranquilo, que o Brasil está fazendo o que deve ser feito. O Brasil não quer ser uma ilha de desenvolvimento cercada de países pobres ao lado. Nós queremos que todos tenham chance de crescer um pouco. O Brasil pode ajudar, e naquilo que nós pudermos ajudar, nós vamos ajudar.

A maneira didática de explicar os fatos políticos para seus ouvintes também continua, o que demonstra a preocupação em formar sua imagem diante de um enunciário que se apresenta como possível eleitor. Assim, assume as características do discurso político e se mostra no papel temático de presidente que faz e no papel temático de candidato que sabe o que precisa ser feito, como no trecho a seguir, em que explica como será a negociação com o gás boliviano:

Qualquer brasileiro entende isso, ou seja, quando você vai vender um carro, você pede um preço e o comprador lhe oferece outro. Você começa a barganhar e, aí, você encontra um número. Quem vendeu sai feliz porque acha que vendeu pelo melhor preço do mundo; quem comprou sai feliz porque acha que comprou pelo melhor preço do mundo. Quando nós formos negociar o preço do gás com a Bolívia, nós também vamos querer o melhor preço para o nosso consumidor e eles vão querer o melhor preço para a Bolívia, e você vai encontrar um denominador comum. Não tem nenhum problema mais grave do ponto de vista do abastecimento para o Brasil.

No programa seguinte, 15 de maio, o assunto inicial ainda foi a questão do gás boliviano, verificando-se a tentativa do presidente que instala, por meio de seu discurso, um sujeito cognitivo, de acalmar os ouvintes e exaltar a autossuficiência do Brasil, o que comprova o trecho a seguir, sendo, mais uma vez, utilizada a debreagem enunciativa no plural e a debreagem enunciva:

Nós temos que ser donos do nosso nariz. O Brasil tem condições e, portanto, nós vamos trabalhar para que o Brasil seja auto-suficiente. Isso não implica que a gente não continue importando gás da Bolívia, desde que o gás da Bolívia seja conveniente, do ponto de vista de preço, para o povo brasileiro.

Em seguida a entrevista muda o tema para a política interna e trata de assuntos referentes à agricultura. Novamente o presidente se solidariza e se identifica com o povo brasileiro, instalando-se no discurso como sujeito cognitivo que pode transformar a relação de um sujeito (seu enunciatário) com o objeto (benefícios para a comunidade), o que fica evidente em seu discurso, ao utilizar a debreagem enunciativa no singular e a debreagem enunciativa no plural, quando está se referindo ao seu governo de forma mais generalizada:

E eu quero trabalhar de forma que a gente possa garantir tranquilidade a todos aqueles que no campo produzem, sejam empresários, seja a agricultura familiar. Essa liberação de recursos que nós fazemos é para garantir o preço mínimo da soja e vamos continuar discutindo a agricultura porque, para nós, a agricultura é a válvula principal do coração deste país.

O programa do dia 22 de maio abordou questões relacionadas ao setor energético. Lula mostrou-se muito empolgado e otimista com os avanços do país na área e deixou isso claro em seu discurso ao utilizar a debreagem enunciativa no singular, expressando também seu ponto de vista positivo e sua convicção no progresso do país:

Eu acredito que o anúncio do Conselho Nacional de Política Energética foi extremamente importante para o futuro energético do Brasil. Eu tenho dito e repetido, várias vezes, que o Brasil no século XXI será a maior potência energética do Planeta. E digo isso, não apenas porque a Petrobras atingiu a auto-suficiência, porque o Brasil é o país que detém maior tecnologia na produção de álcool, mas também porque o Brasil saiu na frente na produção de biodiesel.”

No decorrer da entrevista, o presidente, revestido do papel temático de sujeito cognitivo, continua elencando o progresso do país e evidencia sua esperança no fato de que o Brasil tem condições de crescer ainda mais do que, segundo ele, já cresceu no seu governo. Dessa forma, conseguiu operar um fazer cognitivo e alterar a relação de seu enunciatário com o objeto de valor progresso: “Então, eu estou com muita, muita esperança de que nós demos um passo gigantesco para uma revolução na agricultura brasileira e um passo gigantesco para uma revolução na área de combustível do nosso país e na produção de energia elétrica.” Lula encerrou a entrevista com as seguintes palavras: “Eu quero terminar dizendo o seguinte: vai demorar um pouco para que tenhamos a dimensão do que foi anunciado neste país.”, o que demonstra a sua confiança em seu governo e no progresso ocorrido durante o seu mandato.

A temática do otimismo do ator Lula é reiterada no programa do dia 29 de maio. Neste, pelo mecanismo da debreagem enunciativa, instala-se em seu discurso, um eu,

no papel temático de presidente crédulo nas possibilidades de acordos que favoreçam o país: “Vamos ver, como eu sou muito otimista, eu acredito que seja possível fazer um acordo.” Verifica-se aqui, que o otimismo atua como uma espécie de competência modal que lhe dá a crença de que ele pode tornar-se sujeito competente para um determinado fazer. Logo após, a entrevista continuou mais descontraída com o tema da copa, e o entrevistado, mais uma vez, exaltou o Brasil e o futebol brasileiro com a seguinte afirmação: “Nós temos que fazer o que nós sabemos fazer: jogar futebol, dar um show, e aí a gente pode voltar com a taça.”

No programa do dia 05 de junho, o tema tratado focou as novas obras ferroviárias do país e fez questão de evidenciar sua importância para o povo brasileiro: “De forma, Luiz, que o povo brasileiro pode ficar tranquilo. Os nossos companheiros ferroviários, que imaginavam que tinham acabado as ferrovias no Brasil podem ficar felizes. Os nossos produtores podem ficar felizes, porque a ferrovia voltou a ser uma realidade no Brasil.” O presidente termina a entrevista expressando sua discordância com o fato de o país ter parado de construir ferrovias e afirmando que seu governo já retomou as obras. Neste momento, assume o papel temático de presidente que possui o saber necessário para fazer. Para isso, alterna em sua resposta a debreagem enunciativa no singular e no plural:

Eu acho que foi insensatez, em algum momento da história, o Brasil parar de construir ferrovia. Portanto, nós agora vamos retomar as ferrovias e não vamos parar mais, porque nós queremos interligar o Brasil de Norte a Sul, de Leste a Oeste, com ferrovias para que a gente possa baratear o escoamento da nossa rica produção.

O tema da educação foi abordado novamente no programa de 12 de junho, e a primeira pergunta do entrevistador foi o porquê desse assunto ser tratado com tanta importância no governo de Lula. A resposta assemelha-se a de um candidato a cargo público, ou seja, o presidente parece estar fazendo campanha eleitoral e evidencia em seu discurso as características do discurso político, é convincente, baseado em verdades e muito claro:

Por duas razões. Primeiro, porque educação é o mais importante investimento que um governo pode fazer no seu país. A educação vai garantir que o Brasil possa se colocar em igualdade de condições com os países mais desenvolvidos do mundo. Afinal de contas, é a educação que dá conhecimento, dá a formação profissional e permite que as pessoas fiquem mais qualificadas. Ficando mais qualificadas, nós vamos ter mais acesso à tecnologia, vamos produzir produtos cada vez melhores e mais competitivos e vamos poder melhorar a vida do povo e melhorar a vida do país.

Observa-se, nessa resposta, que Lula quer intensificar a imagem de político ciente das prioridades do país, e de que os valores que o movem são de um sujeito que se identifica com as necessidades do povo brasileiro, principalmente daqueles menos favorecidos economicamente, ou seja, instala em seu discurso o sujeito cognitivo, modalizado pelo saber. Percebe-se também, por meio da debreagem enunciativa no singular, que ao colocar-se como pessoa individualizada, ser humano que entende e compartilha as aflições do povo que governa, busca reforçar a construção de uma imagem muito positiva para o seu papel temático de candidato à reeleição :

Eu olho nos olhos das mães, eu olho nos olhos dos pais e quando eu conto como a minha vida mudou quando eu aprendi uma profissão, eu sei como aquela mãe se sente, como aquele pai se sente, porque o maior legado que um pai pode deixar para um filho não é uma casa, um carro ou um pouco de dinheiro; o maior legado que um pai ou uma mãe pode deixar para o filho é a garantia da formação profissional, é a formação desses jovens. Se todos pudessem chegar à universidade, certamente nós que somos pais poderíamos descansar tranquilamente porque é isso que nos dá certeza de futuro garantido para os nossos filhos.

O presidente termina a entrevista deixando transparecer em seu discurso características do discurso político, exaltando a importância da educação para um país e se comprometendo a continuar cuidando dessa questão. Nesse momento, evidencia seu papel temático de presidente e exalta seus méritos ao longo de seu mandato e os projetos desenvolvidos durante seu governo, utilizando a debreagem enunciativa no plural:

Então, o que nós estamos criando são condições para que esse jovem possa virar cidadão ou cidadã pleno, ou seja, ter o direito de estudar em uma universidade e daqui a algum tempo receber o seu diploma de doutor, e daqui a algum tempo o Brasil ganhar muito com a formação dessa gente. É isso que estamos fazendo e, por isso, a quinta-feira foi um dia histórico.

O programa do dia 19 de junho teve como tema a implantação do 'Programa Luz para todos' na região da Bahia e o presidente aproveita o momento para se solidarizar com as pessoas que viviam sem luz e agora recebem o benefício da eletricidade. Em sua explanação, intercala trechos com debreagem enunciativa no singular e no plural, para alternar a manifestação de pessoa individualizada e coletiva:

Eu só queria dizer, Luiz, que essa visita nossa à Bahia, no dia de hoje, é para comemorar o fato de estarmos atingindo três milhões e trezentas mil pessoas que já são beneficiadas com o programa Luz para Todos. Eu acho

que é o Programa mais humano que nós temos porque é um programa que consegue tirar uma pessoa que vive nas trevas e colocar luz na casa da pessoa. Uma pessoa que vive com um candeeiro, de repente recebe luz elétrica e ali ela pode ter uma geladeira, pode ter um rádio, pode ter uma televisão, pode ter uma casa de farinha, pode ter uma melhoria substancial na qualidade de vida dela.

Através de trechos contados de sua vida antes de ser presidente e quando tinha os mesmos problemas enfrentados pela maioria dos brasileiros, instaura em seu discurso o sujeito cognitivo que possui o saber e o sujeito pragmático que pode mudar a condição de vida do povo, pois além do papel temático de candidato, assume também o papel temático de presidente. Utilizando a debreagem enunciativa no singular, o presidente provoca uma aproximação com seu enunciatário:

Eu me lembro que eu voltei à minha terra natal 27 anos depois, em 1979, e eu me lembro que quando a minha tia recebeu luz na casa dela, ela até saiu correndo da cozinha porque era tanta claridade... Ela dizia que tinha ficado cega de tanta claridade nos olhos dela.

É possível perceber, pelas análises das entrevistas do programa, exibidas no primeiro semestre de 2006, que em seus discursos, o ator Lula vai se construindo como presidente candidato, ressaltando constantemente a importância dos programas de governo instituídos em seu primeiro mandato e evidenciando como suas ações governamentais estão sendo benéficas para o povo brasileiro, ou seja, seu objetivo é sempre mostrar como seu governo é bom e como ele está se saindo bem como presidente da república.

Sabe-se da importância de, em uma análise de base semiótica, levar-se em consideração que o percurso do sujeito é constituído pelos programas de competência e performance. Na primeira tem-se um sujeito competente para um fazer. Já, o programa de performance lhe dá habilidade para executar esse fazer, tornando-o sujeito realizador.

Nas entrevistas realizadas no primeiro semestre de 2006, percebe-se que Lula, o tempo todo, mostra-se como um sujeito competente (quer, sabe, e pode fazer), investido, assim, para a performance de continuar sendo o presidente da República.

4.2 ANÁLISE DOS PROGRAMAS “CAFÉ COM O PRESIDENTE” DO ANO DE 2007

Nesta seção analisamos os programas de 2007 quando Lula já havia assumido o segundo mandato presidencial para verificar possíveis mudanças de seu discurso.

É válido esclarecer que o programa como um todo evidencia a construção de Lula como ator, simulacro de candidato à reeleição, na referência ao primeiro semestre de 2006, e simulacro de presidente reeleito, no primeiro semestre de 2007. Importante ressaltar também, que, no decorrer das entrevistas visualiza-se o percurso do sujeito da enunciação, revestindo-se de diversos papéis actanciais e temáticos, inclusive manifestando-se, várias vezes, ainda como presidente-candidato, mesmo já estando reeleito.

No programa do dia 29 de janeiro de 2007, o primeiro após a reeleição do Presidente Lula, o tema central foi o lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Durante a entrevista, o presidente explicou em que consiste esse Programa, sempre em uma linguagem bem simples e com um tom bem explicativo e didático, conforme mostram as análises no decorrer da seção. Na maior parte da entrevista, é utilizada a primeira pessoa do plural, em uma debreagem enunciativa, em que o “nós” corresponde ao presidente e sua equipe de governo, o que pode ser comprovado no trecho a seguir:

Nós decidimos investir em habitação, saneamento básico, que nunca foram investidos neste país. Ao mesmo tempo, nós queremos mostrar seriedade, porque criamos o conselho gestor, que vai dirigir esse programa de investimento, para que não se perca na demanda diária da política brasileira.

O presidente tenta, a partir da descrição e da apresentação de seus projetos políticos, afirmar seus valores e conseguir a adesão de seu enunciatário, característica essa que evidencia o teor político de seu discurso. Nesse momento, Lula não é mais candidato, já foi reeleito, mas ainda se reveste, na essência, do papel temático de candidato quando descreve o andamento de seus planos de governo e na aparência, seu papel temático é o de Presidente da República, conforme excerto anterior.

Na debreagem enunciativa instaurada no discurso pelo uso do pronome pessoal singular “eu”, o presidente se refere a ele mesmo como pessoa, individualizado, e nesse caso nota-se claramente a referência à opinião da pessoa de Lula. O ator Lula, revestido pelo papel temático de presidente, possui, na dimensão cognitiva, o saber e, na dimensão pragmática, o fazer, ou seja, é um sujeito que sabe e pode fazer: “Primeiro, estou mais otimista com a

Rodada de Doha, estou mais otimista, porque há uma vontade política de que essas coisas aconteçam. [...] Eu participei de uma reunião e lá fiz questão de dizer que a decisão agora é eminentemente política, não mais econômica”. Dessa forma, Lula tenta construir uma imagem de político empreendedor e preocupado com o andamento de seus projetos de governo e utiliza uma característica marcante do discurso político, faz uso do raciocínio coerente e baseado na verdade para influenciar o enunciatário a concordar com suas ideias.

Em alguns momentos, ele utiliza também a embreagem e instaura no discurso a terceira pessoa, referindo-se ao Brasil e, conseqüentemente, ao governo brasileiro com um certo distanciamento, como se ele próprio não fizesse parte do governo: “O Brasil, além de apresentar essas propostas, tem no biodiesel e no álcool grandes programas que podem ajudar os países pobres a se desenvolver”. Em uma mesma resposta do Presidente é possível verificar o uso da debreagem enunciativa, da debreagem enunciativa e da embreagem.

O entrevistador assume uma postura de auxiliar e direciona o entrevistado nas explicações e informações dos dados a serem passados para o ouvinte, e suas perguntas contribuem para que o presidente utilize um tom didático e explicativo. As suas questões não instigam nem incitam respostas completas e satisfatórias, apenas dão condições para que o presidente discorra livremente:

Agora, Presidente, faz uma semana que o senhor lançou o PAC, que é o Programa de Aceleração do Crescimento, uma promessa sua da virada do ano, de que o Brasil iria crescer com maior velocidade a partir de agora. Resume para a gente o que tem de importante nesse Programa e como é que vai funcionar.

Na segunda entrevista do ano de 2007, que aconteceu no dia 05 de fevereiro, o tema central foi o investimento em segurança nos jogos do PAN. Logo na primeira resposta do presidente a debreagem enunciativa acontece indiscriminadamente no singular e no plural e percebe-se também o tom explicativo, com intuito de esclarecer e informar claramente. O ator Lula utiliza a terceira pessoa do plural para produzir o efeito de sentido de cumplicidade e comprometimento, que ajudam a construir uma imagem de político sério e comprometido, dotado da competência necessária para governar o país e dar conta de todas as suas necessidades:

Luiz, na verdade, nós vamos fazer duas coisas importantes no Rio de Janeiro, na terça-feira. Eu vou visitar o Centro de Operações Tecnológicas, que é um centro que vai praticamente cuidar do Pan no que diz respeito à informação, no que diz respeito ao controle do Pan.

E, ao mesmo tempo, nós vamos assinar um convênio com o governador Sérgio Cabral para a construção do projeto executivo do Arco Rodoviário do Rio de Janeiro, que é uma obra muito difícil, uma obra que é numa área virgem ainda.

Nesse caso, fica difícil separar o papel temático de presidente Lula do simulacro de sua própria pessoa, Luiz Inácio Lula da Silva, já que tanto a visita quanto a assinatura do convênio são ações governamentais. Já neste exemplo: “Eu penso que o projeto poderá ficar pronto até o mês de junho”. Com a expressão “Eu penso”, é possível verificar uma opinião mais pessoal de Lula e, na dimensão cognitiva, pode-se dizer que ele é um sujeito dotado de um saber.

Nessa entrevista também há ocorrências de debreagem enunciativa na primeira pessoa do plural com o uso da expressão “a gente”. A informalidade dessa expressão dá a impressão de que ela se refere ao presidente juntamente com o povo brasileiro, o Brasil como um todo, diferentemente de quando há a debreagem enunciativa com o uso do “nós”, que subentende o presidente e seu governo: “para que a gente fizesse parcerias concretas e objetivas, para que a gente pudesse dar exemplo ao mundo de que se nós fizermos um Pan que seja uma marca registrada de boa qualidade, a gente pode se cacifar para amanhã querer, quem sabe, sediar umas Olimpíadas”. Verifica-se, mais uma vez, a preocupação com sua imagem e com a imagem do país construída em seu governo. O presidente busca objetos de valor como reconhecimento público, tanto nacional quanto internacional e estabelece um contrato de veridicção com o enunciário, ao estabelecer em seu discurso o fazer persuasivo. É bom para construção da imagem de um político, que seus eleitores e que outros governantes acreditem em sua capacidade de governar e de fazer o país progredir.

O entrevistador, mais uma vez, contribui com o tom otimista e esperançoso do presidente e o auxilia nessa questão, indagando sobre a possibilidade de outros setores serem beneficiados com os jogos do Pan: “Então, não é só o esporte que vai se beneficiar com o Pan, no Rio?”

Na entrevista transmitida no dia 12 de fevereiro de 2007, o presidente Lula destacou o esforço brasileiro de promover o álcool e produzir biodiesel. Nos momentos em que se refere à sua equipe de governo faz uso da debreagem enunciativa instaurando o “nós”, o que também produz o efeito de sentido de sucesso coletivo, para si e para sua equipe de governo, que, indiretamente, ajuda na construção de sua imagem de político. Revestido pelo papel temático de presidente mostra-se como um sujeito cognitivo que sabe fazer e um sujeito pragmático, que executa as ações, que faz:

Nós estamos hoje não apenas produzindo 16,5 bilhões de litros de álcool no Brasil e utilizando 23% de álcool na gasolina, como nós estamos numa frente de trabalho muito forte do governo e dos empresários na tentativa de convencer o mundo desenvolvido a colocar álcool na gasolina para diminuir a emissão de gases que tanto poluem o planeta Terra e tanto preocupam os países do mundo e preocupam os ambientalistas.

E quando trata do desenvolvimento do Brasil, faz uso da embreagem, gerando o efeito de sentido de distanciamento e ao mesmo tempo de autonomia do país: “Mas o Brasil saiu mais um passo na frente que foi o começo da produção do biodiesel”.

No último programa de fevereiro de 2007, que foi ao ar no dia 26, o presidente tratou sobre as mudanças no ministério, que seriam poucas. E novamente percebe-se a instauração da debreagem enunciativa no singular e no plural, na mesma resposta e com a sutil diferença de mostrar uma opinião mais pessoal e subjetiva ao fazer uso do “eu”: “Luiz, eu tenho dito desde que ganhei as eleições, quando as pessoas começaram a especular sobre a reforma no ministério, eu disse que o time tinha ganho o jogo e não havia necessidade de mudar”.

Por outro lado, o emprego do “nós” remete à ideia de que o sujeito da enunciação pretende imprimir um caráter mais formal e sério ao seu discurso. Contata-se que o uso da primeira pessoa do plural identifica não apenas sua equipe de governo, mas implica também a ideologia do PT, partido ao qual sempre pertenceu. Esse fato sugere o objetivo do ator Lula de mostrar ao enunciatário que seu fazer está vinculado aos valores do partido, e que, revestido do papel temático de presidente reeleito tem autonomia para saber e fazer o que é melhor para o país, pois é dotado da competência, já fez uma vez e tem experiência:

Logicamente que nós estamos fazendo uma composição política no Congresso Nacional, com as mesmas forças das quais recebemos apoio no mandato passado. A grande novidade é o PDT fazendo parte da base do governo, e, no momento certo, nós vamos escolher alguns ministros.

No programa transmitido no dia 05 de março de 2007, Lula falou sobre os temas que trataria no seu encontro com o presidente Bush: subsídio agrícola e biocombustíveis. A partir da análise das respostas do presidente é possível afirmar que esse assunto o interessa de maneira singular, pois ele demonstra uma postura de muita proximidade e interesse pelos temas, o que pode ser comprovado pelos exemplos de debreagem enunciativa, introduzidos sempre pelas expressões “eu penso”, “eu acho”, “eu

acredito”. Além disso as expressões instauram no discurso um sujeito cognitivo, um ator actualizado pela competência, pelo saber e pelo poder-fazer:

Eu acredito, Luiz, que nós temos muitas coisas para conversar. Eu penso que nós estamos próximos de um acordo na Rodada de Doha, ou seja, um acordo que possa favorecer os países produtores de agricultura e, sobretudo, aqueles que têm menos chances de disputar o mercado internacional, sobretudo o mercado fechado, como é o mercado europeu, o mercado americano, com subsídio muito forte.

Novamente o presidente faz uso da expressão “a gente”, o que parece demonstrar que ele se junta, aparentemente ao povo brasileiro e com essa expressão se nivela a todos que são brasileiros, independente da posição ou status, mas é apenas um efeito de sentido, um simulacro da realidade que não existe mais, pois seu papel temático é de presidente, de sujeito competente e responsável pela gestão de um país, não é mais povo:

Portanto, não apenas para favorecer que os países tenham outra alternativa de combustível, em vez da gasolina e do óleo diesel, que a gente tenha o álcool, que a gente tenha o biodiesel, mas também para que a gente polua menos o planeta, sobretudo, nas grandes cidades.

Essa identificação de Lula com temas que envolvem o crescimento do país e o seu avanço em questões sociais e econômicas ajudam a construir para o seu enunciário uma imagem positiva e empreendedora, de político capaz de cumprir suas promessas e ajudar no progresso da população, sendo que seu discurso, marcadamente político, expressa convicção e um ponto de vista.

Em alguns momentos, Lula utiliza o “eu” e “a gente” na mesma frase, mas com a distinção clara de que “eu” é o simulacro da pessoa de Lula e “a gente”, o povo brasileiro: “Então, o que eu quero é o seguinte: se é para ter livre comércio, vamos ter livre comércio para que a gente tenha oportunidade de vender e de comprar”.

No dia 12 de março de 2007, o programa transmitido teve como tema a parceria Brasil-Estados Unidos e a mudança na política energética no século XXI. Ao fazer uso da debragem enunciativa na primeira pessoa do singular, o presidente deixa claro que assume o papel de homem brasileiro e deixa transparecer sua preocupação em transmitir as informações de maneira simples e clara, para que todos os ouvintes, indiscriminadamente, possam esclarecer as dúvidas sobre o assunto abordado, ou seja, posiciona-se no discurso como sujeito cognitivo, dotado de um saber: “Antes de falar da commodity, deixa eu dizer

uma coisa ainda da questão comercial, para que o nosso ouvinte entenda perfeitamente bem”. É possível notar também que, às vezes, a opinião de Lula se mostra claramente a favor do plano de governo de sua equipe, o que também propicia uma adesão por parte de seus ouvintes e uma reafirmação da pertinência de suas ações políticas, além de estabelecer um contrato fiduciário: “Então, eu estou convencido, Luiz, de que nós estamos perto de um grande acordo”.

Na entrevista do dia 19 de março de 2007, o presidente tratou do assunto referente ao plano de governo para melhorar a qualidade da educação e já começou a primeira resposta fazendo uso da debreagem enunciativa tanto no singular quanto no plural, instaurando no discurso um sujeito cognitivo:

Acho que foi um acerto extraordinário convocar educadores de todo o Brasil para que o ministro Fernando Haddad apresentasse o programa. O mesmo nós vamos fazer com o Conselho Político, chamar todos os líderes e fazer uma apresentação, porque nós não queremos que o programa seja do Ministério da Educação, seja do governo.

Em seguida, passou a palavra para o ministro da educação, Fernando Haddad, que especialmente neste dia participou do programa. Pelas respostas do ministro é possível perceber que ele faz uso da debreagem enunciativa sempre no plural, com o “nós” fazendo referência ao Governo Federal como um todo: “Nós, em 2005, realizamos uma prova chamada Prova Brasil [...]. Com base nisso, nós temos hoje uma grande radiografia das escolas que vão bem, das escolas que não vão tão bem”, diferente do presidente Lula, que marca sua opinião pessoal com as expressões “eu penso”, “eu tenho”, para demonstrar que ações devem ser feitas pelo Governo, bem demarcado pelo “nós”: “Luiz, eu tenho demonstrado ao ministro Fernando Haddad uma preocupação - nós temos que ajudar os professores brasileiros a se reciclarem”. Com essa postura, é possível perceber que o presidente tenta reafirmar a dupla postura de um político, pois tenta convencer da pertinência de seu projeto político e ao mesmo tempo conseguir o maior número de adeptos, assim, além do papel temático de presidente, reveste-se também do papel temático de candidato que continua angariando adesão do enunciatório.

O programa transmitido no dia 26 de março de 2007 tratou da disposição demonstrada pela Itália em fazer uma parceria com o Brasil nas áreas de produção de remédios, etanol e biodiesel. Em vários momentos dessa entrevista, Lula fez uso da debreagem enunciativa e distanciou-se um pouco do Brasil, tratando o país como “ele”, o que gera o efeito de sentido de reafirmação da força e do poder que o país (povo brasileiro) tem de

mudar, de vencer desafios e superar obstáculos: “É muito importante para o Brasil essa visita do primeiro-ministro Prodi, porque existe uma relação cultural muito forte entre Brasil e Itália”.

Percebe-se, no entanto, que embora ocorra esse distanciamento, não deixa de explicitar suas opiniões pessoais com a expressão “eu penso” e de usar o recurso da persuasão, pois quando utiliza a primeira pessoa do singular, explora a emoção:

Eu penso que o fato de a Itália querer estabelecer com o Brasil uma parceria estratégica é extraordinariamente importante para o Brasil, que está dando à Itália nesse momento mais importância do que já deu em qualquer outro momento. Eu penso que nós vamos ganhar muito nessa relação com a Itália, porque ela vai ser reforçada. Eu penso que vai melhorar o comércio, vai melhorar a relação cultural, vai melhorar a relação política, vai melhorar também o crescimento econômico dos dois países.

Mais uma vez, por meio da imagem que o país está construindo no exterior, o presidente tenta reafirmar sua própria imagem e destacar a importância de suas ações governamentais. Tal fato retrata bem o discurso político, já que neste, a imagem e o discurso influenciam o enunciatário. Nota-se também a aparência de presidente com essência de candidato, sempre preocupado com a imagem que está construindo e divulgando.

Às vezes, tem-se a impressão de que o presidente coloca o Brasil como algo autônomo, que progride e se governa sozinho; ele se distancia de sua postura de governante e concede ao país uma autonomia quase suprema, ou seja, faz ajustes em seu discurso e em sua imagem para conseguir adesão de seu enunciatário e para gerar o efeito de sentido de verdade nas suas respostas.

O tema do programa do dia 02 de abril de 2007 versou sobre o acordo na Organização Mundial do Comércio (OMC) que poderia ser fechado em alguns dias e a visita ao presidente Bush nos Estados Unidos. Já na primeira resposta que o presidente dá ao apresentador, nota-se a presença da embreagem, como se “o Brasil” estivesse distante, como se o presidente Lula não fizesse parte do país, mas logo em seguida é instaurada em seu discurso a debreagem enunciativa com o uso do “nós”, que causa a impressão de proximidade: “E nesse assunto, o Brasil tem tecnologia, tem sabedoria, tem conhecimento, não só porque já temos 30 anos de experiência na produção do álcool, como nós temos agora, sabe, uma boa experiência na produção de biodiesel”.

E o discurso do presidente continua, no decorrer da entrevista, mesclando a debreagem enunciativa no singular e no plural:

Se fizermos o acordo na Rodada de Doha, eu penso que nós estaremos dando um avanço extraordinário para que o mundo mais pobre possa ter uma oportunidade no século 21. [...] Eu acho que todo trabalhador tem direito a aumento de salário, todo trabalhador tem direito de reivindicar, mas é importante lembrar que, quando eu era dirigente sindical, algumas empresas que entravam em greve, o setor considerado essencial na empresa a gente acordava com o dono da empresa que aquele setor não iria parar, por uma questão de responsabilidade. Nós não estamos lidando com máquina apenas, estamos lidando com seres humanos.

No programa do dia 09 de abril de 2007, Lula fala em renascimento da indústria naval e comenta sobre a tranquilidade nos aeroportos. Nessa entrevista, constata-se a instauração da debreagem enunciativa e da enunciativa no plural. Na primeira Lula fala sobre o Brasil enquanto reserva natural e espaço geográfico; na segunda, refere-se ao governo brasileiro e evidencia em seu discurso o sujeito pragmático, que age em prol do país. Seu discurso também constrói e reconstrói valores positivos do Brasil que operam transformações e aproveitam as características naturais para resolver e evitar problemas:

Brasil é um país que tem o privilégio de ter fronteira com dez países da América do Sul, só não temos fronteiras com o Equador e com o Chile. [...] Nós estamos presentes em todos esses países. Estamos construindo parcerias também na questão da energia elétrica, na questão do gás, na questão do biodiesel, na questão do etanol, ou seja, nós queremos fazer uma integração para que nenhum país da América do Sul sofra qualquer crise por falta de abastecimento de energia, seja elétrica ou seja combustível.

No decorrer da entrevista, o presidente continua mesclando momentos de debreagem enunciativa no singular e no plural, para indicar as opiniões pessoais e assumir seu papel de Presidente da República. No papel temático de presidente, mostra-se como um sujeito cognitivo, dotado de um saber (saber governar, saber resolver) e de uma competência para resolver os problemas, respectivamente:

Eu não sei qual é a base técnica ou científica das críticas ainda. Eu espero que tenhamos oportunidade de discutir um pouco esse assunto. [...] O que nós precisamos é ser racionais, trabalhar com muito cuidado nisso, obviamente que nós temos que ter uma política de Estado orientando onde vai ser produzido, que tipo de coisa vai ser utilizada. E isso nós estamos tratando com o maior carinho, pelo menos, no caso do Brasil, nós não temos essa preocupação.

O programa do dia 16 de abril de 2007 traz como tema “A energia como um dos principais itens para a integração efetiva do Brasil na América do Sul”. Logo no início das respostas ao entrevistador instaura-se no discurso do presidente uma debreagem enunciativa em 3ª pessoa, uma vez que ao se referir ao país coloca-se sempre em segundo plano, como se o Brasil fosse autônomo; como se não fosse diretamente responsável pelo direcionamento de governo do país, mas, mesmo quando se exclui do discurso, pode-se perceber que sua imagem de bom governante, de responsável pelas ações, estão implícitas em sua fala, em sua postura, ou seja, a própria exclusão auxilia na construção de sua imagem política, fato perceptível no trecho seguinte: “O Brasil tem mostrado uma preocupação com a integração da América do Sul, e o item energia é um dos principais para que haja uma integração efetiva na América do Sul. O Brasil é um país que tem o privilégio de ter fronteira com dez países da América do Sul [...]”. Mas em seguida, para falar dos seus acréscimos e contribuições como presidente e bom governante, instaura uma debreagem enunciativa no plural mostrando a sua participação efetiva nas ações de governo e explicitando sua responsabilidade no progresso do país, colocando-se, na dimensão pragmática, como sujeito do fazer:

Com esse diagnóstico correto na mão, nós então apresentaremos uma proposta do que fazer conjuntamente, onde arrumar dinheiro, qual projeto nós vamos ter para que a gente tenha uma integração. Por exemplo, nós já temos uma parte de energia elétrica da Venezuela conectada ao Brasil.

Às vezes, por meio da debreagem enunciativa no plural o presidente deixa transparecer suas ideias pessoais e atribui sentimentos às suas respostas: “E isso nós estamos tratando com o maior carinho, pelo menos, no caso do Brasil, nós não temos essa preocupação”. Percebe-se, assim, seu propósito de mostrar-se como sujeito sensível, o que pode provocar no enunciatário um efeito de sentido de ser humano, ou seja, de que ele, no papel temático de presidente, não se assume apenas cognitiva e pragmaticamente, sabendo o que deve ser feito, mas que o faz com sentimento.

No dia 23 de abril de 2007, o programa se desenvolve a partir do comentário que o presidente fez sobre o encontro com a oposição. Lula diz que “encontros com a oposição são exemplos de ‘uma pátria civilizada’”. Esse programa trata de um assunto muito delicado que envolve muitas questões políticas, por isso o presidente procura, antes de responder às perguntas do entrevistador, explicar alguns itens considerados de suma importância para seus ouvintes e momento em que, mais uma vez, percebe-se a postura didática do presidente e, para isso, utiliza a debreagem enunciativa no singular, quando se

refere à sua pessoa e a debreagem enunciativa no plural, quando se refere à sua equipe de governo. Essa postura fica bem clara no trecho a seguir, assim como, uma tentativa de conseguir adesão de seu enunciatório para o programa desenvolvido em seu governo, ou seja, estabelece um contrato de veridicção para construir o efeito de sentido de verdade, de compromisso e de realizações:

Luiz, primeiro, é importante que os nossos ouvintes compreendam que o Brasil vive uma nova fase. Eu penso que as coisas estão muito bem na área econômica. Acho que o Brasil vai crescer de forma robusta em 2007, 2008, 2009 e 2010. A inflação está controlada. Nós lançamos o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) que é para poder fazer o Brasil dar sustentabilidade ao seu crescimento.

E o ator Lula, no papel temático de presidente, mostra-se de maneira humilde e resignada, simplesmente como um presidente e um sujeito cognitivo que coloca acima de tudo as questões importantes do país. Essa maneira de agir pode ser analisada como uma tentativa de publicidade pessoal (na essência, assume o papel temático de candidato), de construir uma imagem política que possa ser reaproveitada em outros momentos, de futura possibilidade de reeleição, por exemplo. Essas marcas de postura de candidato estão sempre presentes em seu discurso, já que, constantemente busca provar que suas ações visam ao bem do Brasil e de seu povo, embora tente mascarar que esteja fazendo campanha política, o que é próprio do discurso político. Destaca-se tal fato o trecho em que ele explica por que procurou a oposição para conversar:

Eu estou convencido de que quando o presidente da República não tem mais no seu horizonte a disputa presidencial, fica muito mais fácil, fica muito mais leve a gente governar o país. Por que? Porque eu não tenho mais o que disputar em 2010. Eu tenho apenas que deixar o Brasil em 2010 infinitamente melhor do que o Brasil que eu recebi. Isso é que me dá liberdade de procurar todos os setores da sociedade para conversar. E vou conversar muito mais daqui para a frente.

E mesmo quando tenta se mostrar neutro na questão, assume o papel temático de candidato, pois seu silêncio em torno de alguns assuntos relacionados às suas ações acaba gerando um efeito de sentido muito forte e muito claro, provando suas reais intenções, ou seja, que continua preocupado com a visão de seus virtuais eleitores. Por isso, para agradar seu eleitorado, futuro ou passado, e conseguir sua adesão, ele se coloca em uma posição que causa o efeito de sentido de ética absoluta:

Todo mundo sabe o que eu pensava em 2006. Eu sempre fui contra a reeleição. Acontece que tem o instituto da reeleição, e eu sou um presidente reeleito, portanto, eu não possa agora dar palpite na reforma política no que diz respeito à reeleição. Não me peçam opinião que eu não vou dar. Esse é um problema dos partidos políticos, é um problema do Congresso Nacional. Então, eu quero que os partidos resolvam isso, que aqueles que são candidatos em 2010 resolvam isso. E eu estarei torcendo para que o Brasil aprove o que for melhor para o povo brasileiro.

Mais uma vez o entrevistador se mostra mais como um colaborador e não questionador, quando auxilia na resposta do presidente, dando continuidade: “Mas, mesmo com o diálogo, não significa que a luta política tenha acabado.”

Na entrevista do dia 30 de abril, data que antecede o “Dia do trabalhador”, o presidente trata de um assunto muito polêmico, mas ao mesmo tempo de muito interesse: o aumento real do salário. E como não poderia deixar de ser, mostra-se muito positivo com relação a esse assunto, pois ele foi o sujeito-operador, responsável por essa transformação, o que pode ser constatado pela sua resposta à pergunta sobre o balanço geral do tema em questão:

Um balanço altamente positivo, Luiz. É importante lembrar que nos acordos salariais que os sindicatos têm feito neste ano e no ano de 2006, 86% dos trabalhadores ganharam aumento real de salário, ou seja, significa que além da inflação, eles tiveram um ganho no seu poder aquisitivo.

E novamente recorre à lembrança da época em que era líder sindical, buscando fixar no imaginário dos ouvintes a sua trajetória como sujeito investido na tentativa constante de levar o país ao progresso. Esse objetivo é reforçado na sequência de sua fala, quando afirma o quanto o Brasil já melhorou e continua melhorando; reafirmando, assim, sua imagem de político competente e comprometido, de sujeito cognitivo, com competência para transformar a relação do sujeito brasileiro com os objetos de valor desejados, ou seja, a partir do fazer cognitivo do ator Lula, o povo brasileiro se encontra em conjunção com objetos de valor anteriormente almejados :

Coisa rara no mundo do trabalho no Brasil, porque durante muito tempo eu fui dirigente sindical e quando nós conseguimos chegar perto da inflação, já era uma grande conquista. E hoje os trabalhadores estão tendo um ganho melhor. Por que? Porque a economia está crescendo, o número de empregos está crescendo, os empresários estão ganhando mais dinheiro e estão dividindo um pouco desse dinheiro nos acordos salariais.

No final da entrevista, por meio da debreagem enunciativa em 1ª pessoa do singular, o ator Lula parabeniza os trabalhadores brasileiros e deixa uma mensagem de esperança, o que evidencia o caráter político de seu discurso, pois reconhece os anseios do enunciatário que pretende atingir: “Eu quero, primeiro, cumprimentar os trabalhadores e dizer que eu estou desejando um feliz 1º de maio, com a certeza de que o 1º de maio de 2008 será melhor do que o 1º de maio de 2007”.

No dia 07 de maio de 2007, o assunto tratado no programa é: “A discussão das políticas sociais com o Papa” e, logo no início da entrevista, o jornalista pergunta o que o presidente pretende conversar com o Papa. Mais uma vez, antes de responder à pergunta, Lula fala um pouco de sua história passada de militante nos movimentos sociais na igreja para estabelecer um contrato de fidedignidade com o ouvinte. Ao referir-se a seu bom relacionamento pessoal com a igreja deixa transparecer seus valores, suas idéias e, assim, constrói o seu discurso com características marcadas de discurso político que tenta ser convincente, por meio de uma debreagem enunciativa em 1ª pessoa do singular:

Eu, durante grande parte da minha vida, militei direta e indiretamente com os movimentos de igreja para que pudéssemos construir um Brasil mais justo. Depois que assumi a Presidência da República, nós temos feito várias políticas públicas que são resultado do aprendizado que eu tive quando militava nos movimentos sociais ligados à Igreja Católica.

E, só depois, por meio de uma debreagem enunciativa em 1ª pessoa, responde ao que foi perguntado, assumindo o papel temático de presidente do Brasil: “Nós temos uma relação muito boa, respeitando a autonomia da Igreja e a Igreja respeitando a autonomia do Estado. Temos uma relação de solidariedade, um compromisso com o povo brasileiro.” Mas, utiliza também a 1ª pessoa do singular, para deixar explícita a sua posição de sujeito cognitivo, responsável por operar uma transformação em seu enunciatário, por meio do fazer persuasivo: “Eu penso que um dos assuntos que eu tenho interesse de discutir com o papa é o papel da Igreja nas políticas públicas que a Igreja já tem, ou seja, a Igreja participa de quase todas as políticas públicas para o povo mais pobre, para o oprimido.”

Uma característica importante e que deve ser ressaltada nessa entrevista é que a última pergunta do entrevistador tem um caráter bem pessoal, ou pelo menos, tenta parecer pessoal, o que não aconteceu em nenhuma entrevista analisada anteriormente. O jornalista pergunta ao presidente:

Agora, presidente, nessa visita do papa, um dos momentos mais aguardados é a canonização de Frei Galvão, o primeiro santo brasileiro. Para muitos, vai ser um momento de renovação da fé e também de fortalecimento da auto-estima dos católicos brasileiros. Isso faz diferença na vida das pessoas?

A resposta do presidente também é, aparentemente, de cunho pessoal, mas na essência constrói uma imagem de ator aspectualizada de maneira positiva, ressaltando a fé do povo brasileiro, como um elogio. Esta é também uma maneira do ator, no papel temático de candidato, construir uma imagem política e positiva para seu enunciatório, instaurando no discurso um sujeito cognitivo:

Eu acho que faz, sobretudo porque o povo brasileiro é um povo de muita fé. Eu acho que quando nós temos o reconhecimento da Igreja Católica do primeiro santo brasileiro, eu acho que para o povo católico é extremamente importante, é uma coisa muito forte que certamente vai revigorar a fé do povo. O povo brasileiro é um povo de muita fé, um povo que tem uma participação muito forte na religião.

No programa do dia 14 de maio de 2007, o assunto ainda continua em torno da visita do Papa ao Brasil. O ator Lula continua com uma postura bem subjetiva ao tratar das questões referentes a essa visita e se coloca no lugar dos brasileiros ao dar suas opiniões pessoais, sendo que para externá-las utiliza a debreagem enunciativa em 1ª pessoa do singular e instala, novamente, o sujeito cognitivo:

Eu acredito que a mensagem do papa foi um pouco aquilo que nós esperávamos quando gravamos o programa na semana passada, falar da juventude e falar da família. São dois temas que eu acredito sejam temas de extrema importância para que o Brasil continue discutindo depois da saída do papa.

E utiliza a debreagem enunciativa em 1ª pessoa do plural para falar em nome do Brasil, como presidente: “Nós temos um tempo imenso agora para aprofundar a discussão sobre a família e sobre a juventude.”

No dia 21 de maio de 2007 o programa tem como foco “o crescimento do Brasil”, e o otimismo do presidente com relação a esse assunto é sempre muito grande. Ao ser questionado sobre o clima de otimismo que envolve o Brasil, o entrevistado alterna sua resposta com debreagens enunciativas em 1ª pessoa do singular para se colocar como pessoa individualizada, integrante do povo, e o plural para falar como presidente do Brasil. Estabelece, assim, um contrato de veridicção, sendo que seu discurso constrói um simulacro da verdade, gerando o efeito de sentido de progresso, crescimento:

Eu acredito, Luiz, que os fatores que estão criando um clima favorável decorrem do fato de nós estarmos com a economia muito equilibrada, muita estabilidade. Estamos garantindo que haja uma regulação, permitindo um jogo muito à luz do dia para os investidores e isso tem resultado em um grande superávit da balança comercial, tem como resultado a redução da taxa de juros, tem como resultado o crescimento do crédito, o crescimento do emprego.

E o tom otimista está sempre presente. O ator Lula, no papel temático de presidente, constrói em seu discurso o efeito de sentido de que o Brasil está progredindo e que nada pode atrapalhar esse desempenho e, logicamente, essa progressão depende também de seus planos e ações de governo, ou seja, reafirma a pertinência de seu projeto político, de sua competência para saber-fazer e poder-fazer e tenta conseguir a adesão de seus ouvintes: “não tem nada que possa atrapalhar o desenvolvimento e o crescimento do Brasil e muito mais se nós tivermos competência para fazer do crescimento uma forte política de distribuição de renda para melhorar a vida do povo brasileiro.”

O programa do dia 28 de maio de 2007 traz como tema as ações da Polícia Federal e seu sucesso no combate à corrupção com mais independência. O desenrolar dessa entrevista é bem pesado e árduo, principalmente quando o entrevistador toca no assunto de suspeita de corrupção por parte de um senador. O ator Lula, no papel temático de presidente, tenta se mostrar imparcial e justo, fazendo todos acreditarem, por meio de um contrato de veridicção, que não se deve julgar sem provas suficientes para condenar: “Olha, você disse bem, a reportagem o colocou sob suspeita. Isso não quer dizer que o senador Renan seja culpado ou tenha qualquer culpa. Até prova em contrário, ele é inocente.”

E, mais uma vez, o ator presidente aspectualiza seu discurso gerando o efeito de sentido de político sério e comprometido ao dizer que não pretende deixar que nada atrapalhe suas ações de governo, pois quando questionado a respeito das investigações no senado e os possíveis problemas que esses procedimentos poderiam causar no PAC, é taxativo ao afirmar que nada pode atrapalhar os programas de desenvolvimento do país:

Veja, o PAC independe de qualquer investigação. Eu estou convencido que as denúncias são indícios importantes de que nós precisamos melhorar o processo de licitação nesse país e o processo de concorrência de obras públicas, porque muitas delas são obras delegadas do governo federal para estados e para municípios.

O programa do dia 04 de junho de 2007 teve vários assuntos em pauta e foi gravado em Nova Delhi, visto que o presidente estava em uma viagem pela Índia. A primeira

pergunta do entrevistador foi sobre a viagem e o que era representado pelo Brasil no exterior, ao que o presidente responde, pelo processo de debreagem enunciativa em 1ª pessoa, e cumprimenta o povo brasileiro representado pelos ouvintes do programa:

Luiz, eu queria, primeiro, cumprimentar o povo brasileiro, e dizer que é uma alegria estar aqui representando o Brasil, sobretudo quando estamos conversando com um país da importância da Índia, um país que tem um potencial extraordinário de aumentar o comércio com o Brasil.

Mas logo em seguida assume o discurso em 1ª pessoa do plural, representando o Brasil e colocando-se no papel temático de presidente do país: “Nós estamos assumindo um compromisso, Índia e Brasil, de chegar até 2010 com uma balança comercial de 10 bilhões de dólares.” A entrevista continua, e na sequência, o assunto passa a ser a visita a Londres, que o presidente fez antes de chegar à Índia e onde assistiu a um jogo da seleção brasileira contra a Inglaterra. Para responder a pergunta, primeiro Lula utiliza uma debreagem enunciativa em 1ª pessoa do singular, em que se assume como pessoa individualizada e logo a seguir, utiliza uma debreagem enunciativa em 1ª pessoa do plural, colocando-se como povo brasileiro, torcedor de futebol, ou seja, uma imagem positiva de político; mas também a de homem brasileiro, que torce pelo seu time, pelo seu país: “

Primeiro, eu tinha que vir para a Índia mesmo. Passei em Londres para ver o jogo da Seleção Brasileira, a convite da CBF, e penso que o jogo foi bom. Nós todos, brasileiros, estamos quites porque o Brasil não perdeu, empatou o jogo.

O assunto futebol foi apenas uma breve pausa para descontrair a entrevista, que logo é retomada com assuntos políticos, e o presidente continua alternando em suas respostas a debreagem enunciativa em 1ª pessoa do plural e do singular, para assumir seu papel temático de presidente e de maneira individualizada, respectivamente e, em muitos momentos, coloca o Brasil de maneira autônoma, por meio de uma debreagem, como no trecho a seguir:

Além disso, nós estamos discutindo também a questão da recomposição e da democratização do Conselho de Segurança da ONU, porque ela foi criada quando tinha 45 membros, foi criada 60 anos atrás. O mundo mudou e é preciso que tenha uma maior representatividade, para as decisões da ONU serem acatadas. O Brasil, junto com esses países que compõem o G-5, tem força tanto na Organização Mundial do Comércio, como nas Nações Unidas. E posso dizer ao povo brasileiro que não tem nenhum momento da

história do Brasil em que o Brasil teve tanta força nos fóruns multilaterais como ele tem agora.

O programa do dia 11 de junho traz como tema “A obras de interligação do rio São Francisco” e a primeira pergunta feita ao presidente é respondida com uma debreagem enunciativa em primeira pessoa, com Lula assumindo seu papel temático de presidente da república, mas iniciada com a expressão “eu acredito” que dá cunho pessoal ao discurso do presidente e instala no discurso um sujeito cognitivo, que sabe dos problemas do povo brasileiro: “Eu acredito, Luiz, que a importância do projeto de transposição, revitalização ou integração do rio São Francisco é uma obra que vai levar benefícios para 12,5 milhões de nordestinos que moram no semi-árido brasileiro.” Em seguida, anuncia a presença do ministro Geddel Vieira, responsável pelas obras, e pede ao entrevistador que faça as perguntas diretamente a ele: “Eu convidei o Ministro para vir aqui, Luiz, e acho extremamente importante você começar a fazer perguntas para o ministro Geddel Vieira, que começa uma viagem pelo rio São Francisco para visitar as cidades que serão beneficiadas e os lugares que vão receber água.”

O simulacro do ministro, diferentemente do presidente, utiliza sempre a debreagem enunciativa em 1ª pessoa do plural, com o “nós”, que pode ser entendido como o governo brasileiro, incluindo o próprio presidente, a quem se dirige : “Pois é, Presidente, hoje nós começamos uma viagem ao longo de todo o São Francisco, da sua nascente até a foz”. Na continuidade de sua fala, percebe-se, conforme já foi esclarecido, a manutenção da primeira pessoa do plural: “No município de Barra, na Bahia, Presidente, nós vamos lançar um projeto de desassoreamento, de aprofundamento do calado, da profundidade do rio, para facilitar a navegação através da hidrovia, já nessa viagem.” E o cunho didático dos discursos de Lula, aparentemente no papel temático de presidente, mas com características do papel temático de candidato, está presente também nesta entrevista, pois logo após à resposta do ministro, o presidente assume o discurso em 1ª pessoa do plural para explicar alguns fatos para os ouvintes, ou seja, para dizer em outras palavras, o que o ministro já disse e preencher algumas lacunas para facilitar o entendimento, acentuando seu tom explicativo:

Luiz, uma coisa importante para os nossos ouvintes entenderem é o seguinte, nós vamos ter dois eixos: o eixo Leste e o eixo Norte. O eixo Leste vai integrar a barragem de Itaparica, no rio São Francisco, com os rios Paraíba, no estado da Paraíba, e o rio Ipojuca, no estado de Pernambuco (...).

É importante salientar que nesta entrevista, o ministro relembra o passado do presidente e ativa no imaginário do enunciatário a história de Lula, afirmando que sua trajetória de vida facilita o entendimento, por parte dos moradores, das obras que estão sendo feitas:

Eu tenho certeza de que vou ser muito bem recebido em todas essas cidades, sobretudo porque vou levando a sua palavra. E quem conhece a sua história de vida, os nordestinos que a conhecem, sabem que o senhor não defenderia um projeto que não fosse muito bom para todo o Nordeste, para todo o Brasil. Muito obrigado, Presidente.

E neste comentário o ministro assume o discurso em 1ª pessoa do singular, de maneira mais pessoal e individualizada.

O programa do dia 18 de junho tem como assunto o “crescimento do PIB no país e suas consequências”. Logo no início, instaura-se um “eu” no discurso pelo processo de debreagem enunciativa em 1ª pessoa do singular. Neste momento delega-se voz ao ator Lula que inicia a resposta com um tom individualizado, expondo suas ideias de forma particularizada, assumindo-se como sujeito cognitivo e, em seguida assume o discurso em 1ª pessoa do plural, como governante do país: “Luiz, eu acredito que o povo brasileiro está acompanhando, tanto quanto eu, seja pela imprensa, seja pelos debates que têm acontecido, que nós estamos vivendo um momento bom da economia brasileira.”

O presidente continua, no decorrer da entrevista, em vários momentos, com um tom bem simples e pessoal, colocando suas ideias de forma um pouco individualizada, mas com características de discurso político, que tenta ser convincente e baseado em verdades: “Olha, eu acho que há vários números que me impressionam.” Em alguns momentos, volta a tratar o país de maneira autônoma, isentando-se como presidente e instaurando no discurso a embreagem, para gerar o efeito de sentido de distanciamento: “Luiz, o Brasil está vivendo um momento que nem o pior dos pessimistas brasileiros poderia estar pessimista.” A entrevista continua com respostas um pouco mais informais e com o uso da expressão “a gente”, em que o presidente se refere não só a si próprio como chefe do governo brasileiro, mas também ao povo em geral: “Obviamente que a gente poderia estar crescendo mais, mas a gente poderia estar crescendo mais com inflação, e nós vamos crescer mais sem inflação.” Em outros momentos, empregando a 1ª pessoa do plural “nós”, com um cunho mais sério e mais distante do povo, assume o papel temático de presidente do país: “Nós aprendemos que o crescimento é importante, mas tão importante quanto o crescimento é a gente fazer distribuição de renda e

controlar a inflação porque, com ela controlada, significa um ganho extraordinário para aqueles que vivem de salário.”

No dia 25 de junho, o programa traz como tema “os problemas nos aeroportos brasileiros” e o ator Lula, no papel temático de presidente, se mostra bastante defensivo com relação a este fato e, para isto, faz uso da debreagem enunciativa em 1ª pessoa do plural, assumindo-se como governante e sujeito cognitivo: “O que nós não podemos é permitir que pessoas que trabalham cuidando dos aeroportos, os controladores e outros, não tenham um profundo respeito pelos brasileiros ou pelos estrangeiros que estão viajando pelos nossos aeroportos.” E mesmo quando faz uso da debreagem em 1ª pessoa do singular, não é de forma pessoal e individualizada e sim como presidente da república, evidenciando seu fazer persuasivo: “Ora, mediante esse fato de insubordinação, a determinação minha para o Comando da Aeronáutica é colocar ordem na casa (...).” O presidente continua as respostas fazendo uso da debreagem em 1ª pessoa do plural: “Olha, nós detectamos que é preciso ter mais controladores, portanto, nós temos que formar quantos controladores forem necessários.”, alternando com a debreagem enunciativa em primeira pessoa do singular, que dá um caráter mais pessoal, citando inclusive exemplos pessoais:

Eu quero que a CPI faça as investigações que tiver que fazer, que adentre profundamente no sistema para ver o que está falhando, porque eu vou dizer uma coisa para você, Luiz. Eu fiz muitas greves na minha vida, e eu consigo perceber quando tem má-fé, quando tem má vontade, e quando tem disposição.

Às vezes, a postura pessoal de Lula nas suas respostas fica bem evidente não apenas pelas expressões em primeira pessoa como “eu acho”, “eu penso”, mas também na repetição e, de certa forma, ênfase que o sujeito cognitivo tenta dar ao seu fazer persuasivo:

Olha, primeiro, eu acho que é fazer justiça, porque acho que o Cristo Redentor significa uma imagem belíssima, uma das maravilhas do mundo. Eu espero que o povo brasileiro vote. Espero que vote e vote com muito fervor, com muita vontade, porque nós temos condições de ganhar essa disputa. Porque realmente o Cristo Redentor é uma coisa extraordinária para o povo brasileiro e para todo turista que vem ao Brasil.

É possível perceber pelas análises das entrevistas do primeiro semestre de 2007 que, mesmo depois de reeleito, o ator Lula continua preocupado com sua imagem política e parece continuar fazendo campanha no período imediatamente após as eleições, ora reveste-se do papel temático de presidente ora do papel temático de candidato. Em seu discurso, há

ênfase e entusiasmo sempre que fala sobre os planos de governo e o desenvolvimento do Brasil durante seu primeiro mandato e também sobre seus projetos para continuar fazendo o país crescer e progredir.

4.3 O PRESIDENTE NAS ENTREVISTAS: ANTES E DEPOIS DAS ELEIÇÕES DE 2006

Pode-se perceber nas entrevistas analisadas que Lula tem uma preferência por temas cotidianos e comuns a qualquer discurso político, assim como nas propagandas eleitorais analisadas na nossa Dissertação de Mestrado (LUDOVICE, 2008). O próprio nome do programa, assim como o tom das conversas corroboram essa característica. Além disso, a Radiobrás descreve o programa, no site, como uma conversa com o presidente sobre projetos do governo e temas de interesse nacional. Assim sendo, pode-se pensar que o programa se constitui numa forma de o ator Lula, revestido ora do papel temático de presidente, ora do papel temático de candidato, continuar fazendo campanha, aproveitando os assuntos que estão sendo mais discutidos no momento ou que geram mais polêmica. Como o programa é gravado e, somente depois, transmitido pelo rádio, é possível que o entrevistado possa utilizar relatórios, dados e textos sem que o ouvinte perceba.

O programa, conforme já foi explicitado na introdução e descrito pelo próprio site do Governo Federal, apresenta-se no formato de uma conversa com o presidente; uma conversa informal, como aquelas que acontecem quando se toma café com alguém e essa conversa é mediada por um jornalista que tem a função de perguntar e conduzir essa interação, ou melhor, dar a entender que conduz a entrevista, pois, no decorrer das análises apresentadas, verifica-se que o entrevistador parece mais uma figura ilustrativa, alguém a quem o presidente recorre para dar continuidade aos assuntos tratados e levantar outras questões interligadas ao tema, mas sempre de forma muito tranquila e sem nenhuma cobrança, como poderia acontecer, por exemplo, em qualquer outra entrevista ou em uma conversa “real” com o presidente.

O jornalista, no papel temático de entrevistador, assume uma postura de apenas concordar com as respostas e compartilhar as ideias do presidente; não faz uma interrogação apurada e exaustiva sobre os temas e, com essa postura, dá a impressão de falar como um partidário do presidente. Suas perguntas conduzem a resposta do presidente a uma solução ou explicação positiva do assunto tratado, como por exemplo, no trecho a seguir:

Você está ouvindo o “Café com o Presidente”, o programa de rádio do presidente Lula. A ministra Marina, do Meio Ambiente, fala muito em desenvolvimento sustentável. É possível isso mesmo, Presidente, desenvolver um país, principalmente países mais pobres, mantendo o meio ambiente em ordem?

Ou então: “Pois é, o senhor vem defendendo uma campanha para sensibilizar esses países mais ricos a entrarem nesse jogo de preservar o meio ambiente. O senhor já conseguiu sensibilizar alguns líderes mundiais, Presidente?”.

Essa postura do entrevistador, embora pareça passiva, é ativa, no sentido de auxiliar o presidente na construção de seu discurso e ajudar na construção do efeito de sentido pretendido pelo programa, além de conduzir a uma análise de que ele se comporta como um ouvinte do programa, ou seja, o enunciatário do presidente Lula, pois muitas vezes apenas reafirma o que o presidente já disse e faz uma pergunta para dar continuidade à resposta de Lula. O próprio presidente, às vezes, age como se o entrevistador fosse seu enunciatário e se dirige diretamente a ele, mas referindo-se ao brasileiro em geral, conforme se verifica no trecho a seguir:

Luiz, na verdade, nós vamos fazer duas coisas importantes no Rio de Janeiro, na terça-feira. Eu vou visitar o Centro de Operações Tecnológicas, que é um centro que vai praticamente cuidar do Pan no que diz respeito à informação, no que diz respeito ao controle do Pan.

Dessa forma, as ações do entrevistador contribuem para que o contrato de veridicção entre o presidente e seu enunciatário cause um efeito de sentido de verdade no seu discurso e na sua “conversa” com o ouvinte do rádio.

As respostas do presidente Lula, durante todo período de entrevistas analisadas, podem ser vistas como respostas a perguntas implícitas na mídia e respostas à opinião pública, a questões colocadas por seus adversários sobre suas estratégias de governo, e dúvidas dos eleitores em geral. O ator Lula é aspectualizado de maneira muito otimista e esperançosa, não abre mão de tecer bons comentários e elogios sobre seus planos de governo em desenvolvimento, como se esse otimismo respondesse, não apenas aos ouvintes do programa de rádio, mas também aos seus adversários, como é possível verificar no trecho a seguir em que responde sobre a questão de manter praticamente idêntica a base ministerial em seu novo mandato, assunto criticado pelos adversários na mídia:

eu tenho dito desde que ganhei as eleições, quando as pessoas começaram a especular sobre a reforma no ministério, eu disse que o time tinha ganho o

jogo e não havia necessidade de mudar. Logicamente que nós estamos fazendo uma composição política no Congresso Nacional, com as mesmas forças das quais recebemos apoio no mandato passado. A grande novidade é o PDT fazendo parte da base do governo, e, no momento certo, nós vamos escolher alguns ministros.

O objetivo do programa, na aparência, é trabalhar a favor dos brasileiros, mantê-los informados e atualizados. Mas uma característica essencial não pode ser esquecida, o programa foi criado e é mantido pelo Governo Federal, pelo presidente Lula, ou seja, não é um programa livre, que atende a todos os temas de maneira indiscriminada, sugerido pelos opositores, por exemplo. Pelo contrário, tem um objetivo implícito, na sua essência, de fazer propaganda positiva do presidente e, para isso, o ator Lula reveste-se alternadamente do papel temático de presidente e de candidato e tem o caminho livre para direcionar as conversas, mediar os assuntos, abordar os aspectos mais positivos para seu governo e também para, indiretamente, responder às críticas e comentários negativos sobre sua forma de governo e, de certa forma, dialogar com seus adversários e partidários. O trecho a seguir demonstra essa autonomia e liberdade do enunciador, simulacro do presidente: “Antes de falar da commodity, deixa eu dizer uma coisa ainda da questão comercial, para que o nosso ouvinte entenda perfeitamente bem. O que é que os países em via de desenvolvimento estão desejando neste momento?”

O presidente utiliza muitas expressões modalizadas como: “eu acho”, “eu penso”, “eu acredito” que levam a crer na sua conduta como governante e que o constrói, na dimensão cognitiva, como sujeito do saber e na dimensão pragmática, como sujeito do fazer. Dessa forma, ele aproxima-se do povo, nivela-se aos seus ouvintes e coloca-se como alguém que compartilha problemas, mas é o sujeito dotado de um saber e de um poder, como por exemplo:

Eu penso que o projeto poderá ficar pronto até o mês de junho para, depois então, a gente fazer licitação e começar essa obra, que é extremamente importante para desafogar o trânsito do Rio e para facilitar o acesso da produção de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, ao Porto de Itaguaí. Isso é uma coisa muito importante.

Quando trata de assuntos que interessam particularmente a população de classe popular, Lula relembra fatos de sua infância e de sua vida antes de ser presidente para mostrar que também passou por vários problemas e enfrentou muitas dificuldades que geralmente não atingem pessoas que chegam ao poder público. Com esses exemplos relembra seu passado pobre e humilde e se iguala à sociedade em geral, construindo assim a imagem do

enunciatório do programa. Mas agora ele é diferente, não faz parte da população que sofre e precisa de ajuda, ele é o sujeito dotado do saber e da competência necessários para modificar a condição de vida do povo.

Como em todo ato de comunicação, no programa “Café com o Presidente”, especialmente por se tratar de um discurso político, busca-se persuadir e convencer os eleitores e a população em geral de que o trabalho do Presidente no Governo Federal está no caminho certo. Quando o ator Lula utiliza a debreagem enunciativa na primeira pessoa do singular, o uso do “eu” evidencia a persuasão, que se dá por meio da emoção e quando utiliza a debreagem enunciativa na primeira pessoa do plural, o “nós”, evidencia o caráter de convencimento em seu discurso. Em seus discursos o ator Lula alterna o uso da emoção e da razão porque seu objetivo não é apenas convencer seu enunciário de que seus planos e ações governamentais são bons, mas também persuadi-los e fazê-los agir conforme essa crença, ou seja, votar em Lula (nas eleições de 2006) e acreditar em toda sua ideologia e a do partido ao qual pertence. Por isso mantém-se, nos discursos analisados de 2006 e 2007, a mesma modalização, ou seja, seu objetivo pode ser em 2006 claramente ganhar as eleições, mas mesmo depois de reeleito não quer e não pode perder o apoio popular, já que esse apoio popular é sempre o objeto de valor buscado no meio político, não apenas em períodos eleitorais. E para garantir o alcance da persuasão e do convencimento, o presidente se vale de informações sólidas, de números concretos, de projetos de governo em andamento, tudo expresso com uma linguagem clara e acessível, a fim de conseguir uma melhor compreensão da informação, conforme as análises apresentadas nas seções anteriores.

As análises demonstram que tanto no período que antecede as eleições de 2006, como no período posterior a elas, o ator Lula se reveste tanto do papel temático de presidente quanto do papel temático de candidato. Há sempre uma preocupação, observada por meio do discurso expresso nas respostas das entrevistas, com a apresentação da imagem do presidente Lula e do país durante seu mandato presidencial. Há também uma preocupação evidenciada com o bem-estar do cidadão brasileiro, verificada através da repetição de temas como saúde, educação, transporte, emprego, habitação, esporte, que recobrem todo o percurso das entrevistas analisadas.

A ênfase em mostrar as obras desenvolvidas durante seu mandato, bem como os planos de governo, está sempre presente em seu discurso. O presidente deixa transparecer seu objetivo de construir uma imagem de político sério, comprometido e competente sempre que reafirma as questões relativas ao crescimento do país e os benefícios dos projetos desenvolvidos por ele e sua equipe. Percebe-se também, em seu discurso, uma constante

reafirmação de seu compromisso com o cidadão brasileiro, inclusive no tom didático e na maneira simples e esclarecedora de tratar os temas e responder as perguntas durante as entrevistas.

Após as análises das entrevistas e da verificação de semelhanças presentes no discurso e na imagem construída do ator Lula nos dois períodos em foco, é possível averiguar o *éthos* do presidente no programa “Café com o Presidente” e compará-lo com a construção do ator Lula nas propagandas eleitorais do ano de 2006, assunto tratado na seção seguinte.

5 O ÉTHOS DO PRESIDENTE LULA NAS ENTREVISTAS E A CONSTRUÇÃO DO ATOR LULA NAS PROPAGANDAS ELEITORAIS

Uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente – dá susto de se saber – e nenhum sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva e negócios bons...

Guimarães Rosa

Com base nas entrevistas do programa radiofônico ‘Café com o presidente’ do ano de 2006 e 2007, é possível desvendar o *éthos* do presidente Lula expresso por meio de seu discurso e compará-lo com a sua imagem construída nas propagandas eleitorais do ano de 2006, objeto de estudo da nossa dissertação de mestrado (LUDOVICE, 2008). Essa comparação é possível, pois o *éthos* é a imagem construída pelo ator da enunciação no discurso.

Nas propagandas analisadas na dissertação de mestrado (dos dias 09/09/06, 21/09/06, 28/09/06, 14/10/06, 20/10/06 e 27/10/06) observa-se uma semelhança em sua construção. Mesmo afirmando que não pretende falar do que já foi feito, mas, sim, das propostas que tem para o futuro, o ator Lula sempre torna evidentes todos os projetos que conseguiu desenvolver durante seu primeiro mandato. Em seu governo, segundo o conteúdo das propagandas, houve a geração de empregos, a criação do Bolsa-Família, o Pro-Uni, projetos estes voltados para os mais pobres, que, ainda segundo a divulgação, antes não tinham acesso às universidades, não conseguiam emprego. Esses projetos desenvolvidos por Lula durante seu primeiro mandato, indiscutivelmente, foram feitos para os pobres, para a classe que no patamar da hierarquia social, ocupa a posição inferior, pois as classes média e alta têm outras necessidades e os projetos de Lula raramente citam.

É muito comum nas propagandas ocorrer uma debreagem enunciativa da enunciação, por meio da qual Lula inicia seu discurso dirigindo-se ao enunciatário “minhas amigas e meus amigos”, introduzindo, dessa forma, um “tu” no enunciado, com o qual estabelece um contrato fiduciário. Ao falar de seus planos futuros e do que já fez para seus amigos, cria um efeito de sentido de verdade, ou seja, de que realmente conhece essas

pessoas, pois tudo que até então realizou foi para elas, e o que pretende fazer também está focado nelas. Além disso, sempre lembra que veio do povo, que é povo.

O candidato tenta estabelecer uma relação de confiança e proximidade com o enunciário de sua campanha, tenta provar que pode fazer muito mais por meio da exposição de benfeitorias que já promoveu e que representam muito para a população mais carente do Brasil. Lembrando o que já fez, Lula consegue também confirmar e reforçar seu contrato fiduciário com os eleitores, pois assim, comprova que está consciente das necessidades reais da população carente. Dessa forma, tenta convencer o eleitor de que não apenas sabe quais são as necessidades da população, mas sabe também resolver esses problemas e já resolveu muitos deles.

Esse contrato de confiança, que é implícito, é feito com o enunciário também implícito, manifestado pelas figuras “meus amigos e minhas amigas”, mas muito bem construído no discurso de Lula. O presidente se refere, certamente, aos eleitores que foram beneficiados pelo seu primeiro governo, que tiveram acesso ao Pro-Uni ou que esperam tê-lo, às pessoas que estavam desempregadas há anos e conseguiram um emprego, aos que abriram uma pequena empresa, enfim, aos brasileiros que nunca tiveram muitas oportunidades de estudar, de comprar, de frequentar certos lugares; que estavam à margem da sociedade e foi ele quem criou a possibilidade de dar esperança e, principalmente, um futuro melhor para essa parte da população.

A campanha de Lula mostra muitos dados concretos, citados por meio de pesquisas conhecidas e comprova com números as melhorias que fez. Primeiro cita dados anteriores ao seu governo e depois cita os números que subiram após e durante seu mandato para provar que conseguiu melhorar a situação do povo. Sobre o emprego, os dados mostram que o desemprego diminuiu e a oferta aumentou; houve uma diminuição nos impostos, uma redução na taxa de juros e um grande apoio para as pequenas empresas.

Com relação à infraestrutura, em seu governo foram construídas novas usinas e hidrelétricas, aumentaram os recursos para a agricultura e os pequenos produtores, surgiu a facilidade para a construção da casa própria, com taxas reduzidas de juros, financiamento de materiais de construção e muitos benefícios que antes eram impossíveis para os mais pobres.

Em seu governo, de acordo com as propagandas, Lula afirma que destinou mais recursos para a educação, construiu novas escolas técnicas e criou o Pro-Uni que beneficiou milhões de jovens que nunca pensaram em ter acesso à universidade.

O consumo também aumentou muito em seu primeiro mandato, os trabalhadores passaram a poder comprar TVs, celulares, computadores, entre outros, o que nunca aconteceu antes para os mais carentes.

Enfim, a campanha publicitária de Lula foi construída para o povo humilde e sacrificado que acreditava em um novo Brasil, que esperava um país sem desigualdade social, com mais empregos e mais educação. E o presidente que pode fazer tudo isso, de acordo com a campanha, é Lula, pois “Só quem já fez tanto, pode fazer muito mais”. E principalmente se contar com o apoio popular “É Lula de novo com a força do povo”.

Percebe-se que passo a passo o ator Lula vai se construindo como sujeito cognitivo (sabe realmente das reais necessidades do povo e do país como um todo), e sujeito pragmático (têm competência para fazer e faz).

A última propaganda de cada turno tem as mesmas características, todas são revestidas de figuras: o sol raiando, mãos dadas, crianças, jovens e idosos sorridentes, braços abertos e erguidos, a natureza, plantações, enfim, figuras que remetem aos temas: gratidão, confiança, respeito, união, realizações, futuro próspero, justiça, igualdade e esperança.

A representação desses temas se dá a partir das figuras de atores de várias regiões, raças, cores e idades se dando as mãos, com sorriso no rosto e ao fundo aparecem imagens representando os mais diversos pontos do Brasil. Essas pessoas de mãos dadas parecem se dar as mãos em torno do Brasil, cercando-o para mostrar que todo o país está unido, para, no dia marcado, comparecer aos locais de votação e, juntos com um mesmo ideal, reeleger o presidente, pois ele representa todos os temas depreendidos dos textos analisados.

No início de cada propaganda eleitoral, Lula aparece representando várias camadas da população e também várias profissões. O presidente aparece, inclusive, vestido de operário, fazendo avivar na memória do eleitor a história do seu passado que se mistura ao presente e dá a impressão de que ele é mesmo um homem do povo e está na presidência “com a força do povo”. Lula aparecia rapidamente com crianças, homens, mulheres, idosos, trabalhadores; abraçando o povo, sendo abraçado e carregado pelo povo, enfim, fazendo parte do povo. A publicidade do candidato trouxe também vários atores que apoiam publicamente a sua reeleição, os quais são figurativizados por operários, professores, médicos, empresários, trabalhadores rurais, pessoas de várias raças e de diversas regiões. Esse processo é explicado por Greimas e Courtés (1979, p. 187), como “íconização, que visa a revestir exaustivamente as figuras, de forma a produzir a ilusão referencial que as transformaria em imagens do mundo”.

Percebe-se, então, que a publicidade é construída estabelecendo uma relação de semelhança com o mundo natural que o sujeito da enunciação quer transmitir aos eleitores. As imagens são como símbolos de representação da “realidade” do mundo exterior, “realidade” esta que o publicitário quer consolidar no imaginário das pessoas e tornar sempre presente, transmitindo a idéia de que essa felicidade estampada pode ser real e eterna, ou, pelo menos, durar enquanto Lula continuar sendo presidente.

Nas propagandas analisadas, o ator Lula é construído a fim de gerar o efeito de sentido de presidente atuante e comprometido e de candidato preparado e atualizado em relação aos problemas do país. O ator Lula se mostra em conjunção com objetos-valor como competência, seriedade, comprometimento e responsabilidade. Esses objetos são responsáveis por estabelecer um contrato de veridicção e convencer o enunciatário que se sente beneficiado pelos projetos do candidato a votar nele, garantindo assim a possibilidade de continuar sendo beneficiado pelo governo. Como na exposição das propostas há uma insistência em deixar claro que elas beneficiaram e vão continuar beneficiando a população mais necessitada do país, encontra-se aí o primeiro indício de que a propaganda eleitoral de Lula tem como foco os mais humildes.

O ator Lula candidato é figurativizado por esse homem em busca de um futuro incerto, mas preenchido na sua totalidade por um desejo enorme e de uma força incansável pelo poder; poder para governar a nação brasileira, poder para governar o país que enfrenta dificuldades, poder para mostrar aos adversários que é capaz de convencer e persuadir os eleitores e de mostrar sua força, poder para vencer as eleições e continuar por mais quatro anos como presidente do Brasil.

E, por sua vez, o povo, objeto-valor necessário para que Lula detenha o poder, também precisa manter uma relação favorável e amigável com o candidato, já que ele depende do voto da maioria da população para conseguir seu objeto-valor que é a reeleição. Ele sabe que não consegue exercer o poder sozinho, depende do apoio popular para que isto aconteça. Então, ele se reveste de figuras que o aproximam da população. Em certos momentos até se mistura com seus eleitores, coloca-se no mesmo patamar que eles, torna-se um ator coletivo. Essa estratégia faz com que ele consiga exercer um poder de fascínio sobre o povo, mesmo enquanto candidato e esse poder prévio é que o dota das competências necessárias para tentar conquistar seu objeto-valor que é o poder.

O ator Lula candidato se vale de estratégias publicitárias para manipular seus eleitores, pois esses eleitores de que os enunciatários de sua campanha são simulacros, são os

responsáveis por ajudá-lo a entrar em conjunção com seu objeto-valor, o poder. Esse objeto-valor se manifesta, para Lula, no cargo de presidente da República do Brasil.

Ainda por trás dessa busca pelo poder há um desejo incessante de posse e de dominação. O ator Lula, mesmo que tente mostrar o contrário, possui tensões da ordem do ‘querer’. Ele deseja possuir o cargo de presidente, todas as atribuições que esse cargo lhe possibilita e todas as possibilidades que dele pode usufruir. Como presidente do Brasil, ele se torna um homem público respeitado por todos, ou melhor, que deve ser respeitado por todos. Com o cargo a que aspira, passa a ser reconhecido não por ele mesmo, mas pela sua função, pelo lugar que ocupa na sociedade. E como presidente, seu lugar na sociedade é privilegiado, é detentor de poder e respeito pré-adquiridos, pois, pelo simples fato de ser presidente da república, um homem já é respeitado porque representa um país e porque passou pelo crivo da população.

O discurso do presidente Lula, expresso por meio das respostas nas entrevistas do programa “Café com o Presidente”, é permeado por figuras que remetem a temas, retomando, assim, um efeito de sentido que torna sensível o mundo natural e que auxiliam na construção do *éthos* do ator Lula no programa em tese. A figuratividade evidencia, de alguma forma, a representação e a semelhança com o mundo natural na superfície textual e mostra-se com muitos traços de semelhança em relação às figuras exploradas na publicidade citada anteriormente. Essas figuras, para terem valor e sentido são assumidas por um tema e como elas permitem uma interpretação mais abstrata, é necessário fazer um percurso figurativo para chegar-se, então, à construção temática.

No programa analisado, conforme já foi observado, é possível perceber que Lula reveste seu discurso de figuras, que são sempre retomadas, repetidas e que levam a temas determinados. Essas figuras não constituem ornamentos do discurso, mas são o próprio discurso. Assim, chega-se à construção da isotopia figurativa, pois há uma sustentação do discurso por meio das categorias sêmicas; e uma isotopia temática, que fica em um nível mais profundo, uniformizando a leitura e a construção de sentido do texto e da imagem construída do ator Lula no programa.

Percebe-se, através da análise das entrevistas, que o presidente utiliza figuras como “universidade”, “faculdade”, “convênio” para tratar do tema educação e gerar o efeito de sentido de esperança, de progresso: “vamos fazer um programa com a esperança renovada e com muita coisa afirmativa para o povo brasileiro” (“Café com o Presidente”, 02 de janeiro de 2006). No decorrer da resposta, introduz as figuras citadas acima para tratar do tema proposto: “A segunda, é que nós estamos transformando cinco faculdades existentes em

universidades federais, e estamos criando quatro universidades novas” (“Café com o Presidente”, 02 de janeiro de 2006).

O próprio apresentador ajuda o presidente na introdução do assunto a ser tratado, utilizando também as figuras “convênios” e “centros universitários” para introduzir os temas educação e esperança: “Falando em esperança, Presidente, nós temos aí a questão da educação. Na semana passada, o senhor assinou vários convênios para levar centros universitários para o interior do país. Como o governo está tratando esta questão do ensino superior, do ensino universitário?” (“Café com o Presidente”, 02 de janeiro de 2006).

Outra figura que também remete ao tema da educação e gera o efeito de sentido de progresso e esperança é o “jovem”: “Agora, nós estamos resolvendo esse problema porque nós queremos mais jovens na universidade brasileira” (“Café com o Presidente”, 02 de janeiro de 2006). As figuras “crianças” e “creches” também estão presentes no discurso e remetem ao tema da educação, construindo um sentido de que o governo se preocupa com o futuro do país e para isso cuida da educação de crianças e jovens. O tema da educação também retoma as figuras “crianças” e “professores”, remetendo ao efeito de sentido de que o governo está preocupado com a melhoria da educação no país: “Vai ter que contratar e melhorar a vida dos professores brasileiros e isso vai ser um passo gigantesco para o futuro do nosso país” (“Café com o Presidente”, 09 de janeiro de 2006).

As figuras “trabalhadores” e “empresários” também estão presentes ao tratar dos temas que remetem ao crescimento e progresso empresarial e industrial: “Agora é a gente colher aquilo que foi plantado e eu estou convencido de que o governo, os trabalhadores e os empresários, juntos, nós iremos, definitivamente, consolidar o Brasil enquanto um país de economia sólida, estável e forte” (“Café com o Presidente”, 16 de janeiro de 2006).

Assim como as figuras “obras”, “ponte” e “estradas” são recorrentes no discurso do presidente para tratar dos temas referidos:

E é uma obra que vai ser importante, na medida em que está sendo construída a Interoceânica, uma estrada que vai ligar o Norte do Brasil ao Oceano Pacífico.[...] Portanto, eu vou inaugurar essa ponte como um passo muito importante na integração da América do Sul (“Café com o Presidente”, 16 de janeiro de 2006).

As figuras “povo” e “governantes sérios” podem ser encontradas sempre que o tema é o progresso do país, o comprometimento do governo e o avanço dos países subdesenvolvidos: “Para isso, é preciso ter governantes sérios, comprometidos com a maioria do povo” (“Café com o Presidente”, 23 de janeiro de 2006).

Quanto ao tema “reforma agrária”, o presidente se mostra também otimista e assume um tom bastante positivo e as figuras “crianças”, “mães”, “pais” se manifestam em seu discurso, conforme se verifica a seguir:

A alegria das pessoas estampada no rosto, das crianças, das mães, dos pais era uma coisa fantástica e, portanto, eu voltei do Acre muito feliz, muito feliz porque esse projeto é a confirmação, é a certeza de que a reforma agrária pode ser feita de forma muito mais civilizada, muito mais moderna do que historicamente o Brasil conhece (“Café com o Presidente”, 23 de janeiro de 2006).

O programa do dia 30 de janeiro de 2006 expõe temas relacionados à economia brasileira e seu progresso, abordando assuntos como o aumento do salário mínimo, controle da inflação. Nessas abordagens, as figuras que revestem o discurso do presidente remetem simultaneamente a um enunciatório específico, aquele menos favorecido economicamente, e à possibilidade de melhoria de vida desse seu virtual eleitor. No primeiro, as figuras se encadeiam num percurso figurativo de ‘trabalhador brasileiro’, ‘dona de casa’; e no segundo num percurso figurativo de ‘aumento de salário’, ‘mais dinheiro no bolso’, ‘mais poder de compra’, conforme comprova o trecho: “Quando a gente dá um pouco de aumento no salário e mantém a inflação controlada, isso significa mais dinheiro para a dona-de-casa, mais dinheiro no bolso do trabalhador, mais poder de compra e, portanto, melhora de vida para todo o povo brasileiro.” Importante ressaltar que, embora sua atenção seja normalmente dirigida à classe popular, aqui ele se refere ao povo brasileiro, gerando um efeito de sentido de que seu olhar se volta para o Brasil inteiro. Tal fato é perceptível nas figuras por ele utilizadas, que dão concretude à temática do comprometimento político amplo e irrestrito com o país.

No dia 20 de fevereiro de 2006, o programa retoma os assuntos referentes à educação e para isso o entrevistador utiliza novamente as figuras: “obras” e “universidades”, referindo-se ao tema “educação superior”: “Presidente, esta semana o senhor viaja a seis diferentes estados para visitar obras de novas universidades federais e locais também, onde estão sendo abertos cursos, as chamadas extensões universitárias.”

No dia 06 de março de 2006 o entrevistador inicia o programa introduzindo o assunto do Fundo Nacional de Habitação Social, figurativizando o tema da habitação com a expressão “casa própria”: “Presidente, o grande sonho dos brasileiros continua sendo a casa própria. O senhor anunciou para este ano uma série de medidas na área habitacional.” Na sua fala, o presidente utiliza figuras como “passarinho”, “ninho” para tratar do tema com certa

subjetividade e solidariedade para com o sonho do brasileiro: “Todo brasileiro sonha em ter uma casa própria porque a casa própria é, mais ou menos, como se fosse um passarinho quando constrói o seu ninho. Ele quer tranquilidade para criar os seus filhos até eles aprenderem a voar.” As figuras que o ator Lula utiliza em seus discursos têm uma simbologia implícita que também auxiliam na construção de sentidos e na imagem que pretende construir, para Chevalier (1993, p. 687),

o pássaro se opõe à serpente, como símbolo do mundo celeste ao do mundo terrestre. [...] Quanto ao ninho dos pássaros, esse refúgio quase inacessível, escondido na parte mais elevada das árvores, é considerado como uma representação do paraíso, morada suprema aonde a alma só chegará se, livrando-se dos pesos humanos, conseguir voar até lá.

“Povo”, “cidadão”, “amigo” também são figuras que permeiam o discurso do presidente para tratar do tema acima referido:

São construídas pelo povo, são construídas pelo cidadão comum que junta a sua família, que junta os seus parentes, os seus amigos no final de semana, levanta um alicerce, faz um quarto, faz uma sala, faz um banheiro, depois faz uma cozinha, entra dentro da casa e vai acabando a casa (“Café com o Presidente”, 06 de março de 2006).

A economia brasileira é o tema do programa de 03 de abril de 2006, e o entrevistador inicia sua pergunta com a figura “salário mínimo” que reaviva no imaginário popular os problemas econômicos do país: “Presidente, o salário mínimo passou de 300 reais para 350,00, desde sábado.” Lula retoma em seu discurso figuras como “cimento”, “cesta básica”, “saco de feijão”, “arroz” para evidenciar o tema exposto e gerar o efeito de sentido que o país está progredindo, que o brasileiro está conseguindo viver melhor, comprar mais, se alimentar bem e construir ou reformar sua casa:

Vamos pegar o exemplo do saco de feijão. Em 2003, com o mínimo, se comprava 63 quilos de feijão e, hoje, daria para comprar 133 quilos. Se a gente pegar o arroz, em 2003 dava para comprar 131 quilos de arroz e hoje poderia se comprar 257 quilos. Se a gente pegar o cimento, por exemplo, com o mínimo de 2003 daria para comprar 11 sacos de cimento e, hoje, daria para comprar 21 sacos de cimento.

O “gás” e o “petróleo” são figuras muito presentes na entrevista do dia 08 de maio, que trata das relações econômicas entre Brasil e Bolívia envolvendo a questão do gás boliviano: “Como é que fica o Brasil com a decisão da Bolívia, de nacionalizar as reservas de

gás e petróleo? Vai faltar gás no Brasil, por exemplo?”. Para esclarecer a questão para seus ouvintes, o presidente exemplifica seu discurso figurativizando a questão: “Qualquer brasileiro entende isso, ou seja, quando você vai vender um carro, você pede um preço e o comprador lhe oferece outro. Você começa a barganhar e, aí, você encontra um número.”

O programa do dia 05 de junho de 2006 faz abordagem sobre a revitalização das ferrovias brasileiras e as respostas do presidente trazem as expressões “ferrovias”, “obras”, “cargas”, “trens” para figurativizar o seu discurso: “Nós estamos pensando em resolver definitivamente a questão do Ferroanel, em São Paulo, porque queremos que os trens que venham da região central do Brasil, com cargas, não ocupem os trilhos dos trens que transportam passageiros.” De acordo com Chevalier, a simbologia também está presente nessas figuras e remetem a um efeito de sentido (1993, p. 896),

estrada de ferro evoca espontaneamente a imagem de um intenso tráfego de trens rápidos, expressos ou ônibus, de filas de carros de passageiros ou vagões de carga. A rede ferroviária garante o transporte de viajantes e mercadoria, estabelece a ligação entre todas as regiões de uma nação, até de muitos continentes, e permite todas as comunicações e intercâmbios.

O programa do dia 19 de junho trata de outro assunto que retoma o tema do progresso brasileiro e das ações concretizadas no governo de Lula em prol desse progresso: a chegada da luz elétrica a regiões desprivilegiadas do país. As figuras que recobrem esse tema são: “luz”, “trevas”, “rádio”, “televisão”, como exemplifica o trecho a seguir:

Eu acho que é o Programa mais humano que nós temos porque é um programa que consegue tirar uma pessoa que vive nas trevas e colocar luz na casa da pessoa. Uma pessoa que vive com um candeeiro, de repente recebe luz elétrica e ali ela pode ter uma geladeira, pode ter um rádio, pode ter uma televisão, pode ter uma casa de farinha, pode ter uma melhoria substancial na qualidade de vida dela.

Essas figuras geram o efeito de sentido de que antes de Lula assumir a presidência, o país vivia na escuridão, sem esperanças, sem acesso a um conforto trivial e básico, ou seja, foi ele quem trouxe a claridade, a esperança, a qualidade de vida. E o presidente aproveita o tema para contar um trecho de sua vida na infância, sofrida e sem recursos, identificando-se com o povo brasileiro que passa pelas mesmas dificuldades. A figura “candeeiro” recobre o seu discurso e ajuda nessa construção de sentido: “Eu, até os sete anos de idade, vivia à base do candeeiro. Portanto, eu tenho noção do que significa uma pessoa viver à base do candeeiro.” O uso dessas figuras reaviva a simbologia e acentua a

produção de sentido no discurso, pois nas palavras de Chevalier (1993, p. 567), “[...] a luz é relacionada com a obscuridade para simbolizar os valores complementares ou alternantes de uma evolução. [...] A luz sucede às trevas. A luz simboliza a vida, a salvação, a felicidade. As trevas são símbolo do mal, da infelicidade, do castigo, da perdição e da morte.”

O programa do dia 29 de janeiro de 2007 é o primeiro, depois da reeleição do presidente Lula, e logo na primeira pergunta o entrevistador introduz a figura “saudade” para que o presidente dê continuidade ao assunto na sua resposta: “Presidente, ficamos com o Programa interrompido desde junho. O senhor estava com saudade de conversar com a população, pelo rádio?”. O presidente aproveita para, na resposta, reiterar a importância do programa voltar ao ar e continuar informando grande parcela da população brasileira: “Eu acho importante esse Programa voltar ao ar toda segunda-feira, para que a gente possa voltar a contar as novidades para o povo brasileiro. Afinal de contas, eu penso que uma grande parcela da população brasileira ainda tem as suas informações via rádio.” Na continuidade, o tema passa a ser o progresso e desenvolvimento do país, introduzido pelo jornalista com a apresentação do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) que afirma ser uma promessa do presidente desde o final do ano anterior. Lula, em sua fala, recobre esse tema com as figuras “obras”, “habitação”, “saneamento básico” e ressalta o valor financeiro investido neste programa, que ele considera de grande importância para o país:

No PAC o que é importante? É que nós definimos investir quase 504 bilhões de reais, nós decidimos investir em habitação e saneamento básico o que nunca foi investido neste País. E, ao mesmo tempo, nós queremos mostrar seriedade porque nós criamos um conselho gestor que vai dirigir esse programa de investimento, para que não se perca na demanda diária da política brasileira.

No programa do dia 12 de fevereiro de 2007, o assunto volta a ser a questão do biocombustível e retoma o tema da importância dessa iniciativa para o desenvolvimento e crescimento do país. As figuras que recobrem esse tema são “biodiesel”, “álcool”, “petróleo”: “O biodiesel, assim como o álcool, são substitutos viáveis do petróleo e isso interessa a todos os países.” O presidente utiliza as figuras “gases” e “planeta Terra” para mostrar a importância desse projeto e como ele tem condições de ajudar a despoluir o planeta:

[...] como nós estamos numa frente de trabalho muito forte, do governo e dos empresários, na tentativa de convencer o mundo desenvolvido a colocar álcool na gasolina para diminuir a emissão de gases que tanto poluem o planeta Terra e tanto preocupam os países do mundo e os ambientalistas.

Na continuidade do tema e tentativa de convencer que seu plano de governo está interessado em preservar as reservas naturais do país, emprega figuras como “matas”, “vida”, “povo”, “floresta” para consolidar seu discurso:

O que nós queremos é, além de preservar as nossas matas, que é obrigação nossa para melhorar a garantia de vida do nosso povo, explorar a floresta da forma mais civilizada possível, com o manejo correto da floresta e, ao mesmo tempo, fazer uma forte cobrança para que os países ricos diminuam a emissão de gás carbônico (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 12 de fevereiro de 2006).

O programa do dia 26 de fevereiro de 2007 traz como tema a concretização de alguns projetos de desenvolvimento para o país e o presidente figurativiza seu discurso com expressões como: “habitação”, “favelas”, “energia”, “estrada”, “ferrovia”, “água” para solidificar seu discurso e comprovar sua resposta: “[...]na área de saneamento básico, de habitação, e na área de urbanização de favelas. Nós já fizemos praticamente tudo a respeito dos projetos de energia, dos projetos de estrada, de ferrovia, a revitalização do rio São Francisco para levar água a alguns estados brasileiros”. Na última resposta desta entrevista utiliza a expressão “máquina”, para figurativizar o discurso ao se referir ao seu governo. Essa figura gera o efeito de sentido de que, mesmo que o primeiro mandato não tenha sido tão eficiente, no segundo, os erros estão sendo corrigidos e há uma tentativa de acertar: “O que é importante para nós, nesse momento, é o povo brasileiro ter a certeza de que nós estamos preparando a máquina para funcionar melhor do que funcionou no primeiro mandato, para as coisas serem mais ágeis e para a gente poder ter maior rendimento.”

O tema abordado no dia 09 de abril de 2007 é o renascimento da indústria naval brasileira, da qual o presidente se orgulha e equipara com uma das melhores do mundo. O seu discurso, nessa abordagem, traz muitas figuras como “navio”, “plataforma”, “emprego”, “brasileiro”, conforme se constata no trecho a seguir:

Nós tomamos a decisão de que não era justo e não era possível que um país da dimensão do Brasil, com a engenharia naval que tinha o Brasil, com a estrutura de construção de navios e plataformas que tinha o Brasil, ficar importando essas plataformas, esses navios de países estrangeiros. Nada contra países estrangeiros, mas é bem melhor a gente investir o dinheiro dentro do Brasil, gerar emprego para os brasileiros.

O presidente faz questão de evidenciar seu orgulho pelo Brasil e ressalta figuras como “emprego”, “renda”, “brasileiro”: “É isso que dá grandeza a um país, é isso que gera emprego, é isso que distribui renda, é isso que melhora a nossa economia e, no fundo, é

isso que dá orgulho de a gente ser brasileiro.”

O teor da entrevista de 23 de abril de 2007 é a composição do governo também por membros da oposição partidária. Como o assunto é delicado, o presidente responde às perguntas com muita cautela e sempre demonstrando preocupação com o país que governa, tanto que, em uma de suas respostas utiliza a figura “filho” para se referir ao Brasil, procurando evidenciar, dessa forma, um aspecto também sentimental e afetivo no seu modo de governar: “Eu tenho que pensar em cuidar deste País como se estivesse cuidando do meu filho, ou seja, eu tenho que cuidar porque o Brasil precisa ser cuidado com muito carinho.” Esse tom cuidadoso é utilizado também pelo entrevistador com o uso de figuras como “diálogo” e “luta” ao tratar do tema: “Mas, mesmo com o diálogo, não significa que a luta política tenha acabado.” Na resposta, o presidente faz questão de, novamente, registrar sua preocupação com o país e retoma a figura “luta” para compor o seu discurso: “Não, a luta política não vai acabar nunca. O que é importante é que a gente consiga fazer uma separação: o que é a luta política e o que é a necessidade do País.”

O programa do dia 30 de abril de 2007 antecede o feriado do Dia do Trabalhador que, logicamente, vem a ser o foco das discussões. Para tratar desse assunto, o discurso do presidente é figurativizado por expressões como “salário” e “trabalhadores” que remetem ao avanço e progresso do país em seu mandato de governo, como se percebe no trecho a seguir: “Um balanço altamente positivo, Luiz. É importante lembrar que, nos acordos salariais feitos pelos sindicatos neste ano e no ano de 2006, 86% dos trabalhadores ganharam aumento real de salário.” As figuras “dinheiro”, “gente”, “lojas”, “fábricas” e “empregos” também estão presentes no discurso do presidente para comprovar as ações de seu governo: “É dinheiro que está circulando, gente que está consumindo. Quando há consumo, as lojas encomendam mais na fábrica, as fábricas produzem mais, geram mais empregos. Eu acho que todo mundo ganha com isso.” Assim como as figuras “renda”, “vida”, “pessoas” e “pobres”: “[...] porque significa distribuir renda, significa melhorar a vida das pessoas mais pobres deste País.” Pelas palavras de Lula, traça-se um percurso figurativo em que se percebe o propósito de conduzir o enunciário à constatação de que sua possível melhoria de vida está fortemente vinculada aos atos do então presidente da República. Importante salientar o forte vínculo que ainda o une às questões sindicalistas, das quais participou ativamente em épocas anteriores, fato perceptível na referência aos benefícios salariais advindos das negociações com os sindicatos.

O tema introduzido pelo entrevistador no dia 21 de maio de 2007 é o otimismo em relação à economia brasileira, o que pode ser comprovado no trecho a seguir: “Presidente,

há um clima crescente de otimismo em relação à economia brasileira, dentro e fora do País.” O presidente aproveita o otimismo introduzido pela pergunta e reveste seu discurso com figuras como “luz do dia”, “trabalhadores”, “empregos” que geram o efeito de sentido de crescimento e desenvolvimento do país em seu governo:

Estamos garantindo que haja uma regulação, permitindo um jogo muito à luz do dia para os investidores e isso tem como resultado um grande superávit da balança comercial, tem como resultado a redução da taxa de juros, tem como resultado o crescimento do crédito, o crescimento do emprego.

Na sequência do programa, o assunto continua e o presidente passa a utilizar figuras como “salário mínimo”, “Bolsa família”, “Luz para Todos”, “ProUni” e “juventude” para comprovar as suas ações:

O crescimento do salário mínimo nesses últimos três anos foi uma coisa muito significativa, quase 33% de aumento real no salário mínimo. O programa Bolsa Família, apenas para dar um exemplo, o programa Luz para Todos, o ProUni, os programas para a juventude brasileira são programas que demonstram que só podem ser feitos na medida em que a economia brasileira está crescendo.

No dia 11 de junho, o assunto do programa é sobre as obras de interligação do Rio São Francisco, que remete ao tema de desenvolvimento do Brasil no governo de Lula, tratado pelo presidente com muito orgulho e muita importância, e seu discurso é revestido por figuras como “esgoto”, “desmatamento”, “carvão”, “cerrado”, “matas”, “obras”, referentes ao projeto desenvolvido na região:

[...] cidades que até então não tinham tratamento de esgoto, cidades nas quais o desmatamento quase secular para fazer carvão com o cerrado tinha desmatado todas as matas ciliares estão sendo recuperadas, neste momento, pelo governo. Já há um grande investimento do governo e, finalmente, o ministro Geddel Vieira deu a ordem de serviço para as obras.

Neste assunto, o presidente também consegue enfatizar a preocupação do governo com o meio ambiente e utiliza figuras como “esperança”, “vida”, “água” para dar continuidade a essa temática: “Eu estou falando a palavra “dinamizar”, porque não existe nada mais importante na vida de um ser humano do que ele ter esperança de que vai viver melhor, porque a água é um bem sem o qual o homem não consegue sobreviver.”

No dia 25 de junho de 2007, o assunto gira em torno dos problemas nos aeroportos brasileiros. O presidente utiliza em seu discurso figuras como “chover” e “nevoeiro” para tentar justificar com acontecimentos da natureza os problemas enfrentados nesse setor: “Olha, nós nunca vamos acabar com atraso de avião, porque no mundo inteiro tem, pode chover muito, pode ter muito nevoeiro, pode ter atraso nas conexões.” “Greve” também foi uma figura muito utilizada pelo presidente ao tratar desse assunto:

Uma coisa é você fazer uma greve para prejudicar o sistema de produção de uma empresa porque você quer ganhar mais aumento de salário, isso é universal; outra coisa é você fazer greve, mesmo sendo um direito, não tendo em conta que a vítima é um ser humano.

Nas entrevistas analisadas há uma lista, uma seleção de figuras para cada tema, ou seja, nota-se uma temática política com uma cobertura figurativa diferente, específica, que identifica o presidente como um político, que constrói o *éthos* do ator Lula. Nota-se também uma proximidade das figuras presentes na propaganda eleitoral e na entrevista.

O discurso do presidente, conforme análise anterior, é permeado por figuras que remetem a temas, mas que também podem ser interpretadas conforme uma simbologia que faz parte do imaginário cultural da sociedade e que são próprias do discurso político do ator Lula e da ideologia que seu partido pretende transparecer, e constroem um efeito de sentido que acentua o contrato de veridicção com o enunciatário. A expressão povo, por exemplo, tão repetida em suas falas “tem um caráter lunar, quer dizer, passivo, receptivo, frente à função do herói, o chefe, o guia” (CIRLOT, 2005, p. 473). Essa definição do *Dicionário de Símbolos* (2005) se encaixa perfeitamente na construção de sentidos do discurso do presidente, pois Lula sempre se coloca como um chefe responsável por guiar seu povo e cuidar do interesse desse povo, que, a partir do momento que elege um representante, fica passivo.

Criança e jovem também são duas figuras muito recorrentes no discurso do presidente e podem remeter à simbologia de que precisam ser conduzidos, cuidados. Ainda segundo Cirlot (2005, p. 302), “criança é o símbolo da inocência, da simplicidade natural, da pureza, da espontaneidade.” As figuras, geralmente, criam um efeito de sentido que reativa o simulacro da realidade e constroem no imaginário um cenário.

O ator Lula, em suas falas, sempre se orgulha das obras em andamento no seu governo, da construção de pontes e estradas para facilitar o acesso da população, para ajudar no crescimento do país, gerando o efeito de sentido de progresso e sucesso, e própria figura

“estrada” carrega consigo um sentido, pois “a estrada significa a via direta, a via reta. Está em oposição aos caminhos tortuosos” (CIRLOT, 2005, p. 403). A ponte também agrega em seu sentido uma simbologia, de acordo com Chevalier (1993, p. 729), “o simbolismo da ponte, como aquilo que permite passar de uma margem à outra, é um dos mais difundidos universalmente.”

O próprio nome do programa, “Café com o Presidente”, pode ser analisado como uma figura que ativa no imaginário cultural a imagem de tomar café, ou seja, conversar informalmente, trocar idéias e opiniões, enfim, dialogar de maneira informal. O ato de convidar alguém para um café, de servir para alguém um café remete à ideia de companheirismo, de cumplicidade, de proximidade.

Nas análises sobre a figuratividade, observa-se que os conceitos abstratos ativados forçam uma passagem do particular ao geral e apresentam-se como crônicos e obrigatórios no discurso do presidente Lula, pois ele retoma em várias entrevistas as mesmas figuras que, na maioria das vezes, recobrem os mesmos temas, como é o caso das questões da educação, do biodiesel, do salário mínimo. Esse recurso também ajuda na construção da imagem do presidente, ou seja, do *éthos* do presidente Lula, que se forma a partir dos seus discursos e no seu próprio discurso e que, embora seja típico de qualquer discurso político, reveste de forma particular o discurso político do ator Lula.

As figuras analisadas nas entrevistas têm uma correspondência com o mundo natural e levam a um contrato fiduciário de veridicção, visto que o enunciatário do programa que se identifica com o discurso do presidente reconhece em seu próprio mundo essas figuras recorrentes e acredita na possibilidade de obter os valores a que elas remetem através dos projetos de governo de Lula. A veridicção, então, comanda os jogos do parecer do sentido na figuratividade, pois as figuras causam a impressão de que são, ou podem ser, objetos de valor realmente oferecidos pelo presidente e que atendem aos desejos e anseios de um possível eleitor.

Como na linguagem a adesão se apoia sobre os valores figurativos da percepção, pode-se afirmar que o jogo do ser e parecer, ativado por meio desse discurso político, constitui uma estratégia de persuasão, pois existe, por parte do presidente, uma promessa de ser, ou seja, a veridicção, no seu discurso, esbarra em uma oposição entre o ser e o parecer, mas o objetivo é sempre que, além de parecer, ele seja também entendido como sendo verdadeiro pelo enunciatário do programa.

Na análise do *éthos* do presidente Lula, em seu programa de rádio “Café com o Presidente”, percebe-se o ator da enunciação sempre preocupado em esclarecer suas ações de

governo, explicar os projetos que estão em andamento e, semanalmente, colocar o enunciário, simulacro de seu ouvinte, a par de tudo que ele, como presidente, está fazendo pelo Brasil. Sua linguagem é sempre clara e muito acessível. Muitas vezes retoma a pergunta do jornalista para explicá-la melhor aos ouvintes, ou então, antes de responder ao que foi perguntado, explica outros fatos envolvidos para que o assunto central seja totalmente esclarecido. Nota-se que o jornalista segue um roteiro já preparado para que a fala do presidente aconteça. Essa didatização do discurso aproxima o ator Lula do povo e constrói seu enunciário.

O presidente, no programa “Café com o Presidente”, utiliza muitas expressões como: “eu acho”, “eu penso”, “eu acredito” que levam a crer na sua conduta como governante e o colocam como sujeito cognitivo, que sabe o que precisa e deve ser feito, agora diferentemente do momento eleitoral, ele tem voz, não é mais povo. Mas dessa forma também causa o efeito de sentido de aproximação com o povo, nivela-se aos seus ouvintes e coloca-se como alguém que compartilha problemas. Quando trata de assuntos que interessam particularmente a população de classe mais baixa, Lula relembra fatos de sua infância e de sua vida, antes de ser presidente, para mostrar que também passou por vários problemas e enfrentou muitas dificuldades que geralmente não atingem pessoas que chegam ao poder público. Com esses exemplos, relembra seu passado pobre e humilde e se iguala à sociedade em geral, construindo também o enunciário do programa.

Com essa postura, o presidente parece continuar com o foco em seu eleitor, na população que o apoia e que o elegeu, população esta representada pela classe baixa do país, pela classe que sempre se beneficia diretamente dos seus programas de governo, mas ao mesmo tempo, os assuntos tratados no programa são de interesse geral, independentemente de grau de instrução ou classe social. Isso se deve ao fato de que, por ser um programa de rádio, o alcance é nacional. É o próprio discurso de Lula que constrói seu enunciário, que parece se mostrar sutilmente mais abrangente no programa de rádio do que nas propagandas eleitorais.

Tal fato pode ser comprovado pela análise da publicidade eleitoral que demonstrou que as propostas de governo de Lula beneficiam claramente a parcela mais carente da população, visto que giram em torno do aumento do salário mínimo, do Bolsa Família, que beneficia famílias de baixa renda, do ProUni, que dá acesso à Universidade aos jovens carentes, de medidas que reduzem os juros e diminuem os preços de produtos básicos. Enfim, o governo de Lula beneficiou os mais humildes e as propostas também mostram que essas pessoas continuarão a ser beneficiadas.

No programa analisado, o *éthos* do presidente é marcadamente otimista e crente nas possibilidades de crescimento e progresso do país, mas um crescimento, de certa forma, geral, não necessariamente benéfico apenas para a parcela mais desprivilegiada da população. Nas respostas às entrevistas (conforme análises anteriores), Lula sempre tem uma explicação, uma justificativa, uma ideia inovadora que buscam levar o seu enunciário a crer que todos os problemas têm solução, que todas as dificuldades estão sendo sanadas e que ele trabalha incansavelmente em prol do país, ou seja, ele é na dimensão pragmática, o sujeito do fazer. Característica presente também nas propagandas, pois elas conduzem a um efeito de sentido de que Lula é o único candidato preparado para governar o país, de que adquiriu muita experiência com seu primeiro mandato, de que está realmente preocupado com os problemas enfrentados pelos brasileiros, de que é um candidato honesto porque teve um passado sofrido, porque passou pelos mesmos problemas que agora tenta resolver para o povo, pois foi operário, ganhou pouco, ficou desempregado, não teve condições de estudar, enfim, foi povo, foi pobre e por isso entende e resolve os problemas dos mais pobres. Essa imagem ativada e construída no imaginário popular conduz a uma identificação do ator Lula com seu interlocutor. Quando o ator Lula assume o papel temático de candidato ele se reveste de figuras que o aproximam do povo, já quando assume o papel temático de presidente, reveste-se de figuras que podem ajudar o povo, que podem fazer algo pela população.

O discurso do presidente, no programa de rádio, deixa marcas pessoais sempre que utiliza a debreagem enunciativa no singular, e faz questão de demarcar suas opiniões, pois quem o elegeu acredita e confia nelas. Em alguns momentos há também uma tentativa implícita de atingir outro tipo de enunciário, que pode ser seu possível eleitor ou apoiar um partidário nas eleições seguintes. A debreagem enunciativa no plural marca a sua equipe de governo, as ações que estão sendo desenvolvidas e que não dependem apenas do presidente, mas do grupo que ele escolheu para auxiliá-lo e no qual ele demonstra confiar plenamente, como na entrevista que teve o ministro da educação como convidado, mas o “nós” identifica também o Partido dos Trabalhadores e toda ideologia que ele carrega juntamente com a construção do sujeito Lula. O “eu” aproxima-se da emoção e da persuasão, já o “nós” aproxima-se da razão e do convencimento.

Pelo histórico de vida do presidente Lula, todos sabem (através da mídia, de seus relatos, de sua história contada e recontada nos meios de divulgação) de sua origem humilde, da falta de acesso à educação, das dificuldades financeiras que enfrentou. A partir da exposição desses dados no discurso, pode-se constatar que o principal alvo do seu discurso é preferencialmente o povo humilde, com problemas financeiros, com dificuldades para

entender as notícias que são veiculadas pela mídia nos telejornais e os pronunciamentos dos ministros em horário nobre. Por isso, conforme as análises apresentadas anteriormente, o Presidente usa um tom informal e quase didático para explicar de outra forma o que já foi ou está sendo incansavelmente veiculado pela mídia.

Assim, a partir do tom simplista e acessível das falas do presidente, é possível verificar e identificar não apenas o *éthos* do presidente, mas também o *pathos* de seu enunciatário.

Não se pode esquecer de que o gênero entrevista analisado expressa o discurso e não qualquer discurso, pois é um gênero que permite, por sua própria estrutura (é gravado e depois transmitido) que o entrevistado prepare suas respostas, selecione seus argumentos e direcione o assunto da maneira que achar mais conveniente.

Além disso, o programa em análise é elaborado e divulgado por um órgão vinculado ao Governo Federal, representado pela figura do presidente Lula, o que significa que o presidente e seus governantes têm total autonomia para escolher os assuntos a serem tratados e, principalmente, dar-lhes o direcionamento de uma maneira que seja útil, que traga um resultado positivo e assegure sua boa imagem de presidente e dê boa repercussão das suas ações de governo.

A autonomia do programa para escolher e conduzir os assuntos leva a crer que o maior objetivo dele é convencer o ouvinte, fazendo-o crer que Lula é um bom presidente, está bem inserido em suas ações de governo, tem plena certeza do que o país precisa, como tem que ser feito o que precisa ser feito e, além disso, mostra que está fazendo e comprova essas ações com dados, números e estatísticas, ou seja, é um sujeito que possui a competência necessária para resolver os problemas e ajudar os brasileiros.

O ator Lula estabelece um contrato fiduciário com seus ouvintes e ativa na memória deles alguns fatos de seu passado, que são de conhecimento de todos e estão sempre em repercussão na mídia, mas também afirma e reafirma os pontos positivos do programa de governo em geral.

É possível afirmar que o ator Lula tem o objetivo de “parecer” o que ele precisa “parecer” para os outros, ou melhor, ele quer “parecer” o que os ouvintes querem que ele “seja”, pois como afirma Landowski (2002, p. 33) “eu sou o que pareço para os outros”.

O ator Lula parece povo, mostra-se como povo e mistura-se ao povo para gerar o efeito de sentido de que realmente veio do povo, mas é o presidente, o homem público responsável pelo Brasil, e não mais possui as características do homem pobre e operário humilde do passado. Ele não é mais povo, foi povo, sabe dos problemas do povo, mas agora

está em outro papel temático, é presidente e possui as competências necessárias para mudar a condição de vida do povo. Seu *éthos* é de sujeito competente e experiente. Ele possui o saber e o poder fazer, ou seja, pode resolver os problemas do povo brasileiro, porque possui o poder necessário para isso; o *éthos* construído é de todo-poderoso, de salvador do povo brasileiro e do Brasil.

No entanto, o simulacro do eleitor brasileiro se identifica com um presidente que se mostra sempre preocupado e conhecedor dos problemas realmente enfrentados pelos mais pobres, ou seja, reativar no imaginário da população as figuras populares que antes revestiam seu papel temático (nas propagandas eleitorais) faz parte do contrato de veridicção e da construção de seu *éthos* atual. A classe social desprivilegiada do Brasil está preocupada com a aquisição de produtos básicos, com o acesso a melhores hospitais públicos, com remédios baratos, com a diminuição dos preços da cesta básica, com o acesso gratuito a universidades, com o aumento do salário mínimo. O simulacro construído pelo ator Lula demonstra oferecer tudo isso e se mostra preocupado com esse tipo de problema, assume o papel temático de presidente, ou melhor, de herói, de salvador que pode mudar a condição de vida do povo e resolver os problemas do país.

6 O PROGRAMA DE ENTREVISTAS “CAFÉ COM O PRESIDENTE”: UMA QUESTÃO DE GÊNERO?

Não pode haver um sentido único(um).Por isso não pode haver o primeiro nem o último sentido,ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos, a única que pode existir realmente em sua totalidade.Na vida histórica essa cadeia cresce infinitamente e por isso cada elo seu isolado se renova mais e mais, como que torna a nascer.

M. Bakhtin

O conceito de entrevista no dicionário Houaiss é bastante simples: “coleta de declarações de alguém, tomadas por jornalista para divulgação através dos meios de comunicação”, mas o gênero entrevista é bastante complexo e ainda mais quando associado ao discurso político, por isso as vozes que permeiam os diálogos são muitas e se entrelaçam em um emaranhado de perguntas e respostas explícitas e implícitas.

Sabe-se que há diversas formas de entrevista, dentre elas, a de emprego, a médica, a jornalística e tantas outras. Esse gênero possui uma finalidade primeira: a informação e uma unidade constitutiva básica de interação entre interlocutores, mais especificamente entre um entrevistado e um entrevistador. A finalidade primeira das entrevistas é dar a conhecer o posicionamento do entrevistado a respeito de determinados temas, mas sabe-se que os enunciados são carregados de juízos de valor, ou seja, nenhuma informação consegue ser totalmente objetiva e fiel aos fatos.

No aspecto composicional, ou seja, o modo de organizar o texto, de estruturá-lo, o componente responsável pelo acabamento da unidade de comunicação verbal do gênero entrevista, destaca-se o questionamento elaborado pelo entrevistador e a resposta direta ou não do entrevistado. Essa resposta pode ser linear ou circular, mais especificamente, o entrevistador pode perguntar e deixar a resposta acontecer livremente ou pode instigar, incitar, refutar, orientar, introduzir novos assuntos.

Outro elemento presente na caracterização do gênero é o estilo, no caso do gênero entrevista, é o que provoca a mobilidade do gênero já que é evidenciado pelo lugar, pelo tempo, pelo entrevistador, pelo entrevistado. É marcado pela intencionalidade

argumentativa e pela seleção dos meios linguísticos tanto do entrevistador quanto do entrevistado, e também marcado ou determinado pela forma como é apresentado (entrevista oral, escrita, televisiva, telefônica). O estilo faz o gênero se deslocar em função de uma imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva do enunciado.

Esses três elementos acima citados caracterizam o gênero e definem a sua forma, assim os enunciados (orais ou escritos) possuem propósitos comunicativos determinados e atuam com uma função sociocomunicativa em esferas da sociedade. Desse modo os gêneros representam e estruturam a forma como os sujeitos atuam e se comunicam na sociedade.

Cabe lembrar, também, que os gêneros discursivos não são fixos e podem se complementar e se modificar, de acordo com as necessidades e condições enunciativas. Como, para Bakhtin (2003), existe um vínculo muito estreito entre discurso e enunciado, é necessário analisar o discurso no contexto enunciativo da comunicação. Ou seja, é preciso que se analise o programa em questão na sua esfera real de comunicação. O programa de entrevistas “Café com o Presidente” assume a finalidade de forma comunicativa, tem a função de estabelecer diálogo com os possíveis eleitores que são seus ouvintes.

Ao tomar como base as três características básicas que Bakhtin (2003) propõe na composição de um gênero discursivo – conteúdo temático, construção composicional e estilo - percebe-se que o gênero analisado se constitui mesmo como um programa de entrevistas, como o próprio nome designa. Entretanto, as três características acima podem ser mais especificamente analisadas e de maneira dialógica, como a própria constituição da linguagem permite.

O conteúdo temático não se refere necessariamente ao assunto específico do texto, mas à sua finalidade discursiva. Assim, as entrevistas têm assuntos variados sobre as questões políticas, econômicas, sociais que o governo tenta solucionar, mas, ao mesmo tempo, trata essas questões com objetivos definidos. Os assuntos tratados não são escolhidos aleatoriamente, fazem parte de um contexto em repercussão na mídia e que trazem sempre soluções já instituídas ou em desenvolvimento pelo governo federal. A finalidade discursiva parece ser de mostrar aos ouvintes que o presidente se mantém incansável no objetivo de resolver os problemas enfrentados pela população brasileira.

É importante ressaltar, em relação ao conteúdo temático, que embora seja um programa de entrevistas, não é um programa apenas informativo, mas sim, argumentativo, pois o gênero em questão tem o objetivo de persuadir e convencer seu público. Caracteriza-se como um instrumento capaz de formar e conduzir uma opinião.

A construção composicional diz respeito ao modo de organizar o texto e de estruturá-lo, mas também é responsável pelo acabamento da unidade de comunicação verbal, o que possibilita ao interlocutor deduzir uma totalidade da estrutura do gênero, ou seja, o tipo de relação dos participantes da comunicação verbal (o presidente, sua equipe de governo, o ouvinte do programa, seus possíveis eleitores).

O estilo compõe-se por uma seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, ou seja, faz uma seleção de meios linguísticos em função da imagem que o interlocutor pretende passar e de como presume a compreensão responsiva ativa de seu enunciado. O programa “Café com o Presidente” assume a estrutura básica de entrevista (entrevistador, entrevistado, seleção do assunto) com um estilo que constrói um eu (presidente Lula) no próprio texto inteiro.

Com relação ao conteúdo temático das entrevistas, observa-se que o programa concentra-se em questões que são de preocupação da classe mais baixa do país e tomam como referência assuntos que resolvem essas questões, ou pelo menos, que demonstram preocupação do governo:

Olha, a prioridade para o Brasil, sobretudo para as crianças brasileiras, é a aprovação do Fundeb, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica, que vai cuidar das crianças desde a creche até o ensino médio, garantindo que as crianças mais pobres que hoje entram na escola com 7 anos possam entrar na creche, possam ter pré-escola e escola. Ou seja, quando começar o ensino fundamental, que esta criança já tenha formação para poder evoluir na escola (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 09 de janeiro de 2006).

Para falar da geração de empregos, o presidente esclarece as ações em prol do biodiesel:

É um programa que eu tenho como o programa dos meus sonhos, porque é um programa que vai permitir que algumas regiões mais empobrecidas do país, por exemplo, no Nordeste brasileiro, a região do semi-árido, em Minas Gerais, por exemplo, o Vale do Jequitinhonha, no Norte do país, no estado do Amazonas, do Acre, do Amapá, no Pará, a gente vai poder produzir biodiesel de dendê.

Então, vai ser uma revolução na geração de empregos, sobretudo para a agricultura familiar (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 06 de fevereiro de 2006).

Ao tratar da educação, o presidente explica sobre a intenção do governo de levar a universidade pública também para o interior, para facilitar o acesso de regiões menos favorecidas: “Luiz, primeiro, quero cumprimentar os nossos ouvintes e dizer ao povo brasileiro que está nos ouvindo que nós estamos fazendo as extensões universitárias, tirando

braços da universidade das capitais e levando, na verdade, para o interior” (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 20 de fevereiro de 2006).

Para tratar de assuntos referentes à saúde do brasileiro, o presidente argumenta que o seu governo está investindo muito nessa área para facilitar a vida do brasileiro: “Antes de falar da Farmácia Popular, é importante dizer ao povo brasileiro o seguinte: o nosso governo tem feito um forte investimento para facilitar a vida das pessoas que precisam de um tratamento de saúde” (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 27 de março de 2006).

O desenvolvimento do país também é um assunto bastante discutido nas entrevistas e o presidente utiliza seus projetos em desenvolvimento para mostrar a evolução do país:

O PAC, Luiz, tem três coisas importantes. Uma, são as mudanças em algumas coisas na área econômica que vão permitir maior flexibilidade para investimentos, que passam pela desoneração. Uma outra coisa importante são as mudanças legislativas, que é para tentar destravar o País de coisas que, às vezes, demoram meses para acontecer. E a outra é a decisão do investimento em infra-estrutura, ou seja, o que é que nós temos de prioridade na parte de gasodutos, na parte de energia elétrica, na parte de rodovias, na parte de portos, aeroportos, na parte de hidrovias (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 29 de janeiro de 2007).

Quando o assunto é desenvolvimento, o presidente Lula discorre sobre o avanço do Brasil no setor de biodiesel e o coloca de maneira incomparável diante de outros países: “O Brasil vive um momento muito interessante, eu diria, um momento auspicioso, porque detém a tecnologia da produção de álcool como nenhum outro país do mundo detém” (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 12 de fevereiro de 2007).

Outro assunto muito recorrente no programa de entrevistas é o da moradia, tratado a partir do saneamento básico, atenção às favelas: “O governo está funcionando, nós estamos agora numa fase de concretização de projetos do PAC na área de saneamento básico, de habitação, e na área de urbanização de favelas” (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 26 de fevereiro de 2007).

O presidente mostra-se também preocupado com as relações internacionais e a possibilidade de o Brasil fazer acordos com países estrangeiros:

Eu penso que os Estados Unidos precisam conhecer a fundo a tecnologia brasileira na produção de etanol. Acho que eles têm de conhecer a fundo os programas de biodiesel que nós estamos introduzindo no Brasil, até porque, todo mundo está acompanhando com muita preocupação o aquecimento do Planeta (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 05 de março de 2007).

Para diversificar o tratamento e enfoque dados aos temas, o programa recorre também a alguns convidados do ministério³, que demonstram a mesma finalidade discursiva ao tratar os assuntos mais polêmicos e preocupantes do país, ou seja, tentam demonstrar que o governo consegue diagnosticar os problemas e solucioná-los de forma eficiente, como nesta entrevista em que o ministro da educação, Fernando Haddad, falou sobre problemas enfrentados pela escola pública brasileira:

Nós, em 2005, realizamos uma prova chamada Prova Brasil, que foi aplicada a 3 milhões e 300 mil estudantes da 4ª e da 8ª séries do ensino fundamental. Com base nisso, nós temos hoje uma grande radiografia das escolas que vão bem, das escolas que não vão tão bem, dos sistemas municipais que estão em patamares de desenvolvimento equivalentes aos de países desenvolvidos, sistemas municipais que estão muito aquém do desejado. Agora, trata-se do Ministério da Educação apoiar aqueles sistemas que estão com os piores indicadores e promover a qualidade em todo o País (Ministro Fernando Haddad. Programa de rádio “Café com o Presidente”, 19 de março de 2007).

O salário mínimo também aparece como assunto central nas entrevistas analisadas:

Hoje, os trabalhadores estão tendo um ganho melhor, por quê? Porque a economia está crescendo, o número de empregos está crescendo, os empresários estão ganhando mais dinheiro e estão dividindo um pouco desse dinheiro nos acordos salariais (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 30 de abril de 2007).

Cada um dos programas aborda assuntos diferentes (que se repetem periodicamente), mas sempre com o foco no eleitor que enfrenta problemas cotidianos básicos como falta de moradia, dificuldade de acesso à educação, saúde, transporte, desemprego, baixos salários, ou seja o conteúdo temático se volta para uma finalidade discursiva específica: convencer o ouvinte de que o presidente executa ações governamentais que ajudam o povo brasileiro, que resolvem os problemas da classe mais baixa e que auxiliam no crescimento e desenvolvimento do país. E a entrevista orienta o discurso quanto à posição adotada pelo presidente e seu governo a respeito desses temas. Os argumentos do presidente em favor de suas ações para resolver os problemas citados acima sempre aparecem nas respostas e mesmo nas retomadas do entrevistador.

³ Nas entrevistas analisadas, os convidados mais frequentes do programa são o Ministro da Educação e o Ministro da Saúde.

Como o programa de entrevistas tem o objetivo de mostrar que sua função primeira é informar o cidadão brasileiro, sua estrutura composicional bem como seus elementos organizacionais não variam muito. Conforme já informado, o programa tem duração de mais ou menos seis minutos e segue sempre o mesmo padrão: inicia-se com a saudação do entrevistador aos ouvintes e ao entrevistado, o presidente; apresenta brevemente o assunto a ser tratado no dia e começa os questionamentos, que geralmente são resumidos e sem muitos comentários que aprofundem ou questionem mais apuradamente as respostas. Durante o programa, o entrevistador usa o slogan para situar o ouvinte (que pode ter acabado de ligar o rádio): “Esse é o Café com o Presidente, o programa de rádio do presidente Lula.” E logo em seguida retoma o assunto com uma nova pergunta.

No programa de entrevistas “Café com o Presidente”, a construção composicional da prática discursiva não apresenta muitas variações. Os elementos organizacionais desse gênero são, de certa forma, fixos. No início da entrevista o jornalista cumprimenta o presidente e os ouvintes, conforme o exemplo a seguir: “Olá, você, em todo o Brasil. Eu sou Luiz Fara Monteiro e começa o “Café com o Presidente”, o programa de rádio do presidente Lula. Tudo bem, Presidente?” (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 09 de abril de 2007). Em seguida, o presidente responde ao cumprimento: “Tudo bem, Luiz.”

Após os cumprimentos, o entrevistador faz uma breve apresentação da agenda do presidente para a semana e já introduz uma pergunta:

Presidente, nesta quarta-feira o senhor vai ao Rio de Janeiro participar da assinatura de contratos para a construção de mais nove navios da Transpetro. Há 20 anos, não havia encomenda de navios no Brasil e agora as encomendas começam a acontecer. Já dá para falar em renascimento da indústria naval brasileira? (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 09 de abril de 2007).

Iniciado o processo de entrevista, o presidente tem o espaço maior para direcionar suas respostas e incluir explicações que achar pertinentes. Na estrutura da entrevista, percebe-se que as perguntas são muito curtas e objetivas, e as respostas são longas. Ao final de mais ou menos seis minutos o jornalista encerra a entrevista e agradece ao presidente: “Ok, Presidente. Obrigado e até a semana que vem.” O presidente também tem um espaço considerável para a despedida e o agradecimento:

Luiz, eu quero dizer para você, antes de me despedir, que finalmente os nossos aeroportos estão tranquilos, numa demonstração de que uma relação

honesto e sincero entre o governo, a sociedade brasileira e os controladores permitiu que o bom senso reinasse no nosso meio. Estou feliz com isso. Eu acho que todo mundo que viajou na Páscoa deve ter visto, nos aeroportos, que as coisas estão tranquilas e é assim que precisa ser. Eu quero agradecer, portanto, a todos que contribuíram para que a gente tivesse uma Páscoa de tranquilidade e dizer ao povo brasileiro que na segunda-feira estaremos outra vez no “Café com o Presidente” (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 09 de abril de 2007).

O encerramento do programa segue sempre o mesmo formato, o agradecimento do entrevistador ao entrevistado, uma despedida cordial aos ouvintes e um lembrete do próximo programa, na semana seguinte: “Obrigado, Presidente. A você, em todo o Brasil, o nosso abraço e até segunda-feira que vem, com mais um Programa” (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 09 de abril de 2007).

As características estruturais do gênero entrevista estão claras no programa, conforme análise anterior, porém, algumas características bem peculiares do gênero argumentativo estão presentes no que tange ao estilo do programa.

Algumas marcas linguísticas caracterizam esse gênero em particular e ficam evidentes no discurso do presidente. As respostas são transmitidas por frases curtas e não muito complexa. A tentativa de explicar muito os assuntos fica clara quando o presidente os “divide” para explicá-los melhor: “Luiz, primeiro, é importante que os nossos ouvintes compreendam que o Brasil vive uma nova fase. Eu penso que as coisas estão muito bem na área econômica.” / “Primeiro, porque eu acho que nós precisamos dar o exemplo de uma pátria civilizada [...]” (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 23 de abril de 2007).

As marcas linguísticas também acentuam o caráter didático que o presidente assume ao direcionar o ouvinte para fatos que considera relevantes no desenvolvimento da entrevista: Luiz, é importante ver o seguinte: o Brasil é o maior país católico do mundo (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 07 de maio de 2007) / “O que nós estamos fazendo é o seguinte: o começo de uma obra que vai mudar a cara do Nordeste, além da siderúrgica em Fortaleza, além da refinaria em Pernambuco” (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 05 de junho de 2006).

Expressões com teor explicativo também estão presentes nas respostas:

Veja, muita gente fala, escreve e dá palpite antes, dizendo que o Papa era extremamente conservador e queria tocar apenas em temas conservadores quando, na verdade, o que aconteceu foi que o Papa teve um comportamento de muito compromisso com as questões sociais (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 14 de maio de 2007).

Os indicadores pessoais também são recorrentes nas respostas do presidente em todas as entrevistas e acompanham expressões que emitem a opinião no enunciado, como “eu acho”, “eu penso”, “eu acredito”: “Eu acho que faz, sobretudo porque o povo brasileiro é um povo de muita fé” (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 07 de maio de 2007) / “Eu acredito, Luiz, que os fatores que estão criando um clima favorável decorrem do fato de nós estarmos com a economia muito equilibrada, com muita estabilidade” (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 21 de maio de 2007).

Os adjetivos e advérbios avaliadores também são frequentemente utilizados pelo presidente em suas repostas, principalmente para elogiar o povo brasileiro, o país e sua equipe de governo: “O povo brasileiro é um povo de muita fé, um povo que tem uma participação muito forte na religião” (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 07 de maio de 2007) / “Eu espero que não apareça ninguém para disputar com o Brasil porque eu acho que o Brasil, como é o país que tem o futebol mais importante do Planeta, como é o país que fez a última Copa em 1950, tem o direito de sediar uma Copa do Mundo” (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 04 de junho de 2007) / “Luiz, na última quinta-feira, nós fechamos com chave de ouro todo o programa de educação que nos propusemos a fazer no nosso mandato” (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 12 de junho de 2006).

O jornalista entrevistador assume uma postura de apenas concordar e compartilhar ideias com o presidente. Não faz uma interrogação apurada e exaustiva sobre os temas, não suscita a palavra do outro, não incita a transmissão de informações e, às vezes, nem introduz um novo assunto (pois o próprio entrevistado o faz) e, com essa postura, não esconde que sua atuação é partidária do presidente. Às vezes ele se anula e sua fala se confunde e se incorpora à do Presidente. Essa característica complacente do entrevistador não é uma constante no gênero entrevista, pois na maioria das vezes, o jornalista tem autonomia para conduzir a conversa da forma mais conveniente e também pretende extrair da entrevista todo o conteúdo que lhe interessa, assim como ao seu receptor. Essa característica corrobora a ideia de que o gênero em questão não pode ser analisado como uma simples entrevista que tem apenas o objetivo de informar. O gênero em questão não é apenas para informar; é mais para mostrar o posicionamento do entrevistado e formar opinião.

Essa postura do entrevistador leva a uma análise de que ele se comporta como um ouvinte do programa e eleitor do presidente, ou seja, o enunciatário do presidente Lula, pois muitas vezes ele apenas reafirma o que o presidente já disse e faz uma pergunta para dar continuidade à resposta de Lula. O próprio presidente, às vezes, age como se o entrevistador fosse seu enunciatário e se dirige diretamente a ele, mas referindo-se ao brasileiro em geral.

Como no trecho a seguir: “Luiz, na verdade, nós vamos fazer duas coisas importantes no Rio de Janeiro, na terça-feira. Eu vou visitar o Centro de Operações Tecnológicas, que é um centro que vai praticamente cuidar do Pan no que diz respeito à informação, no que diz respeito ao controle do Pan” (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 02 de janeiro de 2006).

Não se trata principalmente de um programa de entrevistas para informar o cidadão brasileiro e mantê-lo a par da agenda do presidente. Não é uma entrevista feita nos mesmo moldes de uma entrevista de um jornal ou televisão, sem ligação com o governo. O jornalista que entrevista o Presidente já sabe com antecedência que não está ali para criar situações embaraçosas. É um momento de aproximação com um possível eleitor para mostrar que as reivindicações de uma coletividade estão sendo atendidas, que o governo está trabalhando incansavelmente em prol do país, que o presidente se preocupa com a população que o elegeu. A impressão que se tem do programa semanal é que ele procura esclarecer fatos cotidianos e se aproximar de seu ouvinte, além de orientá-lo a um entendimento das ações políticas do governo, sempre de forma positiva, enaltecendo o presidente, o partido e seus partidários. Um dos vários exemplos é quando o presidente tenta tranquilizar as mães que têm filhos com idade para ingressar na Universidade:

Eu estou dizendo tudo isso para tranquilizar, sobretudo as mães, que às vezes ficam angustiadas, que veem que o seu filho não conseguiu passar para fazer um curso na universidade federal e não pôde pagar uma universidade particular. Agora, nós estamos resolvendo esse problema porque nós queremos mais jovens na universidade brasileira (Programa de rádio “Café com o Presidente”, 02 de janeiro de 2006).

Sendo, então, um gênero argumentativo que faz parte do domínio discursivo político, não se pode esquecer que toda linguagem pronunciada nesse campo específico (mas não apenas nesse campo, pois tudo na linguagem é axiológico) é carregada de valores, intenções e objetivos; não pode ser entendida como transparente e ingênua.

O programa funciona como um suporte de comunicação em que são veiculadas informações e impressões a um grupo de enunciatários, com objetivo de influenciar pessoas, alcançar a comunidade e convencer sobre o bom andamento do governo.

Como o programa é produzido e veiculado pelo Governo Federal, as informações são selecionadas e recortadas de acordo com o objetivo da equipe de governo, as respostas entrelaçam os fatos, as notícias e a realidade dando-lhes um sentido próprio. O próprio gênero entrevista proporciona essa possibilidade e mais ainda ao se tratar de uma

entrevista que tem sempre o mesmo formato, o mesmo entrevistador, o mesmo entrevistado e o mesmo objetivo.

Como o programa é gravado e exibido posteriormente, o que acontece em sua produção e edição não é do conhecimento dos ouvintes, justamente porque pretende expor determinada imagem do presidente Lula e seu governo. Por expressar a opinião de um presidente em exercício e toda sua equipe de governo, a entrevista dirige sua argumentação a um enunciatório específico e pré-definido, embora tente parecer uma entrevista que dialoga com o brasileiro em geral.

As respostas do presidente Lula podem ser vistas como respostas a perguntas implícitas na mídia e questões colocadas por seus adversários sobre suas estratégias de governo. O presidente faz questão de sempre ter um estilo muito otimista e esperançoso, não abre mão de tecer bons comentários e elogios sobre seus planos de governo em desenvolvimento, de mostrar como o país está progredindo em seu governo, como se esse otimismo respondesse, não apenas aos ouvintes do programa de rádio, mas também aos seus adversários.

O programa tem um objetivo implícito: fazer propaganda positiva do presidente Lula e, para isso, ele tem o caminho livre para direcionar as conversas, mediar os assuntos, abordar os aspectos mais positivos para seu governo e também para, indiretamente, responder às críticas e comentários negativos sobre sua forma de governo e, de certa forma, dialogar com seus adversários e partidários.

Embora o gênero entrevista busque manter certo teor de neutralidade para estabelecer uma relação de transparência e verdade com seu ouvinte, ela não existe, pois a linguagem e o discurso sempre contêm intencionalidade. As próprias escolhas temáticas e o modo de desenvolvê-las nas repostas das entrevistas revelam, de acordo com as análises anteriores, mesmo que sutilmente, uma direção, um caminho escolhido para argumentar e persuadir.

É possível refletir também que embora a temática e a construção composicional nos façam classificar o programa em questão como entrevista, o seu contexto comunicativo permite pensar em um deslocamento do gênero. Ou seja, o programa parece uma entrevista mas tem o teor, o estilo de propaganda da imagem positiva do presidente Lula construída por meio do discurso explorado no programa.

As diversas formas discursivas permitem e até direcionam certa liberdade de uso dos gêneros e como os gêneros não podem ser pensados fora de uma dimensão de espaço e tempo, pode-se concluir que o presidente Lula aproveita o espaço do programa,

caracterizado como de entrevistas, cujo objetivo principal parece ser a informação, para referendar e reafirmar a sua competência política e de governante.

A própria constituição dialógica permite o hibridismo dos gêneros, por isso Bakhtin (2003) afirma que eles não podem ser estudados de maneira tão sistematizada e, além disso, os gêneros discursivos têm a propriedade de unir e dinamizar as relações entre pessoas. Analisando o programa de entrevistas a partir desses conceitos é possível afirmar que sua finalidade implícita é mostrar o lado positivo do mandato presidencial, pois se o programa é produzido e exibido pelo Governo Federal, existe, de certa forma, total autonomia para a seleção do que se deve mostrar aos ouvintes, ou seja, do que é favorável ao governo.

A construção composicional do gênero entrevista é relativamente fixa, mas a seleção do conteúdo temático e o estilo podem ser adaptados às reais intenções do interlocutor. Os temas tratados nas entrevistas analisadas corroboram a idéia de que foram cuidadosamente escolhidos para mostrar, informar, corrigir, agradar, esclarecer e, em nenhuma entrevista analisada, nota-se a presença de assuntos que não favoreçam a imagem positiva do presidente. Esse fato não é comum a qualquer tipo de entrevista, pois dependendo do programa ou do entrevistador, as questões levantadas nas perguntas podem ser polêmicas e até mesmo negativas para imagem do entrevistado.

O estilo do programa “Café com o Presidente” também colabora para a hibridização e deslocamento do gênero em questão. Nota-se, nas análises, que o presidente escolhe muito bem o vocabulário que utiliza e a forma como se expressa para seus ouvintes, característica que auxilia no fato de que o objetivo do programa é fazer propaganda positiva do presidente, por isso elege uma forma de expressão determinada.

É possível perceber que o discurso do presidente Lula é entremeado por outras vozes, vozes de seu passado de trabalhador humilde e operário, vozes de um sindicalista que lutou e esperou anos até conseguir chegar ao poder, vozes de partidários e colegas de governo que cobram postura de governante, vozes de um político que comanda um país e é imensamente vigiado, cobrado e analisado, enfim, vozes de um passado, de um presente e de uma expectativa de futuro, vozes que sempre estão por trás de um discurso, principalmente quando se trata de discurso político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso, mais do que uma representação verbal (oral ou escrita), não-verbal, sincrética do mundo, é um elemento constitutivo do próprio homem e da história, capaz de realizar a formação e a transformação humana e da realidade. É por meio dele que o sujeito se constrói e, conseqüentemente, constrói a sua “verdade”. A língua natural não é nunca denotativa, ao contrário, possui vários planos. Conviver com essa constante ameaça da metáfora é normal, faz parte da condição do ser. A produção do sentido não é uma e só se constitui se apresentar a própria transformação do sentido, ou seja, a significação, o simulacro da verdade, construída no discurso e pelo discurso. O cerne das preocupações da semiótica é, sempre foi, os modos de significar, os sentidos advindos de encontros e desencontros entre sujeitos e objetos de valor.

Nesse campo confuso e difuso, encontra-se também uma vertente específica do discurso: o discurso político. O campo político é palco de grandes confrontos e da busca incessante de sujeitos em busca de objeto-valor, de atores que manipulam e são manipulados, que constroem e desconstroem contratos de veridicção para convencer seu enunciatário, atores que se revestem das mais diferentes figuras e retomam os mais variados temas para chegar à conjunção com seu objeto de valor.

A linguagem do discurso político, ao cumprir seu papel comunicativo, estabelece também a posição do sujeito da enunciação. E constrói uma imagem que estabelece relação de proximidade e comunhão de ideias, posturas, pensamentos e projetos com o enunciatário, que precisa aceitar como verdadeira a imagem construída pelo enunciador, para estabelecer o contrato de veridicção.

O discurso político está intrinsecamente atrelado a elementos argumentativos e persuasivos, que levam à afirmação de que o discurso proferido no campo político apresenta-se como um jogo de máscaras, pois nem sempre as afirmações podem ser entendidas como verdadeiras. Existe um jogo de ser e parecer ativado pelo discurso político que pré estabelece o que pode e deve ser dito para alcançar a adesão do enunciatário alvo.

Assim, para que um político obtenha sucesso em seu discurso, faz-se necessário que ele conheça as necessidades, os anseios e os desejos do povo, que tenha

conhecimento dos problemas do povo para suas propostas de governo serem reconhecidas pelo enunciário como importantes.

Nesse aspecto, o discurso e a postura do ator Lula, analisados nesta tese, convergem para o campo político, pois na relação semiótica do ser e parecer, o ator Lula se configura como presidente na aparência, mas na essência é candidato. Altera seu papel temático apenas na aparência.

Nas entrevistas dos diversos programas analisados, Lula alterna frequentemente o uso da debreagem enunciativa e da debreagem enunciva. Quando se apresenta como “eu”, ele é a pessoa física, o cidadão, o sujeito cognitivo que possui, na dimensão cognitiva, o saber: sabe dos problemas enfrentados pelo povo, conhece as angústias e aflições da população e sabe o que o povo espera de um governante. Quando utiliza o “nós”, ele é o presidente, representa a ideologia do seu partido e assume-se como sujeito pragmático, que nessa dimensão, possui a competência para realizar a performance esperada pelo enunciário. Lula, enquanto sujeito pragmático, é o presidente que pode resolver os problemas enfrentados pela população, ele possui não apenas o saber, mas também o poder-fazer. Antes de se assumir como sujeito cognitivo e pragmático, nas propagandas analisadas na Dissertação de Mestrado (LUDOVICE, 2008) seu discurso instaurava um querer-fazer e um dever-fazer para ativar o contrato de veridicção e estabelecer uma cumplicidade com o povo. Modalizado pelo querer e pelo dever, no papel temático de candidato, Lula construiu uma imagem de político preocupado com as injustiças, que se importa com a população, se interessa pelos seus problemas e se sente na obrigação de resolvê-los.

No nível narrativo, o sujeito Lula está em busca de objetos de valor como eleitores, adesão popular, presidência da república, objetos que representam o poder que o sujeito busca.

No nível discursivo, o ator Lula alterna seus papéis temáticos, ora ele assume o papel temático de presidente, modalizado pelo fazer, realiza projetos, ajuda no desenvolvimento do país, resolve os problemas do povo; ora assume o papel temático de candidato, modalizado pelo saber, ele sabe o que o povo precisa, relembra seu passado humilde e próximo do povo, entende e compartilha os problemas e as necessidades do povo e assim chega, afinal, ao papel temático de salvador, modalizado pelo sentir, compartilha e entende tanto os problemas da população que gera o efeito de sentido de que é povo. Mas é apenas uma construção de sentido, pois ele não é mais povo, foi povo, sabe dos problemas do povo, mas agora é presidente e pode resolver os problemas da população e as injustiças sociais.

O ator Lula, no papel temático de candidato, reveste seu discurso de figuras que o aproximam do povo, algumas muito próximas das figuras utilizadas em sua propaganda eleitoral. O próprio nome do programa, “Café com o Presidente”, remete à ideia de proximidade com o povo, reativa no imaginário popular a cumplicidade e o companheirismo que o discurso de Lula sempre faz questão de reavivar, como os fatos de sua vida no passado pobre e humilde, as dificuldades e privações enfrentadas. Enquanto o ator Lula, no papel temático de presidente, utiliza em seu discurso figuras que enfatizam seu apoio ao povo, ao desenvolvimento do país.

O tom didático e informal utilizado para explicar os fatos e retomar os assuntos tratados pela mídia gera o efeito de sentido de aproximação com o povo e constrói, assim, seu enunciatário, povo humilde, pobre, que enfrenta dificuldades e privações.

No papel temático de presidente, o ator Lula constrói o *éthos* de sujeito competente e experiente, pois possui o saber e o poder fazer, ele pode salvar o povo, ser o herói de uma população que sonha com a aquisição de produtos básicos e que encontra nele um salvador.

Esta pesquisa foi motivada pelo objetivo geral de analisar a construção do ator Lula no programa de entrevistas “Café com o Presidente” e a hipótese principal levantada foi a de que o ator Lula continuava, mesmo depois de eleito e reeleito, tentando manter uma imagem positiva e de cumplicidade com os eleitores, ou seja, continuava fazendo campanha, mesmo depois de eleito presidente e sabedor de que constitucionalmente estaria impedido de se candidatar a um terceiro mandato. Se como candidato o ator Lula construía a imagem de político capaz de dar voz ao povo, agora, já como presidente reeleito, a imagem que ele quer construir é a de homem de ação, capaz de agir e transformar o país para o povo. Nas suas entrevistas, a nota dominante é o seu fazer administrativo, a prestação de contas do que vem fazendo e do que fará em benefício do seu povo.

O aparato teórico e metodológico desta pesquisa foi desenvolvido pensando nas análises a que dariam suporte e tentando também debater essa tese inicial. O *corpus* foi dividido em dois períodos, anterior e posterior às eleições de 2006 para, justamente, checar e, ao final, como foi o caso, comprovar que não houve alteração da imagem construída pelo presidente, no momento em que era presidente e candidato à reeleição e no momento em que já era presidente reeleito.

Com base nas análises foi possível comprovar que o ator Lula se constrói, nos dois momentos analisados, com um sincretismo de papéis temáticos: presidente e candidato e

por meio da alternância desses dois papéis temáticos, mostra-se como sujeito competente para realizar a performance esperada e desejada pelo enunciatário.

As análises demonstraram que nos dois períodos analisados, o ator Lula aspectualizado como presidente ou como candidato, evidencia a preocupação em construir e apresentar uma imagem de político compromissado e preocupado com seus eleitores e com o bem-estar da população brasileira. As figuras utilizadas em seu discurso retomam os temas da saúde, da educação, do esporte, do emprego, da habitação e recobrem o seu discurso de tal forma ele seja entendido como um parecer verdadeiro pelo seu enunciador.

Na tentativa de persuadir e convencer seu eleitorado, o ator Lula utiliza os projetos e as obras desenvolvidas no seu primeiro mandato e apresenta seu plano de governo como continuidade dessas obras. Em seu discurso, destaca-se também a presença de informações concretas, números, pesquisas para comprovar tudo que fez pelo país e convencer de que vai continuar fazendo. O enunciatário, ao reconhecer as figuras do discurso em seu mundo natural, crê na verdade do presidente e acredita na possibilidade de obter os valores a que essas figuras remetem: casa própria, emprego, curso superior e outros benefícios.

Pelo percurso analítico foi possível perceber que o ator Lula vai se construindo como presidente e como candidato, objetivando mostrar como seu governo é bom e como ele é um presidente capacitado. O percurso do ator Lula é constituído pelos programas de competência e de performance, ou seja, constrói-se como sujeito competente do fazer e com habilidade para executar o fazer, mostrando-se como sujeito realizador. Ao construir-se como sujeito competente, que quer, pode e sabe fazer, consegue a performance de continuar sendo o Presidente da República. Dessa forma, seu *ÉTHOS* é de sujeito competente, que sabe e pode fazer, ou seja, ele pode resolver os problemas do país e pode ajudar o povo brasileiro.

Também por meio das análises, foi possível verificar que o *corpus* do trabalho, não é propriamente um programa de entrevistas cujo objetivo principal seria informar o cidadão, é mais do que isso, é um momento de aproximação entre enunciador e enunciatário.

Embora a temática e a construção composicional do programa leve a uma classificação inicial de programa de entrevistas, o seu contexto comunicativo faz pensar em um deslocamento de gênero. O objetivo implícito do programa é fazer propaganda positiva do presidente.

A construção composicional do gênero entrevista é relativamente fixa, mas o conteúdo temático e o estilo podem ser adaptados às reais intenções do interlocutor, como

acontece no programa “Café com o Presidente”. O programa parece uma entrevista, mas tem o estilo de propaganda da imagem do presidente Lula.

A constituição dialógica da linguagem permite esse hibridismo dos gêneros, tanto que na concepção bakhtiniana eles não podem ser estudados de maneira tão sistematizada, pois os gêneros do discurso têm a propriedade de unir e dinamizar as relações entre pessoas.

A semiótica é uma teoria que propõe o seu percurso em busca da explicação do sentido, ou melhor, da possibilidade de descrição do sentido, do parecer do sentido. Ela serviu-nos de arcabouço teórico para analisar o discurso político de Lula, uma vez que orienta a leitura do discurso a partir também das camadas mais profundas do texto. Um discurso político tem que ser lido pelo que explicita, mas principalmente pelo que não aparenta.

O parecer de sentido ou efeito de sentido é manifestado e apreendido pelos discursos das mais variadas formas, através dos sujeitos, dos objetos de valor, das figuras, dos temas, da busca incessante da semiótica e dos semioticistas para dar sentido.

O ator Lula constrói uma imagem sólida e de cumplicidade com o povo. Em seu percurso histórico, desde o tempo em que era sindicalista, notam-se claramente mudanças em sua aparência e em seu discurso, mas essas mudanças não abalam a imagem construída perante o povo. Ao contrário, o ator Lula aproveita toda a sua história de vida e a apresenta sempre de maneira favorável à construção de sua imagem. O ator Lula constrói perante a população a imagem que mais agrada, que mais emociona e que mais causa o efeito de sentido de cumplicidade e proximidade com o público. Essa imagem não é construída apenas pelos programas radiofônicos ou pela publicidade eleitoral, essa imagem é construída contínua e cotidianamente pela figura política de Lula, os discursos que produz e que se produz sobre ele.

Embora essa imagem possa desagradar uma parcela da população, ainda assim, Lula se apoia na imagem que o povo quer e precisa. Talvez porque o povo represente a maioria, talvez porque Lula se identifique mesmo com o povo, talvez porque ele quer revidar as críticas e comentários da oposição. Mas a realidade mostra que ele foi presidente por duas vezes e tem a popularidade em ascensão.

Então, embora não seja mais “parte do povo”, “foi povo” e conseguiu manter essa imagem popular atrelada a si, mesmo depois de ser presidente da República por duas vezes. E mesmo “não sendo mais povo”, consegue a adesão popular, pois possui a competência para realizar a performance de mudar a condição de vida do povo, possui o saber e o fazer necessários para resolver os problemas da população brasileira. Consegue, assim,

entrar em conjunção com seu objeto de valor e causar o efeito de sentido de que o povo também está em conjunção com seus objetos de valor almejados.

A teoria Semiótica conduziu a análise e nos proporcionou desvendar como o ator Lula constrói seu discurso e, conseqüentemente, sua imagem, revestindo-a de figuras, temas, embreagens e debreagens, papéis temáticos e actanciais que o constituem como ator do discurso e, a partir disso, verificamos os modos de construção do *éthos* de Lula como político comprometido com as causas populares.

Esperamos com esta pesquisa ter dado alguma contribuição aos modos de uso do aparato teórico da Semiótica na análise do discurso político e da construção do *éthos* de um homem público e, especialmente, no caso desta tese, da figura de Lula, no exercício da presidência da República Federativa do Brasil.

Para encerrar este trabalho, valemo-nos de Guimarães Rosa, o mágico criador do *Grande sertão: veredas*, que em uma de suas últimas entrevistas, assim se expressou:

Talvez eu seja um político mas desses que só jogam xadrez, quando podem fazê-lo a favor do homem. Ao contrário dos 'legítimos' políticos, acredito no homem e lhe desejo um futuro. Sou escritor e penso em eternidades. O político pensa apenas em minutos. Eu penso na ressurreição do homem.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suarez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

Alfa. *Revista de Lingüística. Enunciação e figuratividade*. São Paulo, v. 48. n. 2

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1964.

_____. *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M./ VOLOSHINOV, V.N. "Le discours dans la vie et le discours dans la poésie". Contribution à une poétique sociologique. In: TODOROV, T. (1981). *Mikhaïl Bakhtine, le principe dialogique*. Paris: Seuil. p. 181-216. (Trad. port. não publicada: Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza).

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

_____, D. L. P. de. *Teoria Semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005.

_____, D. L. P. de. A publicidade na cidade: construção e transformação de sentidos. In: MATTE, Ana Cristina Fricke (org.). *Língua(gem), texto e discurso: entre a reflexão e a prática*. v 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. São Paulo: EDUSC, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, números*. Trad. Vera da Costa e Silva (et al.). Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. 7. ed.

CIRLOT, Juan-Eduardo. Dicionário de símbolos. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

CORTINA, A. MARCHEZAN, R. C. Teoria semiótica: a questão do sentido. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. v 3. São Paulo: Cortez, 2004.

CORTINA, A. MARCHEZAN, R. (orgs.). *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004.

COURTÉS, Joseph. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfozes do discurso político*. São Paulo. Ed. Clara luz, 2006.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

EVERAERT-DESMEDT, N. *Semiótica da narrativa: método e aplicação*. Coimbra: Almedina, 1984.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

_____, J. L. O *pathos* do enunciatário. In: *Alfa*. Revista de Linguística. V. 48, n. 2. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2004, p. 69-78.

_____, José Luiz. O *ÉTHOS* do enunciadador. In: CORTINA, Arnaldo & MARCHEZAN, Renata Coelho (Org.). *Razões e sensibilidades. A semiótica em foco*. São Paulo: Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica, 2004 (Série Trilhas Lingüísticas, v. 6), p.117-138.

_____, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2005.

_____, J. L. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLOCH, Jean-Marie. *Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral*. São Paulo: Centro de pesquisas sociosemióticas, 2001.

FONTANILLE, Jacques & ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Tradução de

Ivã Lopes, Luis Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Humanitas, 2001.

_____, J. *Dictionnaire des passions littéraires*. Paris: Belin, 2005.

_____, J. *Semiótica do discurso*. Trad de Jean Cristus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.

GREIMAS, A. J. Os atuantes, os atores e as figuras. In: CHABROL, Claude. *Semiótica narrativa e textual*. Tradução de Leila Perrone Moisés, Jesus Antônio Durigan e Edward Lopes. São Paulo: Cultrix, 1977.

GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. Trad. Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GREIMAS, A. J. FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

GREIMAS, A. J. COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Vários tradutores. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Trad. Ana Cristina Cruz Cezar (et al.). Petrópolis: Vozes, 1975.

LANDOWSKI, E. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

_____, E. *O gosto da gente, o gosto das coisas: abordagem semiótica*. São Paulo: EDUC, 1997.

_____, E. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LOPES, Edward. *Metáfora: da retórica à semiótica*. São Paulo: Atual, 1986.

LOPES, I. C. HERNANDES, N. (orgs.). *Semiótica: objetos e práticas*. São Paulo: Contexto, 2005.

LUDOVICE, Camila de Araújo Beraldo. *A construção do ator Lula na campanha eleitoral de 2006: uma análise semiótica*. Orientador: Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento. –

2008. 121f. :30c. Dissertação de Mestrado – Universidade de Franca – Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu.

MACHADO, Irene. *Gêneros discursivos*. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCHEZAN, Renata C. *Diálogo*. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto: 2006.

O ESTADO DE SÃO PAULO. *Manual de redação e estilo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1990.

OLIVEIRA, Ana Cláudia; LANDOWSKI, Eric. *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algardas Julien Greimas*. São Paulo: EDUC, 1995.

OLIVEIRA, Ana Cláudia (org.). *Semiótica Plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

OSAKABE, Haqira. *Argumentação e discurso político*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERELMAN, Chaim. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIETROFORTE, A. V. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.

SHERWOOD, Hugh C. *A entrevista jornalística*. São Paulo: Mosaico, 1981.

SILVA, Ignácio Assis. *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

TATIT, Luiz. *Musicando a semiótica: ensaios*. São Paulo: Annablume, 1997.

_____, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

ENTREVISTAS

SILVA, Luiz Inácio Lula da. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 2 de janeiro de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Spensy Pimentel. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 9 de janeiro de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 16 de janeiro de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 23 de janeiro de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 30 de janeiro de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 6 de fevereiro de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 13 de fevereiro de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 20 de fevereiro de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 27 de fevereiro de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 6 de março de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 8 de março de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 13 de março de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 20 de março de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 27 de março de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 3 de abril de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 10 de abril de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 17 de abril de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 24 de abril de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 1 de maio de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 8 de maio de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 15 de maio de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 22 de maio de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 29 de maio de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 5 de junho de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 12 de junho de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 19 de junho de 2006. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 29 de janeiro de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 5 de fevereiro de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 12 de fevereiro de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 26 de fevereiro de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 5 de março de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 12 de março de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 19 de março de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 26 de março de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 2 de abril de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 9 de abril de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 16 de abril de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 23 de abril de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 30 de abril de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 7 de maio de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 14 de maio de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 21 de maio de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 28 de maio de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 4 de junho de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 11 de junho de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 18 de junho de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.

_____. Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Rádio Nacional, 25 de junho de 2007. Entrevista concedida ao jornalista Luiz Fara Monteiro. Disponível em www.radiobras.gov.br. Acesso em: 17 fev. 2009.